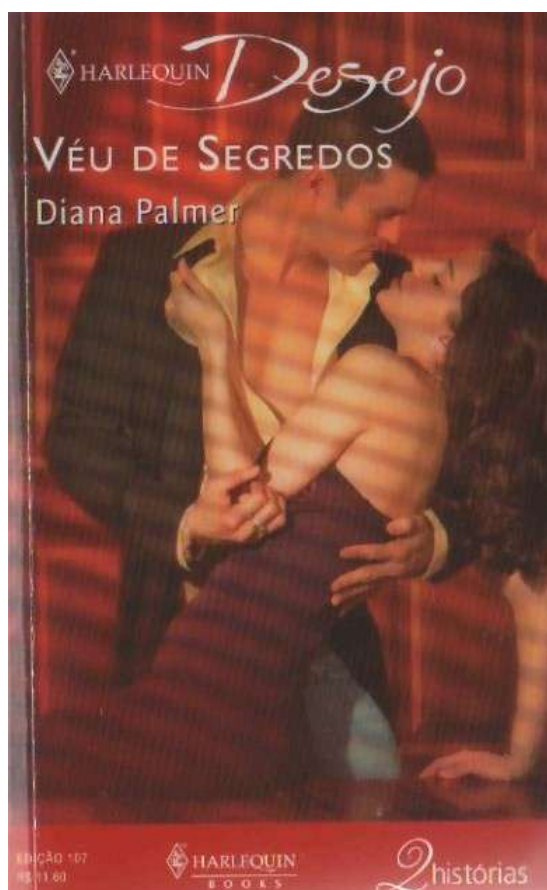


Vendada

(Hoodwinked)

Diana Palmer



Maureen Harris é secretária da MacFaber, uma empresa fabricante de aviões. Após uma sabotagem, ela decide acrescentar um pouco de emoção a sua vida e fazer sua própria investigação. Maureen suspeita do mais novo e rebelde mecânico da companhia, mas fica chocada ao se ver seduzida por ele. No entanto, Jake Edwards guarda um segredo capaz de chocá-la ainda mais...

Digitalização: Tinna
Revisão: Bruna Cardoso





Tradução: Deborah Barros

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HOODWINKED

Copyright © 1989 by Diana Palmer

Originalmente publicado em 1989 por Silhouette Desire

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREU'8 SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 2524-8037

Impressão: RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11)2148-3500 www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora SA

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-31862195-31852195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

MAUREEN Harris já estava uma hora atrasada para o trabalho. Diversas coisas tinham conspirado para arruinar sua manhã. A máquina de lavar em seu pequeno duplex transbordara, suas últimas meias de nylon haviam rasgado assim que ela as vestira, não encontrara as chaves do carro... Entrou nos escritórios da Corporação MacFaber com as pernas nuas, seus longos cabelos pretos ameaçando cair do coque trançado no topo da cabeça, a saia manchada de café, que Maureen tinha tomado num copo descartável que comprara no caminho enquanto dirigia para lá.

Um homem alto e forte apareceu quando ela estava virando o corredor, o copo ainda na mão. Maureen colidiu com ele, caiu para trás, e o copo de café pareceu tombar em câmera lenta, despejando seu conteúdo sobre o carpete, espirrando nele e manchando ainda mais a sua saia.

Ela sentou-se no chão, rapidamente pegando seus óculos que caíram, e colocando-os, de modo que pudesse ver. Ergueu os olhos verdes para o homem muito sério de macacão cinza.

— Não paguei minha conta telefônica na data certa — disse ela sem propósito. — A companhia telefônica tem maneiras de se vingar, sabia? Eles fazem sua máquina de lavar roupa vazar, arruinam suas meias e a impulsionam a atropelar um estranho e derrubar café nele.

Ele arqueou uma sobrancelha. Não era exatamente bonito. Parecia mais um pugilista do que um mecânico, mas vestia um macacão de mecânico. Os olhos escuros a percorreram curiosamente e um sorriso fraco surgiu na boca, que parecia esculpida de pedra. Era uma boca máscula, larga e sexy. Ele parecia romano, na verdade, desde o nariz imponente até a expressão taciturna. Maureen sabia tudo sobre expressões taciturnas; uma vez fizera um curso de artes e passara várias horas sonhando com romanos imponentes. Aquilo tinha sido anos antes, claro, antes de descobrir a realidade e se contentar em ser secretária júnior na Corporação MacFaber.

Como ele não falou nem estendeu a mão para ajudá-la, ela se levantou, olhando tristemente para o tapete cor de champanhe manchado de café.

— Desculpe ter trombado com você. Não foi de propósito. Realmente não sei o que fazer. — Maureen suspirou. — Talvez eu deva me demitir antes de ser despedida.

— Quantos anos você tem? — perguntou o homem. Possuía uma voz muito profunda e aveludada.

— Tenho 24 — replicou ela, vagamente surpresa pela pergunta. Ele achava que ela era muito nova para o emprego? — Mas, no geral, sou muito competente.

— Há quanto tempo trabalha aqui? — Ele a olhou com desconfiança.

— Mais ou menos três meses — confessou ela. — Bem, estou aqui neste novo prédio desde que foi aberto. Mas trabalho para a corporação há seis meses. — Desde antes de seus pais falecerem, ela podia ter acrescentado, mas não fez isso. — Fui escolhida dentre as datilógrafas para assumir uma das vagas das velhas secretárias. Sou muito rápida. Para datilografar, quero dizer... Oh, Deus! Você acha que posso ir buscar algum removedor de manchas e aplicar no carpete antes que alguém veja?

— Chame o pessoal da faxina. É para isso que são pagos — disse ele. — É melhor você se ocupar. MacFaber não gosta de funcionários ociosos. Ou assim ouvi dizer — acrescentou ele friamente.

Maureen suspirou.

— Não acho que ele goste de alguém. De qualquer forma, as pessoas dizem que nunca aparece por aqui, o que é bom.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Elas dizem? Pensei que ele trabalhasse neste edifício.

— Também pensamos — concordou ela. — Mas nós todos viemos do velho edifício de engenharia quando a construção deste prédio terminou, três meses atrás. Secretárias novas foram contratadas. Até mesmo a secretária do Sr. MacFaber, Charlene, é nova, então nenhuma das secretárias jamais o viu. E Charlene trabalha com o vice-presidente encarregado da produção, algo como um intermediário do chefe. — acrescentou ela, inclinando-se para mais perto. — Suspeitamos que ele se disfarce de executivo comum nas reuniões de diretoria.

— Fascinante. — Ele inclinou a cabeça para um lado e quase sorriu. — Ele parece fruto da imaginação de alguém, não é?

Maureen o estudou por um instante. Ele não parecia um homem que sabia sorrir. Era enorme, com uma postura muito autoritária, um rosto grande e olhos escuros e profundos. Os cabelos eram pretos e lisos, e os pulsos revelavam pelos escuros, também. Ela imaginou que talvez todo o corpo dele fosse assim, e estranhou sua súbita curiosidade. Como regra, não se sentia muito à vontade com homens. Era uma mulher comum, mesmo que tivesse uma personalidade alegre e se vestisse bem. Os homens mal a notavam.

— Você é novo aqui? — perguntou Maureen timidamente. — É mecânico, não é? — acrescentou, ajeitando os óculos no nariz. Se pelo menos não usasse óculos... Se pelo menos fosse linda e sexy...

— Sou relativamente novo... — respondeu ele. — E estou usando um macacão de mecânico, então isso deve responder à segunda pergunta.

— Você deve estar trabalhando no novo modelo do jato Faber — disse Maureen, intrigada pela repentina imobilidade do corpo grande quando ela mencionou aquilo.

— Sim — replicou ele. — Você conhece o modelo novo?

— Mais ou menos. O pessoal da informática tem um daqueles gráficos caros, que mostram as modificações que foram feitas no modelo antigo do jato Faber para criar o novo. Mas a performance foi muito ruim no primeiro teste de vôo. É uma pena. Suponho que isso dará uma vantagem à Aviação Peters sobre nós. — Eles eram os concorrentes, e estavam tentando vencer a MacFaber produzindo antes dela um novo design de jato pequeno.

— Pode parecer que eles têm a vantagem, mas não conte com isso — disse ele friamente. — Não é melhor você ir trabalhar?

Maureen corou. Ele parecia muito autoritário. Provavelmente era casado e tinha filhos. Enquanto pegava sua bolsa e o copo de café, ela pensou que ele deveria ter entre 35 e 40 anos. Possuía alguns fios de cabelos grisalhos e linhas no rosto.

— Sou Maureen — apresentou-se. — Qual é o seu nome?

— Jake — respondeu ele brevemente. — Com licença, estou atrasado.

Jake. Ele não tinha cara de Jake... Ela o olhou. Ele era muito grande, atraente e parecia capaz. E a fizera se sentir diferente. Quase impulsiva. Imagine só falar com um homem como aquele e ser ousada o suficiente para perguntar-lhe o nome. Maureen sorriu. Talvez não fosse totalmente sonsa. Aquele era um momento importante de sua vida, e estava satisfeita por ter decidido permanecer em Wichita. Tinha pensado que uma mudança de ares pudesse fazê-la se soltar mais e ajudá-la a se tornar independente e capaz. O que ainda poderia acontecer. Todavia, seu novo colega de trabalho não parecera interessado. Não que Maureen estivesse surpresa. Tinha tão pouca sorte para atrair os homens. Talvez fossem os óculos. Se não ficasse tão míope sem eles, poderia tê-los guardado na bolsa e corrido o risco de conversar com estantes e vasos de plantas.

Maureen entrou na sala de Arnold M. Blake e sentou-se atrás de sua mesa. Olhou para o telefone. Uma linha estava aberta, indicando que o Sr. Blake se encontrava no escritório. Talvez ele não percebesse o quanto ela estava atrasada. Ela apertou o botão da segunda das quatro linhas e ligou para o setor de limpeza.

— Alguém derramou café no carpete da entrada — reportou inocentemente. — Podem mandar uma pessoa da limpeza para cuidar disso, por favor?

Houve um suspiro irritado do outro lado.

— Srta. Harris? Ela engoliu em seco.

— Sim.

— Sem problemas — veio a resposta seca. — Atrasada de novo, não?

Maureen enrubesceu.

— Minha máquina de lavar transbordou.

— Da última vez o problema foi o milk-shake de morango...

— Desculpe — murmurou ela. — É meu carma. Devo ter sido assassina na vida anterior.

— Mandaremos limpar a mancha, não se preocupe. E obrigado pela caixa de balas de amêndoas que você nos trouxe de Nova Orleans — acrescentou a voz. — Nós todos adoramos.

Maureen sorriu com tristeza. Viajara por alguns dias para aprovar a venda da casa de seus pais. Era seu último vínculo com a vida antiga. Eles haviam planejado se mudar para Wichita, Kansas, com ela, mas um trágico acidente de carro lhes tirara as vidas pouco antes da mudança. Maureen quase retornara depois disso, mas tinha decidido que um recomeço ajudaria a amenizar a dor. Portanto, investira o dinheiro que recebera pela venda da casa de seus pais em metade de um dúplex de casas conjugadas, em Wichita, e permanecera lá. Uma vez que já trabalhava na Corporação MacFaber, não precisava se preocupar com as despesas para sobreviver. A idéia das balas de amêndoas surgira tardiamente, e estava satisfeita agora por ter levado a lembrança para o pessoal da limpeza.

— Obrigada. — Ela desligou e olhou para sua saia. Era azul, clara. Nada iria remover aquela mancha.

—Aí está você — disse o Sr. Blake da porta, sorrindo-lhe. — Preciso que escreva uma carta, sita. Harris.

— Sim, senhor. — Pegou bloco e caneta. — Sinto muito, eu me atrasei, derramei café... Tudo deu errado.

— Sem problemas — disse ele. — Entre, por favor. Maureen anotou diversas cartas, todas relativas ao novo design do jato Faber. Não prestou muita atenção ao conteúdo, que era repleto de termos técnicos. Teve de perguntar a ortografia correta de algumas palavras, mas o Sr. Blake era muito paciente e nunca gritava.

Joseph MacFaber, diriam, podia se transformar numa fera quando estava de mau humor, Mas ele era milionário e acostumado a ter tudo do seu jeito. Passava a maior parte da vida tentando se suicidar numa variedade de hobbies perigosos, deixando seus subordinados no comando da Corporação MacFaber em sua ausência. Ele estava no Rio agora, ela ouvira dizer. Estivera fora durante a maior parte do ano, superando a morte da mãe. A Sra. MacFaber tinha morrido num acidente de carro na Europa, diziam as fofocas, e ele ainda estava de luto. Comentavam que era ele quem estava dirigindo o carro, portanto, talvez sofresse de culpa.

O Sr. Blake terminou o ditado e Maureen voltou à mesa para transcrever as anotações em sua máquina de escrever eletrônica.

Era quase hora do almoço quando o Sr. Blake saiu, e Maureen recebeu a correspondência com a qual não podia lidar até que ele voltasse.

Ela geralmente saía para almoçar ao meio-dia, mas se sentia culpada por seu atraso. Então foi até a cantina, comprou um refrigerante e uma barra de chocolate e ficou perto da janela sozinha, comendo. Estava terminando o refrigerante quando o novo mecânico se sentou a uma mesa no meio do salão e abriu a marmita.

Sem querer, Maureen o observou. Ele era tão grande. Não estava acostumada com homens tão másculos, e geralmente não os encarava. Mas ele era incrível. Ela

suspirou, no exato momento que ele olhou para cima e a pegou no ato. Fitou-a como se achasse o interesse de Maureen irritante, e ela enrubesceu enquanto desviava os olhos rapidamente para a janela. Aquilo era absurdo. Ela levou a garrafa de refrigerante para o balcão, e sorriu ligeiramente quando passou pelo mecânico. A intenção do sorriso era lhe pedir desculpas, mas os olhos escuros dele mostraram ainda mais raiva.

Ele voltou o olhar para o café e a ignorou completamente. Ele ainda estava usando o boné e o manteve abaixado, cobrindo parte do rosto. Ela se sentiu desconfortável, como se o estivesse perseguindo, e teve vontade de sumir. A raiva dele a magoara.

Maureen reprimiu os pensamentos sobre o mecânico e passou o resto do dia trabalhando com a correspondência. O Sr. Blake teve uma longa conversa com algum executivo, e, ao final dela, ficou perambulando pelo escritório, preocupado, durante quase uma hora.

— Alguma coisa errada, senhor? — perguntou ela gentilmente.

Ele a olhou, passando uma das mãos pela cabeça quase careca.

— O quê? Oh, não, obrigado, Maureen. Apenas um assunto complicado. Virá um inspetor do governo aqui pela manhã, a propósito. Tente chegar no horário, por favor.

— É sobre a mudança no modelo do jato Faber? Ele sorriu com tristeza.

— Infelizmente, sim. Podemos passar por momentos difíceis em relação à aprovação do design pelo pessoal da aviação.

Maureen assentiu. Logo depois, ele foi embora. Ela ficou até as 18h30 para terminar de responder a correspondência. No momento em que fechou a máquina de escrever e arrumou sua mesa, a maioria dos funcionários já tinha saído do prédio. Quando passou pela sala de MacFaber no caminho para bater o ponto, ouviu barulhos e parou.

Havia uma voz solitária atrás da porta, aparentemente alguém falando ao telefone, soando inflexível e exigente. Maureen imaginou se não seria o próprio J. MacFaber que estava lá dentro. Talvez tivesse voltado antes do Rio. Ela teria de perguntar a Charlene no dia seguinte. Não querendo ser pega espionando a sala do chefe, seguiu em frente, bateu seu cartão e saiu do prédio.

Era um delicioso dia de primavera. Um gramado imaculado estendia-se à frente do edifício, e ela gostava do aroma de botões florescendo nas árvores. O estacionamento estava quase deserto. Havia apenas uma picape vermelha surrada e o pequeno Fusca amarelo de Maureen.

Com um suspiro, ela se sentou no banco do motorista. Tinha sido um dia difícil. Pôs a chave na ignição e virou-a. Nada aconteceu.

— Oh, praga amarela! — ela reclamou. — Por que justamente hoje?

Maureen desceu e abriu o capô, inclinando-se para ver o pequeno motor. E lá estava o problema: um cabo para conexão da bateria pegajoso e corroído por ácido.

Estava pensando se poderia bater nele com o salto de seu sapato para desobstruí-lo quando notou o grande mecânico parado a uma curta distância, estudando-a atentamente.

Antes que pudesse falar, ele se aproximou.

— Isso não é um pouco óbvio demais? — perguntou ele, levemente divertido. — Primeiro você derrama café em mim. Agora, seu carro quebra bem ao lado de minha picape.

A picape dele? Maureen sentiu como se o destino estivesse lhe pregando uma peça. Tinha sido um dia terrível. E agora lá estava aquele grande mecânico sexy com a impressão de que ela fingia para conseguir sua atenção. Era culpa dela, pensou. Para alguém que não a conhecesse, a impressão seria exatamente essa. E ela o encarara na cantina.

— Está tudo bem — disse Maureen. — Sei o que fazer.

— Por que você apenas não liga o carro? — indagou ele, cruzando os braços sobre o peito largo. — Para sua informação, não gosto de cantadas. Não tenho muito problema para atrair mulheres, e certamente não quero você me emboscando todos os dias. Fui claro?

Aquilo era revoltante, desnecessário e surpreendentemente doloroso. Lágrimas queimaram os olhos de Maureen, mas ela piscou para reprimi-las. Levantou-se e olhou-o de forma entorpecida. Não era mais a Maureen forte que costumava ser. Perder seus pais havia sido um golpe terrível, e ainda estava se recuperando. Também sempre fora protegida, e não esperava crueldade das pessoas. Era chocante receber isso de um completo estranho.

— Imagino que você tenha motivos para pensar assim — murmurou ela —, mas está totalmente enganado. Não estou tentando... Chamar sua atenção. Esta manhã foi realmente um acidente. E a conexão da bateria do meu carro está ruim e eu ia ver isso mais cedo, mas não tive tempo. Tudo que preciso fazer é bater no cabo com um sapato, e o carro vai pegar. Então, por favor, não perca tempo comigo.

Ela se voltou para o motor e, com as mãos tremendo de mágoa e confusão, tirou o sapato e golpeou o cabo de conexão com raiva. Ergueu o corpo e quase colidiu com o mecânico.

— Parece haver mesmo um pouco de corrosão aqui — disse ele, obviamente surpreso.

Maureen não respondeu. Nem mesmo o olhou. Fechou o capô, entrou no carro e girou a chave. Desta vez, pegou.

Ela não olhou para trás enquanto dirigia, lutando contra as lágrimas durante o caminho. Que homem horrível, convencido e arrogante, pensou furiosa e desejou que pudesse lhe dizer isso.

Maureen tinha uma vida mental ativa. Na sua mente, podia ser e fazer qualquer coisa. Contudo, na vida real, era apenas uma sombra da pessoa em seu interior. A Maureen interior podia engajar-se em batalhas verbais e destruir os outros. Mas a

Maureen exterior, aquela que nunca se destacava, era diferente. Ela ficava com raiva e resmungava, mas possuía um coração muito mole para discutir com os outros, e fugia de brigas.

De volta ao duplex onde morava, ela tirou os sapatos e deitou-se no sofá gasto. Não conseguia se recordar de uma época de sua vida em que estivera tão esgotada. Todos tinham dias ruins, disse a si mesma. Mas o seu parecia ir de mal a pior.

O sarcasmo daquele mecânico mal educado fora a gota d'água. E daí se ele era sexy? Isso não justificava que a acusasse de persegui-lo! Quem ele pensava que era? Ninguém que a conhecesse de verdade diria que ela seria capaz de uma coisa daquelas. Sorriu com tristeza quando lembrou que ninguém a conhecia de verdade. Apenas seus pais, e Maureen os perdera. Não tinha mais ninguém. Não fazia amizades com facilidade, porque era tímida e introvertida. Esperava que as pessoas fizessem o primeiro movimento. Mas ninguém fazia. E aquilo era triste, pensou, porque a Maureen interior era cheia de vida, ousada e comunicativa. Era também muito sexy. Mas ela não podia sair da mente de Maureen para dizer às pessoas o que era. Aquela pessoa extravagante e impulsiva em seu interior necessitava apenas de um catalisador para fazê-la florescer, mas ela nunca o encontrara. Ela sonhava em fazer coisas empolgantes, e admirava pessoas como o ausente Sr. MacFaber, que não tinham medo de viver.

Maureen vestiu um jeans e uma camiseta, penteou seus cabelos longos e escuros e foi descalça para cozinha, fazer um hambúrguer. No caminho, quase tropeçou em Bagwell, que tinha saído da gaiola e estava se divertindo com seus medidores de alimento.

— Pelo amor de Deus, o que você está fazendo aí? — Ela se abaixou. — Esqueci de trancar a gaiola de novo?

— Olá — o grande papagaio amazonas falou, abrindo as asas num gesto de boas vindas. — Como vai voce-e-e-ê?

— Estou bem, obrigada. — Ela estendeu um braço para deixá-lo subir, pausando para pegar os medidores e colocá-los, os medidores e Bagwell, de volta na grande gaiola que ele ocupava a maior parte do dia. — Vou deixar você sair novamente quando eu acabar de cozinhar. Vai queimar suas asas no fogão se chegar muito perto.

— Garota má — resmungou Bagwell, correndo ao longo do poleiro. Com sete anos de idade, ele era extremamente precoce. Os pais de Maureen o tinham trazido de uma viagem à Flórida e logo aprendido que papagaios eram muito barulhentos. Havia dado Bagwell para Maureen dois anos antes, como companhia e proteção, e até então, ele vinha lhe proporcionando as duas coisas. O único homem que ela convidara para jantar quase não escapara com todos os dedos. E não voltara mais.

— Você está arruinando minha vida social — Maureen falou para o grande pássaro verde. — Graças a você, nunca conseguirei uma pessoa para dividir o apartamento.

— Eu amo você — disse ele.

— Sedutor. — Maureen sorriu, cozinhando seu hambúrguer. — Que tal uma cenoura, Bagwell?

— Cenoura! Cenoura! — ecoou ele.

Ela cortou meia cenoura crua e colocou-a no pratinho de comida dele. Bagwell pegou-a em sua garra e começou a mastigar contente.

— Você me faz companhia pelo menos. — Ela suspirou, virando o hambúrguer uma última vez antes de desligar o fogo. — Fico feliz porque vai viver até uns 70 anos, Bagwell. Se eu não puder ter um marido, pelo menos tenho você.

Bagwell a olhou com desinteresse e continuou comendo sua cenoura.

Houve uma comoção do lado de fora, seguida por uma voz alta dando instruções. O bairro geralmente era tranqüilo, mas aquele foi um som ameaçador. Maureen deixou Bagwell e foi para a sala espiar por toas da cortina. Dois homens estavam na outra metade do dúplex, o qual permanecera desocupado nas últimas seis semanas, desde que o amante de música se mudara. Pessoas entravam e saíam de lá, porque o dono viajava e alugava o imóvel. O último ocupante tinha sido um fã de rock pesado, e Maureen não lamentara vê-lo partir. Mas agora estava imaginando quem ocuparia o lugar dele.

Recebeu sua resposta quase imediatamente e pensou que era o final ruim para um dia até mesmo pior. Um homem grande, numa picape vermelha havia entrado na segunda garagem, com o que era, obviamente, uma pequena carga de móveis.

Ela fechou a cortina antes que ele a visse, agradecendo por seu Fusca amarelo não estar à vista, de modo que o homem não poderia descobrir quem era sua vizinha. Havia outras casas e apartamentos na vizinhança, mas nenhum tão perto, e muitas árvores separavam o pequeno dúplex das outras construções. Maureen tinha apreciado isso quando se mudara, mas agora estava começando a se sentir desconfortável. Não gostava mais daquele homem grande, ainda que ele fosse sexy, e estava muito irritada pelo fato de que não seria capaz de evitá-lo estando em casa. Bem, talvez ele ficasse do lado de dentro. Desta forma, ela poderia cuidar de seu amado jardim sem ser observada.

— AAAHHH! — gritou Bagwell. — AAAHHH!

Maureen correu para cozinha, pondo o dedo contra os lábios, numa tentativa de aquietar o pássaro. Estava quase escuro e Bagwell fazia aquilo sempre no mesmo horário, durante o pôr do sol. Ele tinha um espetáculo completo, que ia desde gritar a ficar de cabeça para baixo no teto da gaiola, e não dormia até que fosse coberto.

Apavorada pela possibilidade de seu novo vizinho entrar pela porta a qualquer minuto para descobrir quem estava gritando, Maureen apressou-se para pegar um pano e jogá-lo sobre a gaiola. Quando Bagwell parou de gritar, ela limpou o resto da cenoura e pôs água fresca e jornal limpo na gaiola.

Inclinou-se contra a parede com um suspiro de alívio. Foi quando viu a sombra contra a janela. Sentiu os joelhos fraquejarem. Só podia ser ele. A sombra era

enorme, e ele estava na janela da cozinha, o que significava que podia ver seu Fusca amarelo, que estava parado bem atrás das casas conjugadas.

Maureen esperou imóvel, para ver o que ele fazia. Mas a sombra desapareceu quase instantaneamente, e ninguém bateu a porta.

Ela permaneceu sem se mexer por mais um minuto e, em seguida, foi espiar pela cortina da porta dos fundos, mas não havia ninguém à vista. Felizmente, ele não iria lhe incomodar. Mas, se o mecânico gostasse de paz, Bagwell poderia causar problemas. O último morador, apesar de barulhento, pelo menos não tinha reclamado do papagaio.

Maureen preparou um sanduíche e café antes de descobrir Bagwell. Ele estava com a cabeça baixa e os olhos fechados.

— Tagarela — murmurou ela.

Então bebeu seu café, enquanto se perguntava o que faria, agora que seu novo inimigo se tomara seu vizinho. Que terrível maré de azar! Era uma coincidência tão louca tê-lo como vizinho, com tantas casas e apartamentos vagos na cidade. Por um segundo, Maureen considerou ir à porta dele e, dessa vez, ser ela quem o acusaria de perseguição. Mas jamais teria coragem. Entretanto, como ele soubera que aquela casa estava vaga? Será que sabia que ela morava lá? Aquilo era intrigante.

Ela limpou a gaiola de Bagwell e cobriu-a novamente antes de ir ver televisão. Mas estava cansada. Vestiu uma blusa masculina de pijama, que era tudo que usava para dormir. Estava em promoção em uma loja e lhe parecera larga e confortável. Maureen não gostava de rendas e tecidos que pinicavam, e nunca encontrava um pijama feminino que fosse confortável o bastante. Mas gostava daquele, mesmo que trouxesse lembranças da época em que seus pais eram vivos. Sua mãe costumava provocá-la, perguntando de que homem era aquele pijama, e todos eles riam. Seus pais sabiam que não era muito dada aos relacionamentos amorosos. Maureen era uma garota ingênua de 24 anos, comum demais para agradar os homens. Aprendera a aceitar isso, e agora vivia para o trabalho. Tinha um bom emprego e ganhava bem, graças à Corporação MacFaber. Seu último empregador a recomendara para o Sr. Blake. Sentia-se sortuda por ser tão bem vista, pois tinha sido escolhida para o cargo, mesmo concorrendo com datilografas com mais experiência que ela.

Maureen apagou a luz e deitou-se na cama de casal, ouvindo os sons da noite: trânsito, cachorros e aviões que passavam. Mais perto, havia um som diferente, como alguém movimentando objetos pesados. Corou ao pensar que devia ser seu vizinho. Ela nunca estivera na outra casa, mas provavelmente o quarto dele era bem do outro lado daquela parede. Moveu-se irrequieta e decidiu que, no dia seguinte, mudaria sua cama de lugar!

CAPÍTULO DOIS

MAUREEN detestou sua própria covardia na manhã seguinte, mas espiou a casa ao lado antes de sair pela porta. A última coisa que queria era um confronto com seu novo vizinho, mesmo que provavelmente tivesse de vê-lo no trabalho.

Entrou no carro e saiu apressadamente, notando aliviada que a picape não estava na garagem ao lado da sua. Ele já devia ter saído para o trabalho.

Como esperava, quando ela chegou aos escritórios MacFaber, a picape vermelha estava lá. Maureen dirigiu-se ao escritório que compartilhava com o Sr. Blake, olhando nervosamente ao redor. Mas, graças a Deus, o vizinho não cruzou seu caminho.

O Sr. Blake a olhou inexpressivamente quando ela levou a correspondência para ele.

— A correspondência, senhor — disse Maureen, colocando-a sobre a mesa dele.

— Sim, claro. — Ele parecia distante e preocupado.

— Alguma coisa errada, Sr. Blake?

— Não, nada — replicou ele, mas não soou convincente. Ela sabia que o cunhado dele estava de licença médica desde o teste decepcionante do novo jato Faber. Talvez o Sr. Blake estivesse preocupado com o homem mais velho.

— Seu cunhado está melhor? — perguntou ela. Ele lhe dirigiu um olhar desconfiado.

— Muito melhor, obrigado, Maureen. — Ele movimentou-se desconfortavelmente, como se o incomodasse falar sobre assuntos pessoais. — Pegue o arquivo Radley para mim, por favor.

— Sim, senhor. — Ela sorriu. Gostava de seu chefe, mas ele estava muito estranho ultimamente. Precisava descansar mais e não se preocupar tanto. O cunhado, Sr. Jameson, era uma pessoa muito menos organizada, um mecânico com um temperamento tranquilo, mas que resistia teimosamente a autoridades e novas técnicas. Maureen sorriu, pensando que o Sr. Jameson e o novo mecânico provavelmente entrariam em conflito. Perturbava-a pensar sobre seu novo e desagradável vizinho.

Ela pegou o arquivo do Sr. Blake e voltou à sua rotina. Gostava de seu trabalho, mas podia se tornar frenético, especialmente durante visitas de dignitários ou inspeções governamentais. Havia muita preocupação relativa à decepção do primeiro

vôo de teste do jato Faber, e talvez aquela fosse à raiz do nervosismo do Sr. Blake. O setor de controle de qualidade era o responsável quando alguma coisa dava errado com projetos novos, principalmente quando o departamento de design podia provar que eles não tinham culpa. Aquilo colocava não apenas o chefe de Maureen, mas todo o departamento de controle de qualidade na linha de fogo.

O departamento de design já provara não ter culpa; tinham feito uma apresentação no computador sobre a performance do avião, o qual deveria ter voado perfeitamente. Então agora, todos estavam começando a pensar que era mais provável que a falha fosse resultado de sabotagem do que um defeito no projeto. MacFaber possuía inimigos. A maioria dos executivos bem-sucedidos o tinha. Uma companhia rival em particular, Aviação Peters, recentemente tentara adquirir o controle da Corporação MacFaber. Mas o Sr. MacFaber conseguira impedir isso com uma margem de três votos, e Peters acabara derrotado e furioso. Mas se o novo projeto fracassasse e Peters apresentasse seu projeto antes do tempo, o quadro de diretores poderia perder a fé em MacFaber e votar pela aprovação da tomada de poder. Era uma situação arriscada.

Maureen, como o resto da equipe, questionava a pobre performance do jato Faber. Não parecia possível que tivesse sido sabotado, mas as evidências apontavam para isso. Curioso que o Sr. MacFaber não estivesse por perto num momento como aquele. Mas talvez alguma moça do Rio o tivesse enfeitado.

— Eu gostaria de enfeitar alguém, apenas uma vez — murmurou ela quando chamou o arquivo jato Faber em seu computador e começou a digitar o relatório de performance que o Sr. Blake lhe dera.

O interfone tocou, interrompendo seus pensamentos.

— Srta. Harris.

— Sim, Sr. Blake?

— Por favor, vá ao escritório do Sr. MacFaber e peça para Charlene os últimos valores do custo das modificações do jato Faber.

— Irei imediatamente.

Maureen deixou o computador e desceu o corredor para o enorme escritório que o Sr. MacFaber ocupava quando estava lá. Charlene, uma loura bonita, estava olhando para o monitor de seu computador e resmungando.

— Detesto computadores! — disse ela para a tela. — Detesto empresas que usam computadores, e as pessoas que fazem computadores!

— Uma pena — colocou Maureen. — Você vai aborrecer o computador e ele irá pifar.

— Ótimo. Espero que ele morra! Trabalhei a manhã inteira aqui e não consigo encontrar o que fiz.

— Levante-se, vou ajudar você. — Maureen sentou-se e, em cinco minutos, tinha achado o arquivo, salvo e colocado Charlene de volta em sua cadeira.

Charlene a olhou desconfiada.

— Não confio em pessoas que entendem desse tipo de coisa. E se você for uma espiã inimiga?

Maureen riu.

— Não posso ser. Nem mesmo tenho um sobretudo. O Sr. Blake quer o valor dos últimos custos do jato Faber. Eu teria lhe pedido para me passar por e-mail, mas imaginei que você não saberia como fazer isso.

Charlene assentiu.

— Não sei nada sobre computadores. Nunca quis este emprego, para começar. Detesto estas coisas modernas e eletrônicas. Se eles não pagassem tão bem, eu iria embora amanhã. Tente sentar aqui e explicar para todo mundo que o Sr. MacFaber não põe os pés no escritório desde o ano passado. Então explique às pessoas que ligam que não há como falar com ele pelo telefone, porque está na Amazônia contemplando os incas ou algo assim, sei lá!

— Sinto muito — disse Maureen. — Mas realmente preciso daqueles valores...

Charlene suspirou.

— Tudo bem.

Ela levantou-se, foi ao gabinete imaculado, pegou o arquivo e entregou a Maureen.

— Não perca isso, ou o Sr. Johnston irá me matar.

— Sabe muito bem que o vice-presidente encarregado da produção beija o chão que você pisa.

Charlene sorriu orgulhosamente.

— Sim, eu sei. Se ele não tomar cuidado, eu o levarei ao altar. Ele é sexy.

— Também acho, mas nem todas podemos ter a sua aparência — disse Maureen.

— Algumas de nós precisam ter a minha aparência comum.

— Gosto de seu novo estilo de cabelo e maquiagem.

— Ainda assim, vou para casa sozinha. — Maureen deu de ombros. — Talvez algum dia eu tenha sorte. — Olhando ao redor, perguntou: — Você já viu seu chefe?

— Uma vez, rapidamente, quando recebi esta promoção, há três meses. Ele é bonito, eu acho, mas um pouco velho para o meu gosto. Algumas mechas grisalhas, e acima do peso. — Ela franziu o cenho. — Embora possa ter sido o casaco volumoso que me deu essa impressão. Ele também estava de chapéu e óculos escuros. Acho que nem o reconheceria se o visse de novo.

— Deveria haver uma foto dele por aqui, não acha? Já que esta é uma corporação familiar.

— Havia uma foto, mas não veio para cá junto com as coisas do prédio antigo, só Deus sabe por quê. — Charlene suspirou. — Traga este arquivo de volta quando terminar, certo?

— Sim. Obrigada.

Ela levou o arquivo para o Sr. Blake e sentou-se novamente diante de seu computador. Estranho, alguns dos números pareciam diferentes. Mas uma rápida

olhada para a folha da qual copiava lhe disse que os números estavam corretos. Dando de ombros, Maureen voltou ao trabalho.

A cantina estava cheia quando ela chegou lá. Comprou um sanduíche e um refrigerante e sentou-se o mais perto das janelas que conseguiu. A maioria das pessoas ali eram homens, o que a fazia se sentir um tanto quanto especial, apesar de nada em suas roupas ser provocativo. Vestia um conjunto bege e blusa cor-de-rosa, com os cabelos presos na nuca. Parecia jovem e elegante, pensou, e não totalmente sem atrativos. A maquiagem ajudava, mas nada mudaria o fato de que usava óculos. Tentara lentes de contato, mas tivera alergia a elas e desistira. De qualquer forma, jamais seria uma mulher deslumbrante. Como se isso importasse... Nenhum dos homens ali a olhava.

Comeu o sanduíche, observando com um sorriso fraco um esquilo na grande sombra de uma árvore. Levou um minuto para perceber que não estava mais sozinha. Uma sombra caiu sobre ela quando o homem grande que encontrara no dia anterior sentou-se a dois bancos de distância com seu almoço, olhando-a friamente enquanto abria a embalagem.

Maureen não o olhou. Já se cansara da arrogância dele.

— Você trabalha para Blake, não é? — perguntou ele. Ela manteve os olhos no sanduíche.

— Sim.

— O salário é bom?

— Suficiente. — Maureen estava cada vez mais nervosa. Suas mãos tremiam no sanduíche, e ele viu isso, franzindo o cenho.

— Aposto que sim. Você não se veste como uma secretária pobre.

Aquilo era ligeiramente insultante. Ela quase lhe disse que tinha comprado suas roupas numa loja que possuía artigos de boa qualidade a preços baixos, mas ele era um estranho. E um estranho arrogante e rude, e Maureen não gostava das insinuações dele.

— Se me der licença, preciso voltar ao trabalho — murmurou ela.

— O que as pessoas no seu setor de controle de qualidade fazem? — perguntou ele, observando-a. — Se fizessem seu trabalho corretamente, aquele novo jato não teria envergonhado a empresa no seu primeiro vôo de teste.

Ela enrubesceu. Ele a fazia se sentir culpada. Era o homem mais intimidador que Maureen já conhecera.

— O Sr. Blake trabalha arduamente — protestou ela. — Talvez tenha sido um problema mecânico — acrescentou com ousadia. — Você é mecânico, não é?

Maureen não levantou o tom de voz, mas ele olhou ao redor mesmo assim, antes de voltar à atenção para ela.

— Esta é uma das razões pelas quais fiquei surpreso por sua óbvia tentativa de inventar um problema no motor do seu carro ontem.

— Eu já disse, o cabo da bateria estava corroído. Você mesmo viu a corrosão. — Maureen bateu as mãos nervosamente.

— Eu o acho muito convencido...

Foi como estender uma capa vermelha para um touro, pensou ela, fascinada pelo brilho que viu nos olhos escuros.

— Já tentaram me pegar com essa de problema na bateria antes — interrompeu ele.

Ela começou a se afastar.

— Eu não faço esse tipo de coisa. E sei trocar óleo, velas de ignição e até correias, se necessário.

— Uma mulher talentosa — murmurou ele. — Entende um pouco de motores, então?

— Sobre motores de Volkswagen, sim. Meu tio foi mecânico numa loja de importados durante anos. Ele me ensinou.

Maureen ergueu o queixo, sentindo uma raiva que não sabia que possuía em seu interior. O rosto estava ardendo e as mãos, tremendo, mas não podia continuar mais quieta. — E, para sua informação, você não me atrai em absoluto.

Ele arqueou uma sobrancelha, a boca se curvando num quase sorriso sensual.

— Estranho... As mulheres normalmente me consideram atraente.

Sem responder, Maureen virou-se e saiu da cantina. Ele arruinara seu almoço e o resto de seu dia. Ela nunca falara de forma zangada com ninguém. Jake despertava suas piores qualidades, pensou, apressando os passos para sua sala.

O Sr. Blake tinha mais correspondência depois do almoço novamente, Maureen saiu tarde. Mas desta vez, a picape vermelha não estava no estacionamento. Ela entrou no carro aliviada e foi para casa.

Bagwell estava brincando com uma pedra pendurada numa corrente, mas derrubou-a no instante que ela entrou pela porta dos fundos, e começou a dançar e falar.

— Garota bonita! — ecoou ele. — Garota bonita! Olá!

— Oi, Bagwell. — Ela sorriu e abriu a gaiola para soltá-lo. Acariciou a cabeça verde quando ele subiu no poleiro que fica no alto da gaiola.

— Que tal um pouco de maçã?

— Maçã — concordou ele. — Maçã.

Maureen largou a bolsa, tirou os sapatos, deu-lhe um pedaço de maçã e começou a conversar.

— Bagwell, os dias parecem cada vez mais longos. Acho que preciso de uma mudança de ares.

— Maçã boa — murmurou ele, ocupando-se do pedaço de fruta que segurava na garra.

— Você tem a mente fechada — resmungou ela, olhando no armário a fim de ver o que tinha para comer. — Bem, super mercado para mim amanhã, amigo. Acho que meu jantar será sanduíche ou cereais.

Maureen vestiu um jeans e uma blusa de moletom antes de preparar um café e um sanduíche. Depois, ligou a televisão, não encontrando nada além de noticiários. Desanimada, pegou um vídeo de ficção científica que seus pais tinham lhe dado e acomodou-se para assisti-lo.

Infelizmente, Bagwell gostava do som de armas de alta tecnologia e sabia imitá-lo muito bem.

— Detesto papagaios — disse Maureen, desligando o vídeo. Ele desceu do poleiro e andou para o sofá, subindo no braço do móvel surrado. Sou bonito — disse ele. Ele coçou-lhe a cabeça carinhosamente.

— Sim, você é precioso — concordou com um sorriso. Encostou-se e o deixou subir em sua perna. Segundos depois, Bagwell estava dormindo.

— Ei, não é para dormir aqui! — provocou ela, pondo-o no braço, carregando-o para a gaiola e cobrindo-a com um lençol. Ele era uma boa companhia, mas precisava de 12 horas de sono ou ficava irritadiço. Portanto, Maureen passava a maioria das noites vendo televisão sozinha.

Sentou-se no sofá com um livro sobre a história Tudor, um relato sobre Henrique VIII. E o vizinho continuava em seus pensamentos. O tal Jake a irritava profundamente, e a atitude insultante na cantina a deixara furiosa. Era seu primeiro inimigo em vida, mas Maureen não entendia por que ele desgostava dela, e ele somente piorava as coisas. Ela nunca fora muito sociável. Durante a infância, estava sempre sozinha. Seu pai era professor universitário, um homem brilhante que lecionava física. E sua mãe, igualmente brilhante, lecionava inglês no ensino médio. Eles costumavam aumentar currículo escolar da filha, dando-lhe material para estudar em casa, e isso a afastara das amigas, que não entendiam por que Maureen estava sempre enfiada em livros. Ela adorava ler aprender coisas novas. Mas sua vida amorosa havia sofrido com isso, assim como a vida social. Os garotos a evitavam na escola, como os homens a evitavam agora. Sexo era algo para outras pessoas, e Maureen não sabia a diferença entre uma pílula anticoncepcional e uma aspirina. Então, disse a si mesma, talvez fosse melhor o fato de não fascinar os homens, já que não possuía a personalidade certa para o romance.

Um barulho suave de alguma coisa batendo chamou sua atenção. Parecia estar vindo de seu quarto. Ela largou o livro foi verificar, mas o barulho parou abruptamente. Maureen aproximou-se da parede e a estudou de perto, procurando por buracos. Certamente seu novo vizinho não a estava espreitando! Ou estava? Mas não havia nenhum buraco. Com um suspiro irritado, voltou à sala para seu livro. Ultimamente, a vida parecia repleta de obstáculos.

Maureen levou a gaiola para seu quarto, como geralmente fazia, para que Bagwell não começasse a gritar quando ela apagasse as luzes, e, após um tempo rolando na cama, finalmente conseguiu dormir.

O dia seguinte era sábado. Os fins de semana haviam sido preciosos na vida de Maureen, porque podia fazer jardinagem e ficar ao ar livre. Porém, não mais. Agora sabia que seu vizinho a observava. Podia sentir o olhar dele quando ela ia pôr o lixo para fora ou estender roupas. Começou a cavar uma fileira em seu canteiro de rosas na qual plantara margaridas, mas, mesmo de jeans e camiseta, sentia como se estivesse trabalhando nua. Desistindo, entrou em casa.

Ele saiu por volta de meio-dia. Maureen ouviu o barulho da picape e, com um grito de pura alegria, voltou correndo para o jardim. No momento em que ouviu a picape retornar, já tinha feito duas fileiras, acrescentado fertilizante e plantado sementes. Pronto, pensou vitoriosa, guardando as ferramentas. Ainda que tenha de cavar e plantar à noite, meu jardim ficará florido!

Era ridículo, claro, deixar um vizinho interferir em suas atividades. Começou a pensar em muros de pedra e cercas enormes para privacidade. Mas isso custava dinheiro, e tudo que ela ganhava era para pagar contas, não sobrando nada para extravagâncias.

O resto do dia foi tão solitário quanto de costume. Assistiu a um filme e dormiu cedo. No domingo, levantou-se, tomou café da manhã e foi à igreja. No geral, teria deitado um pouco no sol durante a tarde, mas não com seu novo vizinho em casa. A picape vermelha não tinha saído, mas ela não ouvira nenhum barulho, e, quando estava escurecendo, escutou um carro parar na porta ao lado. Espiando por trás da cortina, viu seu vizinho sair de um Mercedes conversível, que partiu em seguida.

Jake não estava vestido como um mecânico. Usava o que parecia um terno muito caro, com uma camisa aparentemente de seda pura. Maureen afastou-se da janela quando ele olhou na sua direção. Bem, aquilo era estranho, pensou. Ele a acusara de se vestir bem e, no entanto, vestia-se como um príncipe para sair.

Seus olhos se estreitaram pensativamente. Jake poderia ser o sabotador? O coração de Maureen disparou. Ele era novo na empresa. Parecia ser um mecânico, mas se vestia como um homem que tinha gostos caros. Sabotadores ganhavam muito dinheiro? Talvez tivesse sido contratado por alguém para fazer o avião falhar. Não pelo Sr. Peters, pensou ela com firmeza. Por uma coincidência curiosa, o Sr. Peters, da Aviação Peters, freqüentava a mesma igreja que Maureen, e ela sabia que ele não era o tipo de homem que jogava sujo para difamar o produto de um concorrente. Mas havia outras pessoas que poderiam tentar arruinar um novo projeto... Como dois membros renegados da diretoria da MacFaber que haviam votado a favor de Peters, e ficado zangados pela interdição do plano pelo Sr. MacFaber.

Uma onda de empolgação a tomou enquanto considerava o que faria a seguir. Tinha a oportunidade perfeita para observar seu vizinho. Poderia vigiá-lo, descobrir quem eram seus associados, para onde ele ia, o que fazia. Podia ser... A agente secreta Maureen Harris. Ela riu. Se pelo menos tivesse um sobretudo...

Maureen mergulhou numa fantasia satisfatória. Descobriria o sabotador e salvaria a companhia MacFaber. Ganharia uma medalha por isso.

Engasgou, olhando para o grande bico que estava mordendo seu tênis.

— Bagwell! — Ela ofereceu-lhe o braço e ele subiu com pequenos murmúrios de alegria. Lá se ia sua fantasia...

Maureen levou Bagwell de volta para a cozinha. É claro que teria de ser cuidadosa na sua observação. Agora questionava se aquela mudança para a casa vizinha tinha sido realmente uma coincidência. Talvez ele soubesse que ela era secretária do Sr. Blake e quisesse lhe arrancar informações do avião. Todavia, aquilo não era realista, decidiu com um suspiro. O que ela sabia sobre projetos de aviões? Vira a planta apenas uma vez, e seu trabalho envolvia coisas bem menos empolgantes do que o design de aviões.

Comprimiu os lábios. Seu novo vizinho podia ser um mero mecânico, mas tinha amigos ricos, se aquele carro fosse alguma indicação. Maureen alimentou Bagwell, ainda pensando em sobretudos e espionagem. Esse era o problema de levar uma vida tão entediante, disse a si mesma. Sua imaginação fértil a colocaria numa encrenca a qualquer hora.

A semana seguinte passou rapidamente. Com cautela, ela ficou de olho em seu vizinho. Perguntando a pessoas da redondeza, descobriu que ele se chamava Jake Edwards e era de Arkansas. Possuía excelentes referências, mas era reservado e ninguém sabia nada sobre ele.

Apesar de observá-lo à distância, Maureen o evitava, e tinha passado a comer em sua sala durante o trabalho, para que não o encontrasse na cantina. E o fim de semana seguinte foi uma repetição do anterior. Ela só saía no jardim quando ele não estava em casa.

O único inconveniente tinha sido no domingo de manhã. Maureen saíra bem cedo para pôr o lixo para fora; seus cabelos soltos, que batiam na cintura, usando a blusa de pijama masculino que passava dos joelhos. Foi um choque encontrar seu vizinho na lata de lixo dele, olhando-a fixamente. Ela havia ficado tão envergonhada que entrara de novo em casa e fechara a porta, sem dizer uma palavra. Depois de voltar da igreja, tinha passado parte do dia com Bagwell diante da televisão.

Maureen parecia passar a vida evitando seu novo vizinho. Mas nunca lhe ocorreu que ele percebia isso, ou que se importava. Por isso, teve uma grande surpresa na segunda-feira seguinte, quando ele apareceu na sua sala no horário de almoço, e encontrou-a saboreando uma tigela de chili da cantina com alguns biscoitos e café que levara de casa. Ela parou de comer e o olhou.

Ele era ainda maior de perto. Não parecia haver uma gordura extra no corpo, somente músculos. O rosto era largo, com olhos escuros e sobrancelhas quase unidas. O nariz era imponente e o queixo, quadrado. As mãos eram enormes e fortes.

— Você está hibernando? — perguntou ele. Cruzou os braços sobre o peito largo e inclinou-se contra a porta, com o ar de um homem que nunca duvidava de seus instintos.

Maureen piscou.

— Como?

— Você vem me evitando há duas semanas — replicou ele. — Não é uma tarefa fácil quando é minha vizinha de porta.

— Não pensei que você tivesse notado — murmurou ela.

— É difícil não ver aquele carro amarelo. Canteiros de flores preparados aparecem magicamente em seu jardim. Roupas são penduradas e retiradas por mãos invisíveis. Eu nunca a vejo ou a ouço, exceto acidentalmente.

— Deus me livre! — exclamou ela. — Eu detestaria ser acusada de me mudar para casa ao lado da sua a fim de persegui-lo, mesmo que eu já estivesse lá antes.

— Você está vermelha — observou ele.

— Você me deixa nervosa — disse Maureen, sem olhá-lo. — O último inquilino quase não ficava em casa, e quando estava lá, tocava rock tão alto que não sabia o que acontecia ao seu redor. — Ela suspirou. — Tive medo de que Bagwell o incomodasse.

— Seu amante secreto. Eu nunca o vi, mas o ouço — murmurou Jake com um sorriso desdenhoso.

Ela detestava aquele sorriso. Enrubescou ainda mais.

— Ele não é meu amante, é um pássaro. Um papagaio. Torna-se barulhento ao alvorecer e ao entardecer, mas... Ele é tudo que tenho. — Ela o olhou agora. — Não posso me mudar e, se você reclamar, as autoridades podem me causar problemas. Não posso abrir mão de Bagwell. Eu o tenho desde que me formei no colegial.

Ele fez uma careta.

— Um papagaio?

— Um papagaio Amazonas — confirmou Maureen. — Tem sete anos e é muito falante. Sabe até cantar ópera.

Os olhos escuros a estudaram lentamente, como se ele nunca a tivesse realmente visto antes.

— Você é muito jovem.

— Não sou. Tenho 24 anos — protestou ela.

— Eu tenho 37.

Ele não parecia, mas Maureen não lhe diria isso.

— Muito velho para mim — murmurou ela, não acreditando numa palavra daquilo. — Portanto, isso deve provar que não estou perseguindo você.

Ele franziu o cenho. A atitude dela o irritava. No começo, gostara de pensar que ela estava inventando histórias para chamar sua atenção, apesar de desconfiar da mulher. Ela não era maravilhosa, mas possuía alguma coisa intrigante. Estranho, já que não se sentira atraído por nenhuma mulher nos últimos anos.

— Sei que você não está me perseguindo — replicou ele. Não era tão mais velho assim, afinal. — Deixou óbvio que faria de tudo para me evitar.

— Não foi assim — defendeu-se Maureen. — Só pensei... Bem, se eu tivesse ido à cantina e passado muito tempo trabalhando em meus canteiros, você poderia pensar

que eu estava tentando chamar sua atenção. Já me acusou de persegui-lo e isso não era verdade. Não quero problemas.

— Você não precisa trabalhar no jardim depois da meia-noite para evitar problemas — disse ele com leve divertimento. Isso obviamente é algo que aprecia fazer. Não pare por minha causa.

— Obrigada — murmurou ela, a voz suave, os olhos ainda mais suaves. — Tenho sentido falta de cavar e plantar.

Ele se sentiu culpado. Não que tivesse motivo para isso. Era bem provável que ela estivesse envolvida naquela confusão, mas talvez não soubesse o que estava acontecendo e fosse inocente.

Ele afastou-se da porta.

— Não se preocupe comigo. Não ficarei muito em casa nos fins de semana. E o papagaio não me incomoda.

— Obrigada. — Maureen deu um sorriso nervoso. Ele a intimidava.

— Aonde você vai aos domingos de manhã? — perguntou ele inesperadamente.

— Igreja.

— Faz sentido. — Ele partiu sem mais nenhuma palavra, fechando a porta com firmeza.

O confronto a tinha relaxado um pouco, e devolvido a Maureen seu senso de liberdade em casa. Agora poderia espioná-lo melhor, pensou. Então se sentiu culpada, porque Jake fora gentil, dizendo-lhe que podia ficar à vontade. E talvez não fosse um homem mau, mesmo que fosse um espião ou algo assim.

Ela parou de espioná-lo no sábado tempo o bastante para apreciar sua jardinagem. Saiu ao ar livre logo que o dia amanheceu, mexendo na terra, usando fertilizante e espalhando sementes.

Estava um dia lindo, com céu azul e uma brisa suave, perfeito para plantar flores gloriosas. Ela afastou os cabelos longos para trás, desejando que os tivesse prendido antes de começar. Seria impossível fazer isso agora, já que estava inteiramente suja de terra, e não ia levar sujeira para dentro de casa.

Já havia trabalhado bastante quando decidiu fazer uma pausa e sentou-se no murinho que circulava os fundos da casa para tomar um refrigerante. Não ouviu o vizinho grande e sexy até que ele estivesse parado à sua frente.

— Você vai arruinar suas mãos desse jeito — observou ele. Maureen saltou com o susto, quase derrubando o refrigerante. — Desculpe — murmurou ele, sentando-se no murinho ao seu lado. Jake tinha o aroma de colônia cara. Usava botas de couro, um jeans cinza e uma camisa de grife. Estava barbeado e com os cabelos bem penteados. Parecia muito diferente do homem de macacão de mecânico, o que a fez desconfiar ainda mais. Nenhum mecânico se vestia daquela forma.

— Pensei que você tivesse dito que não ficaria em casa nos fins de semana.

Ele deu de ombros, puxou um cigarro do bolso e acendeu-o com dedos firmes, antes de guardar o isqueiro folheado a ouro.

— Achei que eu precisava de um dia de folga. — Ele olhou para as mãos dela, cheias de terra. — Vai estragar suas unhas. Por que não usa luvas?

Maureen estudou as próprias mãos.

— Sou uma pessoa ligada à natureza. Gosto de sentir a terra.

— Há quanto tempo você mora aqui? — Ele puxou conversa enquanto fumava seu cigarro.

— Há quase seis meses. Mudei logo depois que meus pais morreram — acrescentou, perguntando-se por que lhe contara aquilo.

Ele sentiu uma compaixão irritante por ela.

— Sei como é perder os pais. Os meus são falecidos também, embora eu não os tenha perdido ao mesmo tempo. Irmãos ou irmãs?

Ela meneou a cabeça.

— Sou sozinha. — Maureen o olhou, pensando se deveria ou não questioná-lo sobre aquilo.

— Também sou sozinho. — Ele antecipou a pergunta. — Aprendi a gostar disso.

— Não me imagino gostando de solidão — murmurou ela distraidamente, olhando para o céu.

— Não? — Ele sorriu ao ver o olhar surpreso de Maureen. Eu nunca a vi saindo de casa, exceto aos domingos. Está sempre sozinha no trabalho também.

— Isso não significa que eu goste disso... Oh, meu Deus! Ela levantou-se e correu para dentro da casa sem explicar por quê. Bagwell estava em cima da mesa, comendo maçãs e peras sem a menor ordem, mordendo uma fruta, depois a outra.

— Seu pássaro horrível! — ralhou ela. — Minhas lindas frutas!

Houve um som fraco atrás de Maureen, que logo se transformou numa gargalhada profunda e prazerosa.

— Este é Bagwell — ela falou para seu novo vizinho.

— Olá, Bagwell — disse ele, aproximando-se da mesa.

— Não lhe ofereça um dedo — Maureen o avisou. — Ele o considera um convite para almoço.

— Eu me lembrarei disso. — Ele sorriu da travessura do grande pássaro verde, que estava apreciando a atenção extra e mostrando isso abrindo as penas do rabo.

— Ele adora homens — comentou Maureen. — Acho que é fêmea.

— Bem, ele é bonito.

— Bonito! — concordou Bagwell. — Olá. Olá! Jake riu.

— Esperto, também.

— Ele pensa que é. — Ela o olhou timidamente. — Gostaria de beber alguma coisa? Tenho refrigerantes, ou posso fazer um café.

— Um bom café? — provocou ele. — Não gosto de café instantâneo.

Ele era um convidado exigente, mas ela estava sozinha.

— Um bom café — assegurou-lhe e fez um café fresco na cafeteira automática.

— Você tem um nome além de Jake? — perguntou cuidadosamente, fingindo que ainda não sabia.

— Jake Edwards. — Ela puxou uma cadeira e sentou-se. — Você não fuma certo?

— Não, mas não me importo. — Maureen pegou um cinzeiro para ele. — Aqui. Meu pai me deu de Natal, para que tivesse um lugar para bater suas cinzas. — Ela suspirou com a lembrança. Perdera os pais logo depois do Natal.

— Obrigado — disse Jake, observando-a com curiosidade. Ele reclinou-se na cadeira, e o peito largo e os braços musculosos chamaram a atenção de Maureen. Onde a camisa estava aberta no pescoço, pelos pretos de aparência macia eram visíveis. Ela sentiu o corpo inteiro esquentar. Jake era um homem sensual, e Maureen estava mais consciente dele do que já estivera de qualquer outro homem.

Se ela o observava, o reverso também era verdade. Ele a achava muito atraente, desde os cabelos longos até os pés, maiores do que a média. Ela possuía uma graça natural que era rara, e um sorriso contagiante. Fazia muito tempo que ele não ria ou sentia prazer. Mas estar perto de Maureen lhe dava uma sensação de paz. Além disso, ela o atraía fisicamente. Lembrou-se de quando a vira com uma blusa de pijama grande... As pernas longas e bronzeadas, os seios volumosos, os cabelos até a cintura. Tinha sonhado com ela a noite inteira, e isso o surpreendera. Nos últimos anos, não se importara muito com as mulheres, vivendo para o trabalho. De alguma maneira, os desafios haviam substituído a ternura, o amor. Estivera muito ocupado construindo seu sucesso para se envolver com pessoas. Também não iria se envolver com aquela mulher, mas tornar-se

UM amigo poderia ajudá-lo a descobrir o quanto Maureen estava envolvida no fracasso do Jato Faber. Já desconfiava de Blake, e ela trabalhava para ele. Ele levou o cigarro aos lábios e olhou-a com intensidade.

— Você estava usando um pijama masculino naquela manhã, era de um namorado?

CAPÍTULO TRÊS

MAUREEN riu amargamente.

— Se tenho um namorado? Ah, que piada! Aquilo o intrigou.

— Não entendi qual foi à piada.

— Olhe para mim — disse ela. — Uso óculos, não sou muito alta, não sou sedutora e nem mesmo tento usar roupas da moda. Pareço a tia solteirona de alguém. Consegue me imaginar vestida em seda e renda, deitada numa cama king-size?

Ela estava rindo, mas ele, não. Podia visualizá-la assim muito bem, e a imagem era perturbadora.

— Sim, consigo. E pare de se menosprezar. Não há nada de errado com você. Se não acredita em mim, pergunte para o pessoal do setor de limpeza.

Maureen sentiu as faces enrubescerem.

— Eu... Causei problemas a eles no passado. Não acho que sejam referência.

Jake riu suavemente. Era um som agradável, e ela imaginava que bastante raro.

— Mas aposto que não esqueceram as pequenas coisas que você fez por eles. Balas de amêndoas de Nova Orleans, algodão doce de uma festividade da empresa, sopa caseira no dia em que nevou, depois do Ano Novo... Você pode derramar café no carpete o ano inteiro, e eles vão largar tudo para limpar. Amam você.

Ela corou lindamente.

— Eu me senti culpada.

— O ST. Wyman, o guarda de segurança, é outro admirador — continuou Jake, soltando a fumaça enquanto observava Bagwell comer o último pedaço de pêra. — Você ficou com a esposa dele quando ela operou o apêndice de emergência.

Maureen pigarreou.

— Ele não tem família aqui. Eles são da Virgínia...

— E você pode não ser a miss América, mas tem um bom coração, Srta. Harris — concluiu ele, olhando-a fixamente. — As pessoas gostam de você do jeito que é.

— Bem, eu não — respondeu ela. Não lhe ocorreu, no momento, perguntar como Jake sabia tanto a seu respeito. — Sou um tédio, minha vida, também, e geralmente entedio as pessoas. Queria ser como Joseph MacFaber — disse Maureen, tão empolgada que perdeu o olhar que seu companheiro lhe deu. — Ele saltou de asa delta no ano passado, sabia? Participou de uma corrida de carros na França e viajou num balão na Costa Oeste. Fez expedições arqueológicas para o Peru, México e América

Central. Mergulhou com Jacques Cousteau, num evento organizado para amadores durante algumas semanas nas Bahamas. Escalou montanhas, foi a safáris na África e...

— Meu Deus, pode parar? — interrompeu ele. — Está me deixando cansado.

— Bem, você entendeu, não? — disse ela com uma expressão distante nos olhos verdes. — É este o tipo de vida que eu gostaria de levar. A coisa mais aventureira que faço é alimentar Bagwell com uma uva e arriscar ter um dedo decepado. — Maureen suspirou. — Tenho 24 anos e nunca fiz nada arriscado. Pensei que o fato de vir para Kansas e recomeçar pudesse mudar as coisas, mas não mudou. Ainda sou a mesma pessoa que era em Nova Orleans. Só mudei de lugar, mas continuo no mesmo tédio de antes.

— Por que você quer escalar montanhas e ir a safáris?

— Porque essas coisas existem, talvez. Não sei. Apenas quero sair da rotina. Um dia morrerei e nunca terei vivido de verdade. — Ela fez uma careta. — A coisa mais romântica que já fiz com um homem foi ajudá-lo a trocar um pneu. Nenhum homem se arriscou a me levar para sair!

Ele riu.

— Eu não me importaria de levá-la para sair. Maureen o olhou.

— Não preciso de piedade.

— Concordo — disse ele. — E não é o que estou oferecendo. Você já tem autopiedade por nós dois.

— Não é autopiedade. É realidade. Jake deu de ombros.

— Tanto faz. Que tal um cinema? Gosto de ficção científica, aventura e drama policial. O que acha?

Ela começou a sorrir.

— Exatamente o mesmo tipo de filme que gosto.

— Tem um jornal?

— Não. Somente o semanal. Não tenho dinheiro para uma assinatura diária.

— E eu não estou aqui há tempo o bastante para ter feito a assinatura. Bem, podemos ir a um shopping e ver o que está passando.

Uma onda de excitação a percorreu.

— Uma matinê?

— Por que não? Detesto ir ao cinema de noite e tentar enxergar a tela entre casais se agarrando nos assentos. A respiração ofegante deles atrapalha para ouvir o filme.

— Seu cínico — acusou ela, ousando provocá-lo. Jake sorriu enquanto se levantava.

— E seu amigo verde aqui?

— Bagwell, hoje você vai para a cama cedo — disse Maureen.

— Maçã — disse Bagwell e começou a gritar quando ela o pôs na gaiola.

— Fique calminho — Maureen o tranqüilizou enquanto lhe dava água fresca e sementes.

— Ele é um pássaro bonito — observou Jake.

— E é um bom companheiro também — replicou ela, cobrindo a gaiola. — Não sei o que eu faria sem ele. É meu melhor amigo.

Aquilo o tocou profundamente. Sabia que ela era solitária no trabalho, mas não imaginara que também o era em sua vida particular. Observou-a quando Maureen pediu licença e desapareceu dentro da casa e quando voltou num vestido branco de verão e os cabelos presos com uma fita.

Suspeitara desde o começo que ela estava envolvida nos problemas com o jato Faber, e ainda não se convencera de que Maureen era totalmente inocente. Mas ela não combinava com a figura de um sabotador. Então lembrou a si mesmo que eles raramente pareciam sabotadores. Não podia envolver-se muito com ela nesse estágio do jogo. Primeiro, precisava conhecê-la um pouco mais. E que melhor maneira do que participando da vida pessoal de Maureen Harris?

— Estou pronta — anunciou ela, quase bonita em seu vestido branco, um colar modesto em volta do pescoço e uma fita branca nos cabelos. Apesar dos óculos, ela era agradável aos olhos, e tinha pernas incríveis. Maureen sorriu por sua sorte. Jake realmente a convidara para sair. Poderia descobrir mais sobre ele dessa forma. Bancar a espiã a estava fazendo vibrar de emoção. Aquela era a primeira coisa perigosa que fazia na vida, e se Jake fosse o sabotador, certamente seria perigoso.

— Vamos.

Ele a conduziu para sua picape, notando que ela não reclamara do assento rasgado ou do painel lascado. Sorria como se estivesse num Rolls-Royce. Ele sabia que nenhuma mulher em seu mundo teria sorrido se ele as convidasse para sair num ferro velho. Mas Maureen parecia realmente feliz.

— Você não se importa com a picape? Ela riu.

— Oh, de maneira alguma. Meu pai tinha uma. É claro, estava num estado muito pior do que esta. Íamos pescar com ela, e jogávamos nossos equipamentos na caçamba junto com o isopor com gelo. — Os olhos verdes se tornaram sonhadores. — Lembrou-me de tantos verões nos rios com meus pais. Não tínhamos muito dinheiro quando eu era criança, mas isso nunca fez muita diferença, porque nos divertíamos juntos. Meus pais eram professores. Isso deve lhe dar uma idéia de nossa renda.

— Sim — disse ele. — É irônico que paguemos melhor os lixeiros de nossa cidade do que as pessoas que educam nossos filhos e moldam o futuro. Jogadores de futebol ganham fortunas para chutar uma bola no estádio, mas professores ainda recebem salários de babás.

— Você não me parece fã de futebol.

— Gosto de hóquei sobre o gelo.

— Sua constituição física é a de um jogador de futebol — comentou Maureen timidamente.

Jake sorriu.

— Acredite ou não, a escola que freqüentei não tinha um time de futebol. Meu pai se recusou a me deixar participar do que acreditava ser um desperdício educacional.

— Você não fez nenhum esporte? — persistiu ela.

— Fiz luta livre. Fui campeão na escola por dois anos seguidos, e considerado invencível.

Ela estudou-lhe o corpo musculoso.

— Consigo entender por quê.

— Não tenho nada contra esportes — acrescentou Jake. — São bons para crianças. Ensinam espírito de equipe.

Maureen hesitou.

— Você não é casado?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Quando eu teria tempo? — respondeu honestamente, aquilo lembrou que, no papel que estava representando, aquela era uma resposta estranha. Então, corrigiu-se: — Eu trabalhava em dois empregos até recentemente.

— Oh... Do jeito que falou sobre crianças, pensei que pudesse ter filhos.

Jake meneou a cabeça.

— Não encontrei ninguém com quem eu quisesse ter filhos replicou ele enquanto vinham à mente imagens das mulheres sofisticadas cujo estilo de vida não combinava com fraldas e papinhas de bebê.

— Isso é triste.

— E quanto a você?

— Gosto de crianças. Não acho que terei filhos, mas gosto dos filhos de outras pessoas.

— Por que não tem seus próprios filhos?

— Você precisa se casar para ter filhos — replicou ela.

— Não hoje em dia. Maureen estudou-lhe o perfil.

— Talvez outras pessoas se sintam assim, mas eu, não. Tive pais religiosos. Fui criada para acreditar que casamento vem antes de filhos. — Ela deu de ombros. — Talvez eu tenha nascido no século errado. Acho que, no fundo, sou rebelde, mas não aceito bem atitudes muito modernas.

Jake jogou fora o cigarro que estivera fumando.

— Atitudes modernas não são tão modernas assim. Desde o começo dos tempos, pessoas desafiam convenções. Funciona para uma porcentagem da população, mas não funciona para o resto. — Ele a fitou. — Faça o que a deixa confortável. Não confunda rebeldia com conformismo em relação às idéias das quais você nem mesmo gosta.

— Isso é profundo — murmurou ela suavemente.

— É? — Ele entrou no shopping e parou bem na frente do cinema. — Se você quer ser rebelde, pode começar fazendo alguma coisa ultrajante.

— Como o quê? — incentivou Maureen, sorrindo.

— Pensaremos em alguma coisa. — Jake estacionou a picape, apontando para o painel com os títulos dos filmes. — Vê algo de que goste?

Ela via.

— O suspense de ficção científica. A menos que você queira ver outro.

— Não. Ficção científica está ótimo para mim.

Ele desceu e abriu a porta de passageiro, fazendo uma careta quando uma mola solta no assento enganchou na meia dela e rasgou-a.

— Desculpe — murmurou Jake.

— Rasgo um par de meias todos os dias no trabalho — disse Maureen gentilmente, tocando-lhe a mão de leve e sorrindo. — Não tem problema. De verdade.

Ela o fazia se sentir estranho. Lembrou-se de quando uma de suas namoradas tinha rasgado a meia na roseira, na frente da casa dele, e reclamara durante meia hora, exigindo que ele lhe comprasse outro par para substituir o destruído. Mas Maureen era diferente. Muito diferente.

— Eu lhe compro um novo par, de qualquer forma.

— Não. Você já tem coisas demais para fazer, pagando suas próprias contas. Um par de meias não vai me deixar mais pobre.

A gentileza de Maureen o fazia se sentir mais culpado a cada minuto, porque estava deliberadamente deixando-a pensar que era alguém que realmente não era. Mas precisava descobrir sobre o jato. Era seu trabalho.

— Quer pipoca? — ofereceu ele, depois de pagar pelas entradas do cinema.

— Sim, por favor. Podemos dividir um pote — acrescentou ela.

— Não com manteiga. — Ele riu. — Acabei de perder vinte quilos. Não quero recuperá-los.

— Sem manteiga está ótimo. E uma Coca-Cola pequena, por favor.

Ele comprou os itens e conduziu-a para o corredor escuro do cinema, situando-os bem no centro. O filme já estava começando.

Maureen mastigava a pipoca e olhava fascinada para o homem grande sentado ao seu lado. Era uma novidade excitante ter companhia no cinema... Especialmente alguém de que gostava e com quem queria estar. Ficaria triste se provasse que ele era o sabotador. Ao mesmo tempo, esperava que aquele encontro não fosse o único de sua vida. Gostava de Jake, apesar dos possíveis defeitos. E a sensação da pele dele roçando contra a sua era maravilhosa.

Mais tarde, Maureen não conseguia lembrar-se de uma única cena do filme. Eles comeram um hambúrguer numa lanchonete e quando Jake a deixou na porta, já estava escuro.

— Foi divertido — disse ela. — Obrigada por me levar ao cinema.

— Também gostei — replicou ele. E falava sério. Não conseguia se lembrar de um encontro tão divertido. — Você gosta de jogar boliche?

— Bem, nunca joguei.

— Iremos no próximo sábado.

O rosto de Maureen se iluminou. Mal podia acreditar no que ouvira. Era como um sonho se realizando. Jake devia gostar dela, certamente, se a convidava para sair duas vezes seguidas! Os homens costumavam deixá-la na porta, fazendo promessas vagas, antes de fugirem rapidamente. Encantada com o convite, Maureen esqueceu tudo sobre sua missão de espiã.

— Eu gostaria disso — murmurou ofegante.

Jake sorriu. Então, tocou-lhe o rosto de leve.

— Eu não ia ao cinema havia muito tempo. Parece que passei os últimos anos trabalhando demais.

— Enquanto eu passei os últimos anos tentando sair da prisão na qual vivo. — Ela suspirou. — Tenho uma vida mental rica, sabe. Em minha mente, sou uma pessoa cheia de vida, ousada e aventureira. É só no mundo real que tenho problemas.

— O mundo real não é tão ruim — disse ele. — Quanto a se libertar, é mais fácil do que imagina. Você pode ser qualquer coisa que quiser ser. Tudo o que precisa fazer é dar o primeiro passo.

— Com a minha sorte, vou cair em areia movediça.

— Não pense negativamente — argumentou Jake. — Se você espera que coisas ruins aconteçam, elas vão acontecer. Tem de começar com uma visão otimista.

— Não me sinto muito otimista — replicou Maureen. — Talvez eu tenha amaldiçoado o jato Faber apenas indo trabalhar na empresa.

— Não seja absurda. — Os olhos escuros estavam firmes e curiosos.

Ela o fitou com cautela.

— Não entendo por que o Sr. MacFaber não começa uma investigação.

— Bem, MacFaber contratou um detetive particular. Ou assim ouvi dizer. Acho que ele está preocupado.

Ah, então o chefe não estava apenas sentado, sem fazer nada. Ela perguntou-se quem seria o detetive particular, e se Jake sabia. De súbito, temeu que seu novo amigo acabasse na cadeia.

Ele viu a preocupação no rosto de Maureen, e interpretou erroneamente. Então ela estava nervosa. O que era bom. Poderia cometer um erro e cair na armadilha.

— Bem, vejo você na segunda — começou Maureen, relutante em se despedir.

— Por que não amanhã? — Apenas para que pudesse analisá-la melhor, ele disse a si mesmo... Não porque queria estar com ela. — Você vai a algum lugar?

— Somente à igreja.

— Importa-se de ter companhia?

Maureen estava chocada. Ele não parecia o tipo de homem que ia à igreja.

A expressão dela o fez sorrir.

— Você tem razão — confessou ele. — Não entro numa igreja há muito tempo. Mas será uma mudança de rotina para mim. De que religião você é?

— Episcopal.

— Minha família era presbiteriana, mas protestante é protestante. Que horas saímos?

— Às 10h30. Costumo ir a pé, para fazer uma caminhada disse ela, os olhos brilhando de empolgação.

— Está bom para mim. — Ele a estudou na luz da casa, porque Maureen tinha aberto a porta e estava parada na soleira.

— Você está com pressa de entrar?

— Não...

— Então por que não vem aqui e me deixa beijá-la? — perguntou ele, surpreendendo a si mesmo, porque não pretendia dizer aquilo. Maureen possuía um corpo que o encantava, e uma boca maravilhosa para a qual ele olhara a noite inteira. Estava curioso para saber se ela era realmente inocente, como dizia.

Maureen sentiu tremores elétricos percorrendo sua coluna.

— Beijar-me?

— É o costume, acredito — murmurou ele, aproximando-se. E deslizou sua mão grande ao redor da cintura delgada e a puxou contra si. — Ou realmente acha que sou velho demais para você?

Ela tremia tanto que mal conseguia ficar em pé.

— Não. Só falei isso para tentar convencê-lo de que eu não estava perseguindo você.

— Você não é do tipo que persegue homens. — Ele inclinou a cabeça em direção à dela.

— E-eu sei — gaguejou Maureen. A respiração quente em seus lábios a fazia quase delirar de antecipação. — Nunca fui muito autoconfiante...

— Psiu — sussurrou ele contra seus lábios, roçando-os gentilmente em seguida. Após alguns momentos, sentiu o corpo dela começar a relaxar. Ergueu a cabeça para fixar os olhos brilhantes. O nervosismo não tinha desaparecido. Maureen parecia até com um pouco de medo dele. — Você não sabe como fazer isso, certo?

— Não — confessou ela deploravelmente.

— Está tudo bem. — Ele sorriu e inclinou a cabeça de novo. — Eu lhe ensinarei tudo que precisa saber.

As palavras a percorreram como um choque de prazer. Maureen sentiu a boca de Jake provocando a sua com movimentos lentos e gentis. As mãos grandes deslizaram para seus quadris e a pressionaram contra o corpo másculo, num movimento que a excitou enormemente.

— Jake — sussurrou ela, o tom suave, com medo.

— Relaxe. Você está segura. Não vou fazer nada para machucá-la ou assustá-la. Beije-me, Maureen. Abra um pouco a boca e movimente-a contra a minha... Assim, pequena, isso mesmo...

Quando sentiu a pressão da boca de Jake, ela foi inundada por prazer. Os lábios eram hábeis e deliciosos. Maureen o envolveu com os braços e saboreou a sensação dos músculos fortes sob seus dedos. Tremia de um prazer que a apavorava enquanto a boca sensual tomava tudo que queria dela.

Jake ergueu a cabeça, segurou-a pelos braços e a estudou com uma expressão indecifrável.

— Você está tremendo.

— Eu... Ninguém nunca... Beijou-me dessa maneira — disse ela, envergonhada por sua falta de experiência.

Ele estreitou os olhos. Uma semana atrás, não poderia ter imaginado que existisse uma mulher no país que não tivera pelo menos um amante. Ficou atônito ao descobrir que gostava do fato de Maureen ser inocente. Deslizou as mãos pelas laterais do corpo dela, apreciando a suavidade, a sensação das mãos pequenas tremendo contra sua camisa. O trabalho era a última coisa na sua mente enquanto a olhava. Ela não tinha sido a única afetada por aquele beijo.

— Não vou me aproveitar disso — murmurou ele, a voz profunda, no silêncio da noite. — Você me agrada — acrescentou com voz rouca, roçando os lábios sobre a testa dela. — É muito.

Maureen suspirou e aninhou-se contra o corpo forte.

— Devo parecer terrivelmente ignorante. Desculpe. Ele juntou as mãos atrás das costas dela.

— Por que você se desculpa? Não lhe ocorreu que inocência pode ser muito excitante para um homem?

Maureen fez uma careta.

— Não para os poucos homens com quem saí. Eles achavam que eu era um caso perdido.

— Perda deles, ganho meu.

Ela olhou para cima, estudando-lhe o rosto. Era um rosto muito masculino, repleto de autoridade e força. De alguma maneira, ele não parecia um mecânico, pensou sonhadoramente.

— Você sempre foi mecânico?

Jake pareceu desconfortável, as mãos parando na cintura dela.

— Não, nem sempre. — Ele a liberou. — É melhor você ir dormir. Vejo-a pela manhã.

— Tudo bem.

Ele parecia subitamente distante, e Maureen perguntou-se o que teria feito para causar aquela reação. Jake parou na calçada e olhou para trás.

— Você faz café da manhã ou come cereais? — perguntou inesperadamente.

Ela hesitou.

— Geralmente, faço torradas, ovos e salsichas. Você cozinha?

Ele meneou a cabeça e sorriu.

— Estou vivendo de cereais velhos.

— Pode tomar café da manhã comigo — convidou ela.

— Que horas? — Jake sorriu novamente.

— Às nove. Ele assentiu.

— Até lá, então.

Maureen o observou ir. Aquilo não era um sonho. Era real. Não poderia ter imaginado que seu pior inimigo se tornaria um amigo. Mas parecia estar acontecendo. Não ia se permitir pensar no que ele poderia ser. Espionar começou a perder seus atrativos. Agora estava preocupada com Jake.

Ela acordou às 6h na manhã seguinte, apenas para se certificar de que não queimaria as torradas. Fritou salsicha e bacon, e teve de se conter para não fazer os ovos antes da hora.

Mas, enquanto estava na cozinha, descalça e com sua longa blusa de pijama, os cabelos soltos, houve uma leve batida à porta.

Tremendo de ansiedade, Maureen puxou a cortina e olhou para fora. Era ele, vestido num terno cinza velho, mas elegante, o paletó pendurado casualmente no braço, camisa branca e gravata. Perguntou-se por que ele não estava usando o terno caro com o qual o vira dias antes. Poderia saber que ela estava desconfiada, e, conseqüentemente, tentava minimizar suas suspeitas?

Maureen abriu a porta sem pensar e enrubesceu quando os olhos escuros foram automaticamente para suas pernas longas e bronzeadas, e subiram para o vale entre os seios.

— Eu... Não tenho um penhoar — gaguejou embaraçada. Jake a olhou.

— Você tem um corpo lindo. Está respeitavelmente coberto, e não sou um maníaco sexual.

— Oh, eu não quis dizer isso. É só que...

Ele entrou e fechou a porta, jogou o paletó sobre uma cadeira e aproximou-se sem tirar os olhos do rosto dela. Então, emoldurou-lhe o rosto com as mãos.

— Não precisa fugir de mim — disse Jake gentilmente. — Jamais vou machucá-la.

— Não tenho medo de você.

Ele inclinou a cabeça, sorrindo, e cobriu-lhe a boca com a sua, mantendo o beijo suave até que a sentiu relaxar. Encantado pela submissão tímida, levou as mãos à cintura delgada e puxou-a para si. Era extremamente excitante sentir os seios

volumosos contra seu peito através do tecido fino do pijama, sabendo que ela estava nua por baixo.

— Chegue mais perto — sussurrou ele pelos lábios entreabertos de Maureen. — Passe os braços ao meu redor.

— Eu não... Estou vestida — murmurou ela, tentando ser sã.

— Deus, eu sei! — Ele a pressionou contra seus ombros, de modo que pudesse sentir os seios contra seu abdômen, porque era muito mais alto do que ela. A sensação o fez suspirar.

— O quê? — perguntou Maureen, afastando-se para olhá-lo. — Eu fiz alguma coisa errada?

Ele cerrou os dentes, reprimindo as palavras. Maureen não era como as mulheres que conhecia. Talvez fosse por isso que ele tinha vontade de conduzi-la para o sofá e tomá-la ali mesmo. Os olhos verdes brilhavam de excitação, a boca estava levemente inchada de seus beijos. Parecia uma mulher prestes a ter seu primeiro caso amoroso, e ele queria desesperadamente ser o homem. O primeiro homem. O único homem.

— Acho melhor você vestir algumas roupas — murmurou ele com voz rouca. — Não pode imaginar como sua aparência está tentadora agora.

O rosto de Maureen iluminou-se com um sorriso lindo, enquanto ele a soltava.

— Verdade?

Jake virou-se, sério agora, e pegou um cigarro.

— Você já fez o café?

Ela não entendeu a mudança abrupta de humor.

— Sim, sirva-se. Eu volto já. — Maureen foi para o quarto e fechou a porta, ainda se sentindo envolvida pelo calor do abraço de Jake. Era bom ser beijada daquele jeito, mas assustador também. Sentira-se fraca, com uma pulsação desconhecida em seu interior. Que reação estranha a um beijo, pensou, e então colocou meias-calça, um vestido de verão, prendeu os cabelos e aplicou uma maquiagem leve. Voltou para a sala, carregando sandálias de saltos altos e sua bolsa de domingo. Colocou-as sobre a mesa de centro e andou em suas meias de nylon até cozinha.

Jake estava à mesa, tomando café, e sorriu para ela. Maureen estava arrumada e ele queria soltar-lhe os cabelos e amassar aquele vestido. Os olhos escuros diziam isso.

Maureen sorriu, sem graça.

— Vou fazer os ovos — disse, movendo-se para pegar um avental. Ele observou-lhe os movimentos ágeis com apreciação. Nunca assistira a uma mulher cozinhar antes. Era fascinante. Assim como Maureen.

— Este é como outro mundo para mim — comentou ele subitamente. — Nunca me senti tão relaxado na vida, ou apreciei tanto a companhia de uma mulher.

Ela virou-se para olhá-lo, a expressão alegre.

— Verdade?

— Verdade. Você me faz bem.

Maureen baixou os olhos timidamente e voltou para os ovos.

— Gosto de estar com você também, Jake.

Ele se sentiu desconfortável com o uso de seu apelido.

— Você gosta de trabalhar para Blake?

— Gosto muito — confessou ela. — Só que o pobre Sr. Blake se preocupa demais.

Está uma pilha de nervos esta semana. — Ela deu de ombros, inconsciente do olhar intenso de seu companheiro. — Talvez seja por causa do problema do jato Faber, que está deixando todos nervosos. — Maureen o olhou. — Você acha que alguém pode ter tentado sabotá-lo?

CAPÍTULO QUATRO

— OH, você se queimou? — exclamou Maureen, apressando-se para pegar papel-toalha, enquanto Jake cerrava os dentes pelo súbito espirrar do café quente na mão.

A pergunta dela sobre sabotagem o pegara desprevenido, e ele quase se traíra com o movimento desajeitado. Todavia, esqueceu-se do ardor da queimadura, observando-a limpar-lhe a mão delicadamente com o papel e olhar preocupada para a mancha vermelha que tinha se formado no pulso.

Maureen passou uma pomada nele, os toques suaves e gentis.

— Desculpe — disse ela. — Devo ter batido na mesa. Sou tão desajeitada.

— Eu bati na xícara com minha mão — corrigiu ele. — Você não fez nada. O que é isso? — perguntou, olhando para a pomada que ela esfregava ali.

— Pomada para cortes e picadas de abelha, mas é tudo que tenho, e talvez ajude.

— Você sempre cuida das pessoas assim? Ela o fitou.

— Sim. Eu queria ser enfermeira, mas passo mal ao ver sangue. — Maureen suspirou e sentou-se ao lado dele. — A quem estou enganando? Nunca tentei ser nada, exceto o que sou. Só o meu espírito é aventureiro. O resto todo é covardia.

— Eu diria que foi falta de oportunidade — murmurou Jake, sorrindo. — Quando eu tinha sua idade, fiz uma viagem de navio para as ilhas Canárias, Fiji e Havaí — contou ele, lembrando-se. — Trabalhei numa plantação de cana-de-açúcar no Havaí, depois, como balconista em uma das pequenas companhias aéreas. Apreendi a surfar lá. Era bom nisso, apesar do meu tamanho — acrescentou, notando que ela estava atenta a cada palavra. — Então um dos pilotos me ensinou a voar, e fiquei viciado.

— Foi onde você aprendeu a trabalhar em aviões? Ele hesitou.

— Sim, claro.

— Deve ser um trabalho emocionante.

— Sim, mas eu fui atrás do que quis. — Os olhos escuros se tornaram sérios. — Entenda Maureen, não basta querer as coisas. Você tem de lutar por elas. Sonhos são bons, mas somente se levarem você a realizações.

— Você acha que devo arriscar de vez em quando, é isso?

— Em parte. Também precisa estar disposta a fazer sacrifícios. Às vezes, os sacrifícios são grandes. Passei a maior parte da vida adulta fazendo... — ele quase disse dinheiro — aviões. Então, um dia acordei e descobri que aviões eram a minha vida inteira. Eu tinha desistido da vida pessoal no processo. — Os grandes ombros se moveram contra o tecido da camisa. — Tentei mudar isso. Encontrar tempo para coisas

que parei de fazer devido ao trabalho. Mas algo ainda estava faltando. Coisas materiais não recompensam pessoas, sabe?

— Sim — concordou ela suavemente. Os olhos foram para o peito largo, onde podia ver uma sombra escura sob a camisa. Seus lábios se entreabriram enquanto imaginava o que havia debaixo do tecido branco. Seus próprios pensamentos a assustavam, porque nunca tivera curiosidade sobre o corpo de um homem antes.

Ele viu aquela curiosidade e sorriu internamente. De súbito, lamentou não poder lhe dar o que ela estava procurando. Mas um caso com Maureen estava fora de cogitação, assim como algo mais permanente. Ela era doce e gentil, mas não se encaixava no seu mundo. Não fazia sentido começar o que não seria capaz de terminar.

Entretanto, a expressão dela o perturbava. Maureen tinha um jeito de olhá-lo que fazia seu coração disparar. Especialmente quando podia ver os pensamentos que ela tentava não mostrar.

— Sou peludo aqui — disse ele, observando os olhos verdes denotarem o choque. — E não somente aqui. — Inclinou-se à frente, prendendo-lhe o olhar. — No corpo todo, Maureen.

O rubor começou no pescoço e subiu para o rosto. Maureen desviou os olhos e começou a se levantar.

— Vou lavar a louça...

Ele segurou-lhe a mão, mantendo-a no lugar enquanto o arrependimento o preenchia. A ironia e a arrogância faziam parte de sua personalidade. Usava-as como armas para manter seus empregados na linha. Mas não pretendia magoar Maureen.

— Esse foi um golpe baixo — murmurou ele. — Eu não pretendia deixá-la envergonhada. — Com um suspiro, optou pela verdade: — Ouça querida, me incomoda quando você me olha assim. Não é o tipo de mulher que posso levar para a cama a fim de me divertir. Portanto, não crie problemas. Seja uma boa menina e mantenha estes olhos ardentes para você.

— Ardentes?

Ele riu da expressão dela.

— Esqueça pequena. Lave sua louça. Vou tomar meu café com Bagwell. Ele precisa ser alimentado?

— Eu faço isso, mas obrigada por oferecer. — Maureen limpou a gaiola de Bagwell, trocou a água e alimentou-o, enquanto refletia sobre o que Jake tinha dito. Ela o perturbava. E tinha olhos provocantes. Ele podia não querer complicar as coisas, mas o fato de achá-la atraente a deixava muito feliz.

Eles foram à igreja, e depois se sentaram num McDonalds ali perto e fizeram um lanche.

— Gostei de ir à igreja — comentou ele. — Não fazia nada parecido havia muitos anos. Sempre ocupado...

— Onde você trabalhou, no período entre o Havaí e a MacFaber? — Maureen quis saber.

Era uma pergunta simples, mas ele precisou pensar muito para responder.

— Na Corporação Lockheed, na Geórgia. Ótimas pessoas. Ficam ao norte de Atlanta, em Marietta. — Na verdade, ele estivera na Lockheed para desvendar o avião de carga C-5 Galaxy. Felizmente, lembrava-se um pouco sobre o local.

— Tenho um primo que trabalhou lá como desenhista — contou ela, e ele teve de morder a língua. — Mas foi transferido para a Califórnia no ano passado — acrescentou, fazendo-o relaxar. — Acho que você não o conhece. Ele trabalhou lá por um ano.

— Imagino que não.

— Por que será que nunca vi você na cantina? — Maureen sorriu. — A maioria dos mecânicos compartilha a cantina conosco.

— Eu estava no local de construção em Kansas até este mês — replicou ele, e era verdade. — Onde a renovação do jato Faber está acontecendo.

— Sim, sabemos sobre as outras divisões. É uma corporação imensa, não é? Há a sede de engenharia, onde estamos o local de construção, um prédio para eletrônicos... Como acha que o Sr. MacFaber consegue supervisionar tudo isso?

— Ele tem executivos capazes e delega muita autoridade — disse ele, acrescentando quando ela o olhou: — Provavelmente.

— Charlene diz que ele é um pouco gordo. E velho. Tenho curiosidade em vê-lo. Charlene contou que havia um retrato dele, mas sumiu.

Ele comprimiu os lábios, lembrando muito bem o que acontecera com aquela fotografia desagradável de Joseph MacFaber, mas não podia lhe contar.

— Charlene gosta dele?

— Ela nunca o conheceu. É secretária dele somente há quatro meses, e o. Sr. MacFaber está fora do país há quase um ano. Dizem que voa para cá ocasionalmente, mas faz contatos mais por memorandos e telefonemas. — Maureen franziu o cenho.

— Parece-me uma atitude muito temerária. Afinal, ele é o chefe. Se existem problemas com o avião, ele deveria estar empenhado em solucionar, não saltando de montanhas em asa-delta. Você não acha? — acrescentou ela, estudando-lhe a expressão estranha.

— Talvez ele não confie em ninguém. Maureen deu de ombros.

— Não podemos culpá-lo por isso. Se alguém realmente estiver sabotando o novo projeto, é melhor que ele não confie mesmo. Acho que MacFaber suspeita do Sr. Peters, não acha? — acrescentou ela, pensativa. — Sei que o Sr. Peters quer o controle da corporação, mas ele me parece uma boa pessoa.

Ele sabia que tinha parado de respirar.

— Você o conhece?

— Você não o viu esta manhã? Ele vai à minha igreja. Ele não piscou e sentiu a cabeça girando.

— Ele nos viu?

— Acho que não. Estava no banco da frente e nós saímos antes. Eu o teria apresentado a você — disse ela. — É muito simpático.

Aquilo, pensou ele aliviado, teria sido terrível. Mas levantava algumas questões. Se Maureen freqüentava a mesma igreja que Peters e o conhecia... Mas pessoas que iam à igreja realmente se envolviam em algo tão pecaminoso como sabotagem? Contudo, ele aprendera que fachadas doces às vezes mascaravam uma ganância horrível.

— Você parece preocupado — observou ela. — Algo errado?

— Não. Beba seu café. É melhor irmos.

Maureen não entendeu o que estava errado. Ele a levou em casa, falou alguma coisa sobre vê-la no dia seguinte, então partiu sem uma palavra ou um sorriso.

Homem estranho e imprevisível pensou ela. Será que achava que estava sendo desleal com a empresa por ter falado bem do Sr. Peters? Mas o concorrente de MacFaber realmente era uma boa pessoa. Era ambicioso, mas muita gente era. Talvez Jake conhecesse o Sr. Peters e tivesse ficado com medo de ser reconhecido por ele? Maureen começou a pensar coisas perturbadoras de seu amigo. Não queria suspeitar mais de Jake, porque ele estava se tornando parte de sua vida. Mas e se estivesse envolvido na sabotagem?

Maureen passou o resto do dia assistindo filmes com Bagwell, imaginando seja tinha perdido seu novo amigo.

Na segunda-feira de manhã, Jake já tinha ido quando ela saiu para o trabalho, e uma onda de tristeza a assolou. Tivera a esperança de que ele lhe oferecesse uma carona para que fossem juntos ao escritório.

Jake a atraía de uma maneira como nenhum homem jamais a atraía, e Maureen achou que morreria se ele cancelasse o boliche do sábado. Era absurdo envolver-se tanto com um estranho, disse a si mesma, principalmente com um estranho que deixara claro que amizade era tudo que podia oferecer. Mas estava solitária, e Jake a fazia se sentir livre.

Maureen entrou na sala do Sr. Blake e encontrou seu chefe com uma aparência devastada.

— Bom dia.

— Não é um bom dia — respondeu ele. — Meu cunhado idiota será a minha ruína.

— Ele piorou? — perguntou Maureen gentilmente.

— Não, ele não piorou. Ainda não — acrescentou. — Charlene comentou alguma coisa sobre a investigação?

— Bem... Não Charlene — disse ela, tentando proteger Jake. — Mas há rumores de que o Sr. MacFaber contratou um investigador particular para tentar descobrir alguma evidência da sabotagem.

Blake assentiu. Recostou-se e afrouxou a gravata.

— Sim, ouvi os mesmos rumores. Eu sabia que ele não descansaria até descobrir o que houve. Dizem que MacFaber seguiria um inimigo até o inferno para pegá-lo. Pode ser cruel quando sua corporação está envolvida.

— Não podemos culpá-lo, senhor — replicou ela. — Deve ser terrivelmente dispendioso ter algum problema com um novo modelo de avião.

— Mais dispendioso do que percebemos, às vezes. — Ele fez uma careta. — Eles vão afunilar a busca para os mecânicos, ouça o que eu digo.

O coração de Maureen disparou de medo. Não podia ser Jake! Ela não suportaria vê-lo ser preso.

— Vá buscar seu bloco e a correspondência, Maureen — disse seu chefe abruptamente.

— Sim, senhor.

Ela se preocupou com Jake durante toda a manhã e com o que aconteceria se o detetive particular o pegasse. Ele parecia suspeito para qualquer pessoa lógica, especialmente se fosse visto em suas roupas caras.

Na hora do almoço, Maureen foi à cantina, mas não encontrou Jake. Dirigiu-se ao estacionamento depois de comer um sanduíche, e a picape vermelha estava lá.

Perguntou-se se ele conhecia o cunhado do Sr. Blake, que estivera trabalhando na unidade de Kansas até sua súbita doença.

Teria de se lembrar de perguntar a ele da próxima vez em que o visse.

Jake não apareceu o resto do dia e, quando Maureen chegou em casa, ele não estava lá também. Dois longos dias se passaram durante os quais Maureen se convenceu de que ele desistira completamente dela. Não o via na empresa, apesar da presença constante da picape. Estava com medo de perguntar para alguém se ele tinha sido despedido. Não queria ouvir que Jake fora capturado pelo evasivo Sr. MacFaber.

Quando chegou em casa na quarta-feira à noite, havia um bom filme na televisão. Compartilhando pipoca com Bagwell, concentrou-se na tela. Estava tão entretida com o mistério que levou alguns segundos para ouvir as batidas à porta.

Com o coração disparado, levantou-se para ir atender. Só havia uma pessoa que poderia aparecer àquela hora da noite. Maureen penteou os cabelos soltos com as mãos. Estava usando jeans e blusa azul, mas nada de maquiagem no rosto.

Abriu a porta, os olhos brilhando de felicidade. Era Jake, de calça marrom e camisa de grife. Parecia exausto, como se não dormisse há dias.

— Você tem café? — perguntou ele com um sorriso. Ela riu.

— Oh, sim. Entre.

Ele a seguiu para a cozinha, observando a óbvia alegria de Maureen em vê-lo. Ela era encantadora, e lhe despertava qualidades que ele sequer sabia que existiam. Sentimentos de proteção, de posse. Sentir prazer nas coisas mais simples. Nos últimos dias, pegara-se rezando para que Maureen fosse tão inocente quanto parecia. Mais uma semana e teria sua resposta, de um jeito ou de outro.

— Sentiu minha falta? — perguntou ele, precisando ouvi-la admitir aquilo.

— Sim — confessou Maureen. — Pensei que você tivesse... Pedido demissão do emprego.

— Eles me enviaram para outra unidade por alguns dias. — Aquilo era quase verdade. — Eu não esperava ficar longe tanto tempo.

— Você voltou para ficar desta vez? — Ela precisava saber.

— Eles não vão transferi-lo, certo? Ele riu.

— Não acho que exista essa ameaça.

— Fico feliz. — Maureen sorriu. — Vou fazer o café.

— Onde está Bagwell? — perguntou ele, olhando para a gaiola vazia.

— Vendo televisão e comendo pipoca. Ele gosta de mistérios policiais. Grita junto com as vítimas — disse ela, rindo.

Ele olhou para a sala.

— Incrível como ele fica parado assim. A maioria dos pássaros gosta de perambular.

— Amazonas são escaladores, não voadores. E Bagwell não é muito aventureiro. — Maureen serviu café, quase derrubou, em seu nervosismo, e entregou-lhe a xícara. — Quer se sentar aqui ou ver o filme conosco?

— Vamos ver o filme. — Ele a seguiu para a sala e sentou-se ao seu lado no sofá.

Bagwell riu e pulou nas almofadas, perto de Jake, para cumprimentar o recém-chegado.

— Cuidado, ele morde — avisou ela.

Mas Jake estendeu o braço e deixou-o subir. Balançou-o um pouco sobre o braço do sofá e o soltou.

— Fique aí — falou ao pássaro com autoridade.

Bagwell obedeceu, acomodando-se com uma pipoca na garra e deixando-os em paz.

— Como você faz isso? — perguntou Maureen, fascinada.

Ele reclinou-se com um braço ao redor dos ombros dela, como se eles se conhecessem há muito tempo.

— Anos de prática gritando com subordinados. Fui contramestre uma ou duas vezes na vida — acrescentou ele para evitar mais perguntas.

— Oh.

— Como vão as coisas no escritório? — perguntou Jake durante o comercial. — Alguma fofoca nova?

— Apenas que eles continuam procurando pelo problema com o jato Faber — respondeu ela. — Charlene disse que um dos vice-presidentes acha que o Sr. MacFaber está voltando. Acho que vem para fazer pressão no detetive particular.

Jake pareceu pensativo.

— É possível.

— E o Sr. Blake acha que algum... Mecânico possa estar envolvido — murmurou Maureen hesitantemente.

Ele a fitou com curiosidade. — Exatamente o que pensei. Ela pigarreou.

— Quer mais café?

— Se você não precisar passar um novo — concordou ele, consultando o relógio. — Tenho de ir embora às 22h30. Estou esperando um telefonema.

Eram quase 22h15. Maureen ficou desapontada, mas atônita com o relógio que vira no pulso dele, pensou enquanto servia duas xícaras de café. Conhecia um Rolex quando via um, e sabia quanto custava. Jake não teria comprado um Rolex com o salário de um mecânico.

Por um momento abençoado, imaginou se ele poderia ser o detetive particular de MacFaber. Então, virou-se, observando-o ver o filme de mistério policial. Um detetive não gostaria desse tipo de filme?

Ela levou-lhe o café.

— Você gosta de mistérios?

— Muito — admitiu ele com um sorriso. — Assim como gosto de resolvê-los.

— Eu também. Sempre quis ser agente secreta. Ele a fitou intrigado.

— Verdade?

— Mas, como tudo na minha vida, foi somente um sonho.

Ele a estava observando de perto. Precisava descobrir a verdade sobre Maureen. Ridiculamente, sentira a falta dela nos dias em que estivera fora. Estar em sua companhia era como voltar para casa.

Depois disso, Maureen mal conseguiu prestar atenção no filme. Ele deslizou sua mão entre os dois e entrelaçou os dedos nos dela.

— Por que você nunca atende seu telefone à noite?

Ela arfou. Sempre desligava o telefone às 21 h, para que pudesse assistir à televisão sem ser perturbada por telefonemas. Agora que seus pais estavam mortos, não recebia nenhuma ligação importante. Nunca lhe ocorrera que Jake pudesse tentar ligar para ela.

— Eu o desconecto às 21 h.

— Liguei todas as noites, às 23h — replicou ele.

— Você tentou me ligar? — perguntou ela, perplexa.

— Por que a surpresa? Não tem nem mesmo experiência o bastante para saber quando um homem está interessado em você?

Maureen baixou os olhos.

— Pode ser desagradável construir castelos de areia na praia.

— Pode ser desagradável construí-los em qualquer lugar. — A mão grande e quente acariciou a sua, e Maureen adorou a sensação. — Você precisa assumir riscos na vida, se quer realizar alguma coisa.

— É o que dizem. — Ela o fitou. — Mas tenho medo de correr riscos.

— Tem mesmo? — Ele expressou os pensamentos. Soltando-lhe a mão, curvou-a ao redor da nuca delicada, inclinando-lhe a cabeça vagarosamente em direção à dele.

Maureen cedeu quase imediatamente. Ondas de prazer percorriam seu corpo como fogo quando Jake a beijava. Um beijo nunca era igual ao outro. Este era lento e firme, quase como se ele estivesse experimentando, antes de aprofundar.

— Bagwell... — começou ela.

— Esqueça Bagwell. Venha aqui. — Jake a puxou para seu colo num único movimento, e lhe cobriu a boca com um beijo para impedir possíveis protestos.

Grandes braços a envolveram. A barriga de Maureen estava pressionada contra a dele, e Jake segurou-a pela base da coluna quando ela entrou em pânico e tentou se esquivar.

Nunca sentira a excitação do corpo de um homem antes, e isso a deixava envergonhada. Mas tentar lutar só piorava as coisas, porque o corpo másculo declarava enfaticamente o que os movimentos dela lhe causavam, e Jake gemeu contra seus lábios.

Com um suspiro fraco, Maureen cedeu. Não queria machucá-lo. Além disso, talvez nunca mais alguém a segurasse daquela forma. E estava começando a gostar muito daquele homem grande e misterioso.

Pressionou uma das mãos contra a frente da camisa dele, fascinada pelo calor que podia sentir sob o tecido.

O coração dele acelerou com o toque dos dedos delicados.

— Desabotoe — sussurrou ele contra a boca de Maureen. Jake falava sério? Perguntou-se ela, encantada. Estava lhe oferecendo a chance de explorá-lo, de tocá-lo?

Maureen inclinou-se para frente, sentindo o corpo dele pulsar, enquanto pensava se não seria loucura fazer aquilo. Mas estava mergulhada em novos prazeres, apreciando o aroma da colônia masculina, as batidas do coração sob sua palma, a sensação do corpo grande que a envolvia com intimidade. Olhou para os olhos pretos e intensos, e não hesitou.

Seus dedos trêmulos foram para os botões, e Maureen abriu um por um, revelando o peito bronzeado com pelos pretos e cacheados. Então hesitou, refletindo sua incerteza quando o fitou.

— Não pare aí — disse Jake baixinho. — Não consigo pensar em nada de que eu gostaria mais do que sentir suas mãos sobre mim.

CAPÍTULO CINCO

MAUREEN fitou Jake com o coração nos olhos. Ele vinha sendo gentil com ela, fazendo-a se sentir mulher quando a beijava. Mas estava forçando-a a uma intimidade para a qual Maureen não tinha certeza se estava pronta. Precisava de tempo. Ele sentiu a hesitação dela.

— Não estou lhe pedindo que se entregue a mim. Quero que você me toque. Mas somente se quiser isso também.

Aquilo a relaxou. Ela inclinou-se contra ele e enterrou o rosto nos pelos macios onde a camisa estava aberta, sentindo-o enrijecer.

— Não posso ir para a cama com você — sussurrou ela. Jake acariciou-lhe os cabelos gentilmente.

— Você vai — murmurou ele. — Mas iremos devagar. Beije-me. Tenho cinco minutos.

— Que coisa desagradável — Maureen falou com uma risada nervosa. — Você não pode ficar controlando o tempo...

— Eu preciso. Acima de tudo, sou profissional. — Ele abaixou a cabeça e cobriu-lhe a boca com a sua, beijando-a sensualmente até que a sentiu circular os braços ao redor de seu pescoço e relaxar.

— É isso que você quer? — perguntou ele, levando uma das mãos para trás da cabeça dela. O beijo foi longo, lento e muito excitante. Ele não tentou despi-la, nem mesmo tocá-la intimamente. Mas o erotismo do beijo a fez contorcer-se, e foi quando Jake a afastou e levantou-se.

Maureen permaneceu lá, com Bagwell meio adormecido aos pés do sofá, enquanto Jake movia-se para acender um cigarro, de costas para ela.

— Tenho de ir — disse ele brevemente.

Oh, Deus, pensou ela. Ele vai embora e não volta nunca mais...

Jake virou-se e ela viu a expressão de desejo frustrado. E soube que ele não iria embora para sempre. Podia não gostar daquilo, mas a química entre os dois era muito forte para ser ignorada.

Maureen ficou subitamente grata por Jake ser mecânico, e não um homem rico. Pelo menos, era um homem comum, mesmo que existisse a possibilidade de estar trabalhando para Peters. Ela poderia conviver com uma ambição exacerbada. Poderia conviver com qualquer coisa para não perdê-lo.

— Pensamentos profundos, Maureen?

— Estou feliz por você ser só um mecânico — disse ela suavemente. — Um homem comum. Gosto de quem você é.

— Talvez eu não seja quem pareço ser.

Maureen perguntou-se então se estivera certa o tempo todo, se Jake era mesmo um sabotador. Mas isso não parecia importar.

— Não importa quem você seja — replicou ela de modo impulsivo.

— Você pode descobrir que importa muito. — Jake consultou o relógio e praguejou baixinho. — Preciso ir. Eu a vejo no trabalho amanhã.

— Tudo bem. — Maureen se levantou, as pernas bambas, os cabelos desalinhados, os lábios ainda inchados dos beijos dele.

Jake pegou-lhe a mão e a conduziu até a porta, parando para, lhe dar um beijo ardente de despedida.

— Seu beijo é muito doce — sussurrou ele e mordiscou-lhe o lábio de leve. — Boa noite.

— Boa noite.

Ele partiu antes que Maureen pudesse dizer outra palavra. Ela colocou Bagwell na gaiola, cobriu-o e foi para cama. Mas não dormiu. Do outro lado da parede, podia ouvir a voz profunda de Jake. Não era possível distinguir as palavras, mas ele soava zangado e a conversa durou um longo tempo. Ainda o ouvia quando finalmente começou a adormecer, preocupando-se com o futuro dele. De alguma maneira, precisava protegê-lo de MacFaber, se ele fosse o sabotador. Não sabia como ia fazer isso, mas tinha de haver um meio. Não permitiria que nada acontecesse a ele.

Na manhã seguinte, tudo parecia estar errado no trabalho. O Sr. Blake, que nunca se atrasava, não estava à sua mesa. Maureen trabalhou com a correspondência e atendeu telefonemas, mas não podia fazer relatórios ou responder cartas técnicas.

Quando o horário do almoço chegou e seu chefe ainda não tinha aparecido, ela começou a se preocupar. Seu primeiro pensamento foi sobre Jake. Talvez ele tivesse sido descoberto! Talvez já estivesse preso!

Maureen foi à cantina comer, mas ele não estava lá. Desesperada, passou na sala de MacFaber para ver se Charlene sabia de alguma coisa.

— O Sr. Blake não está no escritório — contou ela depois de cumprimentar Charlene.

— Acho que não. MacFaber entrou em ação — sussurrou ela em tom confidencial. — Está de volta e quer guerra. Ouvi dizer que levou todos os altos executivos para um hotel nos limites da cidade, a fim de fazer uma reunião.

— Eles pegaram o culpado? — perguntou Maureen cautelosamente.

— Que culpado? — Charlene franziu o cenho.

— Aquele que sabotou o jato Faber.

— Ah, aquele! — Charlene sorriu. — Acho que sim, mas eles não vão dizer quem foi. Todavia, tenho uma informação confidencial de que haverá outro vôo de testes daqui a uma semana. Então saberemos.

O coração de Maureen estava loucamente disparado.

— Eles não mencionaram nenhum nome? Charlene meneou a cabeça.

— Não. E parece que o problema não foi exatamente sabotagem. Tudo que sei é que o Sr. Blake foi procurar MacFaber ontem à noite, e esta manhã houve uma reunião secreta. — Ela baixou o tom de voz. — E, aparentemente, o detetive particular de MacFaber fez um trabalho brilhante, andando por aqui disfarçado, enquanto descobria a causa da falha no último teste. Pelo que eu soube alguém foi realmente culpado. Alguém na seção dos mecânicos, e desta unidade.

Maureen se sentiu atordoada. Aparte sobre o detetive disfarçado a intrigou. Era possível que Jake fosse o detetive particular de MacFaber? O pensamento deu-lhe esperança. Pelo menos havia uma chance de que ele não fosse espião. E ele lhe dissera que talvez não fosse à pessoa que parecia ser.

— Está tudo bem? Você está pálida. Maureen voltou ao presente.

— Estou bem. — Ela sorriu e voltou para seu escritório. Permaneceu sentada até o meio da tarde, pensando em Jake. Somente quando o Sr. Blake chegou pálido e exausto, sua mente se distraiu.

— Não quero ouvir nenhuma pergunta. — Ele estendeu uma das mãos quando ela começou a falar. — Portanto, pegue seu bloco, Maureen, e vamos trabalhar.

E Maureen não teve escolha, senão trabalhar e ficar sem respostas para suas perguntas.

Ela foi para casa, preparou um sanduíche, tentando não chorar. E se Jake tivesse sido preso? Sua vida estava acabada. Nunca mais o veria...

Houve uma batida à porta. Ela correu para abrir, e lá estava ele. Parecia cansado e ansioso. Mas, para Maureen, ele era a visão mais linda do dia.

Começando a chorar, ela o abraçou.

— O que houve? — perguntou ele, assustado.

— Foi você? — Ela o fitou com uma expressão desesperada. — Houve uma reunião importante, e não consegui encontrá-lo. Pensei... que talvez eles o tivessem prendido por sabotagem!

Jake estava muito imóvel. Apertou as mãos nos ombros dela.

— Você pensou que tivesse sido eu?

— Bem, você é novo — justificou Maureen. — E eles disseram que suspeitam de um mecânico, e eu não sabia se você estava trabalhando para o Sr. Peters. — Ela afastou-se e olhou para o rosto chocado de Jake. — Desculpe-me por ter pensado uma coisa tão terrível a seu respeito. E pensei também que talvez você fosse o detetive particular de MacFaber? — O tom era de pergunta, e ela o estudou, esperando por uma reação. Mas as feições calmas de Jake não se alteraram.

Ele perguntou-se o que ela diria se admitisse que também desconfiara dela. Agora tinha certeza de que Maureen era inocente. Ou quase certeza. Dali a uma semana, teria a resposta, quando o jato voasse ou não.

Tocou-lhe os cabelos e sorriu.

— Você acha que sou um sabotador? E não se importa?

— Você é meu amigo — replicou ela simplesmente. — Tudo bem, vá embora e não volte nunca mais. É tudo que mereço.

Ele não se moveu. Apenas arqueou as sobrancelhas.

— Por que você continuou me vendo?

— No começo, eu estava vigiando você — confessou Maureen com um sorriso tímido. — E depois... — o sorriso desapareceu quando ela estudou-lhe os olhos. — Você não está encrencado, certo? Serei uma testemunha de caráter se você precisar de uma. Farei qualquer coisa para ajudar.

— Verdade? — Ele acariciou-lhe os cabelos. — Esta é uma preocupação real, ou você descobriu mais sobre o que deu errado com o jato Faber?

Ela o olhou confusa.

— Não entendo.

Ele suspirou. Talvez Maureen não entendesse. Talvez não soubesse quem ele era.

— Esqueça. O que vamos comer? Estou faminto.

A pergunta, tão mundana, causou grande prazer em Maureen, fazendo-a sorrir.

— Sanduíche e gelatina. Ele fez uma careta.

— Vá trocar de roupa que vou levá-la para comer crepes e bolo.

— Está muito tarde — disse ela. — E não deveria gastar seu dinheiro comigo. — Sentindo-se corajosa, aninhou-se nos braços dele e inalou a deliciosa colônia masculina. — Estou feliz por você não estar encrencado.

Ele a abraçou apertado. Era estranho como se sentia protetor em relação àquela mulher. Ela não era linda, não tinha dinheiro. Não era sofisticada e não vinha de uma família nobre. Então por que se sentia tão bem ao seu lado?

— O Sr. Blake não me conta nada, e Charlene não sabia de nada — disse Maureen. — Mas alguma coisa está acontecendo, posso sentir isso. Dizem que o detetive particular do Sr. MacFaber fez uma descoberta valiosa.

— Assim ouvi falar.

— Bom para ele. Pobre velho Sr. MacFaber.

— O que a faz pensar que ele é velho?

— Oh, Charlene diz que ele tem, no mínimo, 40 anos. E é um pouco gordo e grisalho. Acho que desgasta o corpo com mulheres sul-americanas e esportes.

Ele riu.

— Talvez. Mas eu não apostaria muito nas mulheres sul-americanas. Pelo que sei MacFaber não é mulherengo.

— Verdade? — Ela ergueu a cabeça para fitá-lo. — Isso vai partir corações no escritório. Todas as garotas estão ansiosas para que MacFaber apareça. Aham que ele é o Príncipe Encantado. Haverá um escândalo quando ele aparecer.

— Não duvido. — Ele a liberou e afastou-se. — Olá, Bagwell. O grande pássaro o olhou com desinteresse e continuou mordiscando seu pão com presunto.

— Quantos sanduíches você agüenta comer? — perguntou ela, abrindo o saco de pão. — De presunto, queijo, alface e maionese.

— E mostarda — instruiu ele. — Dois.

— Certo.

Ela preparou os sanduíches, encantada por tê-lo ali, sentado à mesa de sua cozinha. Jake tirou paletó e a gravata e colocou-os sobre uma cadeira. Depois, cruzou as compridas pernas e abriu o primeiro botão da camisa. Aquela era uma camisa cara também, notou Maureen quando abriu um saquinho de batatas para acompanhar os sanduíches. Tentou imaginar onde ele tinha ido tão arrumado, mas não perguntou.

— Gosto disso — murmurou ele quando ela lhe ofereceu café. — Não me recordo da última vez que uma mulher me preparou um jantar.

— Aposto que sua mãe fazia isso. Os olhos escuros se estreitaram.

— O que você sabe sobre minha mãe?

— O que eu poderia saber, se acabei de conhecê-lo? — replicou Maureen. — Mas minha mãe costumava fazer coisas para mim, portanto presumo que a sua também fazia.

— É claro. — Ele deu um gole no café. — Minha mãe não sabia cozinhar. Não era nada doméstica.

— Você tem irmãos e irmãs?

Jake meneou a cabeça.

— Não tenho ninguém. Não mais.

— Sinto muito.

— Por quê? Você também não tem ninguém.

— Isso é verdade. — Maureen se sentou diante dele, ofereceu outro pedaço de sanduíche para Bagwell, depois comeu o seu. Estava ciente da camiseta muito justa que usava com jeans surrado. E os olhos de seu convidado pareciam demorar-se ali, principalmente quando aquele estudo todo fez seus mamilos se arrepiarem.

— Por que prendeu os cabelos assim? — perguntou Jake, gesticulando para o rabo de cavalo. — Não combina com você.

— Muito obrigada.

— Gosto deles soltos. — Ele deu outra mordida no sanduíche e sorriu. — Solte este rabo de cavalo e talvez eu faça amor com você.

O coração de Maureen disparou.

— Não — disse ela com fraco humor. — Você não faz sexo com virgens. Disse isso.

— Fazer amor — sussurrou ele, prendendo-lhe os olhos.

— Não fazer sexo.

Ela enrubesceu, mas não desviou os olhos.

— Qual é a diferença?

— Apenas uma inocente faz uma pergunta como essa. — Ele acabou o último sanduíche e reclinou-se para saborear o café.

— Estava muito bom.

— Obrigada.

— Como estava seu chefe hoje? — Jake perguntou de repente.

— O Sr. Blake? — Distraída, ela ofereceu uma batata a Bagwell. — Estava preocupado. Tentei questioná-lo sobre o sabotador, mas ele não falou. Acho que o Sr. MacFaber o devastou. Charlene diz que ele está sendo muito duro com os executivos.

— Mas eles merecem — retornou ele. — Todo o projeto podia ter sido desperdiçado por causa do erro idiota de um homem. Maureen arqueou as sobrancelhas.

— O que você sabe sobre isso?

— Mecânicos sabem de tudo — replicou ele com naturalidade.

— Oh. — Ela se levantou e serviu mais café. — Você parece cansado.

— Estou cansado. — Jake fechou os olhos com um suspiro.

— Estou ficando muito velho para meu estilo de vida. Acho que terei de diminuir o ritmo.

— Bobagem. Temos a idade que pensamos ter. — Ela tocou-lhe os cabelos pretos com hesitação. — Você precisa ir para casa e para a cama — acrescentou gentilmente.

Pegando-lhe a mão, Jake abriu os olhos e a fitou.

— Durma comigo. Maureen enrubesceu.

— Não.

— Apenas dormir. Estou cansado demais para qualquer outra coisa.

— Isso não seria uma boa idéia — disse ela, detestando suas inibições, porque nunca quisera tanto algo como aninhar-se numa cama ao lado dele, sentindo-o abraçá-la na escuridão. Mas era muito perigoso.

— Por que não? — persistiu Jake.

— Porque alguma coisa poderia acontecer. — Ela desviou os olhos. — Jake, eu nem mesmo sei como tomar precauções.

Ele franziu o cenho. Maureen parecia pertencer a outro século. Entretanto, havia algo de tão vulnerável nela, de tão adorável... Imaginou como seria se ela estivesse carregando seu filho.

Sua própria idéia o irritou, fazendo-o soltar-lhe a mão.

— Tem razão. Algo poderia acontecer, e ainda é muito cedo. — Ele se levantou. — Desculpe não ter podido levá-la para jogar boliche. Então, que tal amanhã à noite? Restaurante chinês e boliche depois?

O rosto de Maureen se iluminou.

- Eu adoraria.
- Eu a busco às 18h. — Ele acariciou a cabeça de Bagwell, que estava dormindo.
- Ele está se acostumando comigo.
- É o que parece.
- Você também está se acostumando comigo?
- Sim — confirmou ela, a voz repleta de sentimento. Mãos grandes a seguraram pela cintura e a puxaram para ele.
- Não se preocupe com as coisas no trabalho. — Ele inclinou a cabeça. — Vai dar tudo certo. Beije-me.

E Maureen fez o que ele pedira, adorando a sensação da boca firme contra a sua, porque estivera ansiosa por isso desde que Jake entrara por aquela porta. Mas, se esperasse por um ardor violento, ficaria desapontada. Foi um beijo breve e muito casto. Ele recuou imediatamente, soltando-a com um sorriso carinhoso.

- Espero que você goste de comida chinesa — murmurou, indo para porta.
- Adoro — respondeu Maureen ofegante.
- Ótimo. — Ele a estudou, observando-lhe a expressão frustrada, como se ela quisesse mais do que um beijo suave. Ele também queria, mas era o momento errado. Nenhum dos dois estava pronto para nenhum tipo de compromisso. E a idéia de usá-la para uma noite de prazer era desprezível.

Realmente não entendia que efeito Maureen tinha sobre ele. Ela era tímida, não sabia beijar, e provavelmente desmaiaria se ele tentasse despi-la. Seu coração disparou com o pensamento. Ela era virgem, e todas as reações seriam novas, todos os desejos reprimidos encontrariam satisfação com ele. Apenas considerar o prazer de mostrar tudo aquilo a ela já o deixou levemente tonto. Abriu a porta, esperando que o ar frio da noite trouxesse um alívio para seus sentidos. Eles eram de mundos diferentes. Não poderia seduzi-la. Maureen era o tipo de mulher que relacionava sexo a uma aliança, e ele não queria se casar. Não havia espaço em sua vida para uma esposa.

- Tranque a porta — disse ele, porque se sentia protetor.
- Vou trancar. Boa noite — murmurou ela suavemente. Maureen suspirou depois que Jake partiu. Não sabia o que fazer. Ele iria seduzi-la, e ela não tinha certeza de como iria conviver consigo mesma. Queria-o desesperadamente. Incrível! Naquela idade e tão ignorante com relação aos homens...

Vestiu a blusa do pijama e foi para a cama. Quando finalmente conseguiu dormir, Jake a perseguiu em seus sonhos. Em seu sonho, ele a despiu muito lentamente e a beijava. Maureen sentiu o impacto dos olhos escuros sobre seu corpo, olhando para lugares que ela jamais permitira que outro homem visse, provocando-a com a boca de uma maneira tão intensa que mesmo agora ela podia sentir a umidade quente sobre os seios.

Maureen gemeu em seu sonho.

O sonho era tão vivido que podia sentir as mãos que exploravam seu corpo. Os toques lhe provocavam um ardor tão intenso que ela gritou. O som a acordou, fazendo-

a se sentar na cama, molhada de suor e tremendo pelo calor que o sonho erótico lhe causara.

Levantando-se, dirigiu-se à cozinha e olhou para o relógio. Eram apenas cinco da manhã, mas sabia que não conseguiria voltar a dormir. Tinha esquecido os óculos, e sequer conseguia fazer café sem eles, mas, quando começou a voltar para o quarto, uma batida à porta a fez parar.

— Quem é? — perguntou numa voz nervosa.

— Oh, pelo amor de Deus, quem você acha que é? — disse a voz profunda do outro lado.

Ela abriu a porta, esquecendo que estava usando somente a blusa do pijama.

Se estava pouco vestida, Jake também estava. Apesar da falta de óculos, Maureen podia vê-lo bem, porque ele parou muito perto quando entrou na cozinha e fechou a porta. Ela foi incapaz de falar ou mesmo de se mover.

Jake usava apenas uma calça clara. Estava descalço, com o peito poderoso exposto. A pele era lindamente bronzeada, e os pelos sedosos iam do pescoço até a cintura estreita, desaparecendo dentro do cinto da calça. Os braços eram musculosos. Ele era maravilhoso, e ela sabia que estava olhando fixamente, mas não se importou.

Ele notou o olhar e o atribuiu ao fato de que Maureen não estava usando óculos.

— Então? — perguntou brevemente.

— Então o quê? — murmurou ela, desorientada.

— Ouvi você gritar.

Maureen enrubesceu violentamente.

— Eu... estava sonhando. Ele notou o rubor.

— Deve ter sido um sonho vivido.

— Foi. — Maureen baixou os olhos para o peito largo mais uma vez. Queria tirar a blusa do pijama e roçar a pele contra a dele. O pensamento inusitado a chocou.

— Pensei que você estivesse tendo um pesadelo — disse Jake. — Mas paixão e medo também nos fazem gritar, não é?

— Não sei sobre paixão...

Ele se aproximou mais, e as mãos grandes lhe acariciaram os braços.

— Conte-me sobre o sonho — murmurou Jake, beijando-lhe a testa, as pálpebras fechadas, o nariz, as faces, — Conte-me por que você gritou.

— Você... você estava... me tocando — gaguejou ela, incapaz de mentir ao sentir as mãos fortes movendo-se para sua cintura e puxando-a gentilmente contra ele.

O coração dele começou a bater descompassado, enquanto seus dedos sentiam a pele suave sob o tecido fino.

— Tocando você onde?

Maureen pressionou o rosto contra o peito dele, inalando o aroma do corpo másculo.

— Eu não posso...

— Você tem aroma de rosas, Maureen. — As mãos fortes hesitaram e então se moveram mais para baixo, segurando-a pelos quadris e puxando-a para mais perto.

Ela arfou ao sentir a excitação masculina e tentou se afastar, mas as mãos de Jake estavam firmes.

— Isso, para um homem, sinaliza sua vulnerabilidade em relação a uma mulher — explicou ele. — É um sinal de atração. Então, por que fica assustada ao me sentir assim?

— Eu nunca... senti nenhum outro homem assim.

— Nem mesmo naquele sonho ardente que acabou de ter? Maureen fechou os olhos com força.

— Eu nunca tinha tido um sonho como esse antes — confessou ela.

— Eu a ouvi através da porta do quarto. Você gritou. — Ele ergueu as mãos dos quadris delgados para um abraço mais íntimo quando a sentiu tremer. — Posso produzir esses sons em você, de verdade. Posso fazê-la sentir o prazer que sentiu no sonho, com minhas mãos e minha boca.

Tremendo ainda mais, Maureen enterrou as unhas nos braços grandes e quentes.

— É muito cedo — ela conseguiu falar, mesmo que seu corpo estivesse atormentado por conhecer o toque de Jake.

— Tem certeza? Maureen engoliu em seco.

— Tenho.

Ele deixou que ela se afastasse um pouquinho, enquanto deslizava as mãos para sua cintura. A respiração estava ofegante, e ela pensou que podia ouvir as batidas do coração de Jake.

— Não, você não tem certeza — discordou ele, sorrindo. — Mas vou deixá-la escapar desta vez. Mesmo sabendo o quanto quer que eu a toque.

Ela encontrou os olhos dele timidamente.

— Como... você sabe?

— Por causa disso. — Prendendo-lhe o olhar, ele roçou o polegar gentilmente sobre um dos mamilos rijos, sentindo o corpo de Maureen estremecer enquanto ela arfava de um prazer inesperado. — Sentiu? Foi isso que fiz com você em seu sonho?

— Você... você tirou a minha blusa — respondeu ela ofegante. Os olhos verdes estavam enormes, repletos de prazer quando ele movimentou o polegar novamente.

— Assim? — perguntou ele num murmúrio rouco e abriu os botões do pijama, até que Maureen estivesse vulnerável à sua frente, a blusa no chão, e os seios suaves e rosados apenas de uma tonalidade um pouquinho mais clara do que a calcinha cor-de-rosa.

CAPÍTULO SEIS

O EFEITO dos olhos de Jake no seu corpo era abrasador. O rosto de Maureen queimava por sua própria ousadia de deixá-lo vê-la assim, e suas mãos tremeram quando tentou empurrar o peito peludo, para que pudesse pegar sua camisa de volta.

Mas ele a puxou gentilmente contra o corpo grande e quente, quase a fazendo derreter.

— Não posso abraçá-la desse modo durante a manhã inteira sem perder a cabeça — murmurou Jake, observando-lhe o rosto. — Portanto, não entre em pânico e comece a lutar por sua honra. Sei que você não quer sexo e não estou lhe oferecendo isso. Ponha seus braços ao meu redor. Quero sentir a suavidade de seus seios contra mim por alguns minutos, e então a soltarei.

Ela corou com a declaração. Jake a fazia se sentir muito inexperiente, o que, claro, ela era. Maureen envolveu-o com braços trêmulos, como ansiara fazer por tantas noites solitárias. Gemeu suavemente com a incrível sensação das peles se tocando, dos braços fortes a envolvendo, do abdômen reto contra os seios nus. Tremeu quando encostou o rosto no peito largo.

— Outra primeira vez? — ele perguntou e Maureen assentiu com a cabeça. Ele a moveu sensualmente contra seu corpo, encantado ao ouvi-la arfar.

— Jake! — exclamou ela, tremendo.

As mãos dele subiram por baixo dos braços de Maureen, os polegares deslizando pelas laterais dos seios.

— Vamos parar num minuto. Não desmaie.

Enquanto falava, as mãos dele se moviam, acariciando-a. Subitamente, Jake abaixou a cabeça. Provou-lhe os seios, saboreando a pele sedosa com puro prazer, enquanto Maureen se contorcia de uma maneira erótica, cada vez mais entregue.

E sua resolução de não deixar as coisas saírem de controle estava enfraquecendo a cada minuto. Os gemidos dela, as mãos desesperadas em seus cabelos o estavam deixando rígido de excitação, até que, finalmente, seu desejo se tornou urgente demais para ser ignorado. Prometera a si mesmo que conseguiria fazer aquilo e não perder a cabeça. Na verdade, um milhão de vezes, em sua juventude. Mas aquilo era diferente, como jamais acontecera em sua vida, e soube que seria muito difícil interromper.

Levantou a cabeça para estudar um rosto que nem mesmo reconheceu. A cabeça de Maureen estava inclinada para trás, os cabelos cascadeando gloriosamente até a cintura, os olhos anuviados de prazer, as faces coradas, a boca inchada e vulnerável.

— Preciso de você — sussurrou ele com voz rouca. — E você precisa de mim. Vamos para a cama.

— Eu poderia engravidar Jake — murmurou ela, temerosa. Em pânico, empurrou-lhe o peito. — Solte-me, por favor. Eu não posso...

— Não se mexa pelo amor de Deus! — reclamou ele, temendo a provocação inocente de Maureen. Segurou-a com firmeza para lhe deter os movimentos, tentando controlar seu desejo frustrado.

— Desculpe.

Ela a olhou intensamente.

— Podemos evitar uma gravidez. Tenho algo em minha carteira.

Maureen queria aquilo. Queria Jake. Mas havia barreiras em sua mente, aprendidas desde criança e mantidas ali por suas próprias crenças e valores. Ele não queria compromisso, e ela não poderia compartilhar sua cama sem isso. Um caso de uma única noite era a última coisa que queria, mesmo que fosse com Jake.

A hesitação de Maureen o deixou com raiva.

— Armando ciladas? — perguntou ele num tom de desprezo. — Você vai se guardar para o casamento é isso? — Afastando-a não muito gentilmente, pegou a blusa do pijama do chão e jogou-lhe. — Bem, não tenha esperanças, querida. Isso já foi tentado antes. Eu nunca quis uma mulher o bastante para sacrificar minha liberdade por alguns minutos de sexo ardente.

Jake fazia aquilo parecer barato e sórdido. Ela fechou os olhos e tremeu, agora com desgosto, enquanto vestia sua blusa e a abotoava. Ainda bem que não estava de óculos. Não suportaria ver o desdém nos olhos dele. Mas Jake tinha entendido tudo errado. Ela não queria chantageá-lo para conseguir um casamento. Apenas não queria se entregar sem que houvesse amor de ambos os lados.

Ele se sentia furioso. Maureen parecia profundamente magoada, fazendo-o cerrar os dentes pelo que havia dito e feito. Nunca deveria ter deixado as coisas irem tão longe. Até mesmo lhe prometera que controlaria a situação, e olhe o que acontecera. Mas a visão de Maureen naquela blusa de pijama o cegara de paixão.

— Vou me vestir — disse ela antes de se virar, ir para o quarto e fechar a porta, encostando-se contra ela com lágrimas escorrendo pelas faces. Nunca mais queria vê-lo. Jamais imaginara que alguma coisa pudesse doer tanto. Jake só queria seu corpo, não sua mente e seu coração.

— Maureen.

Ela fungou para conter as lágrimas e trancou a porta do quarto com um ruído audível. Não respondeu, porque não queria que ele percebesse o quanto estava magoada.

Eleja sabia. Ouvira-a fungar. Com um suspiro, murmurou:

— Vejo você à noite. Preciso ir.

Maureen conseguiu controlar o tremor na voz.

— Não vou sair com você esta noite, Jake. Obrigada de qualquer forma. Adeus.

Ele pausou, raiva e frustração o inundando.

— Se é isso o que você quer tudo bem para mim. Tenho coisas melhores para fazer com meu tempo livre do que sair com uma virgem puritana!

Ela fechou os olhos enquanto ouvia passos zangados se afastarem. Uma porta bateu. Maureen deu vazão às lágrimas. Bem, agora sabia o que Jake pensava a seu respeito. Era culpa dela, de qualquer forma. Nunca deveria ter deixado que a tocasse. Agora nunca mais o veria. Detestava a si mesma. Detestava-o ainda mais.

Colocou um vestido azul simples e prendeu os cabelos num coque rígido. Fez o café da manhã e alimentou Bagwell. Em seguida, foi trabalhar com o coração partido.

Não viu Jake naquele dia, e ele não voltou para casa à noite. Bem, pensou Maureen com tristeza, o que esperava? Ela devia ter talento para manter homens atraentes afastados, porque fizera um trabalho magnífico com Jake.

Finalmente o sábado chegou, e ao menos estava um dia ensolarado, de modo que ela pôde sair no jardim e cuidar de suas plantas. Mas não conseguia se concentrar naquilo. Sentia-se culpada por ter deixado Jake tocá-la daquela maneira. Se não tivesse permitido nada desde o início, eles ainda seriam amigos. Mas tinha adorado sentir aqueles toques.

Com um suspiro, Maureen cavou a terra. Seus cabelos estavam presos num coque e não usava nenhuma maquiagem. Estava de jeans, sandálias e uma camisa de algodão enorme. Parecia jovem e vulnerável, mas nem um pouco sexy... que era o que queria. Precisava aprender a controlar aqueles sentimentos, disse a si mesma. Então, se houvesse uma próxima vez, não se permitiria sofrer.

Estava tão envolvida em sua angústia que não ouviu Jake até que ele estivesse em pé, ao seu lado. Seu coração disparou, mas ela não o olhou. Sentia-se envergonhada demais.

Ele olhou para o rosto pálido, atormentado por sua própria culpa. Não dormira direito desde o ocorrido, apesar dos negócios que o tinham mantido afastado. Estava arrependido por tê-la pressionado, e principalmente pelas coisas que lhe dissera.

— Nós ainda estamos nos falando? — perguntou. — Ou jantarei sozinho esta noite?

Maureen estava olhando para os pés sujos de terra, sentindo-se muito nervosa.

— Pensei que você nunca mais fosse falar comigo. — O lábio inferior tremeu e ela o prendeu entre os dentes. — Sinto muito, Jake!

Ele praguejou baixinho e subitamente ergueu-a contra si, envolvendo-a nos braços. Nunca se sentira tão protetor em relação a uma mulher. Detestava vê-la chorar e sentir-se responsável pelas lágrimas.

— Senti sua falta. — Ele enterrou o rosto no pescoço dela e beijou-a ardentemente, enquanto as mãos grandes lhe acariciavam as costas. — Meu Deus, sinto muito também! Não fui sincero sobre o que lhe falei aquela manhã.

Uma onda de alegria a percorreu. Jake devia se importar um pouco, porque voltara. Ela fechou os olhos e se aninhou mais ao corpo forte. Pelo menos ele não a odiava mais.

— Foi culpa minha também — disse ela. — Eu nunca deveria... ter me comportado com você daquela forma. Agi como uma prostituta!

— Não! — Ele inclinou-lhe o rosto para o seu chocado pela declaração. — Você não fez nada assim.

— Deixei você me olhar daquele jeito. — Maureen baixou os olhos e corou.

Ele teve de arfar. Nunca tivera de lidar com essa espécie de trauma emocional. Mas jamais conhecera alguém como Maureen.

— Ninguém em sua família nunca lhe falou sobre sexo? — perguntou gentilmente. Ela fechou os olhos.

— Sexo antes do casamento é errado. Meus pais eram pessoas muito religiosas, Jake, e eu também sou. — Maureen olhou para cima. — Não vou me desculpar por minhas crenças.

Ele sorriu e tocou-lhe o rosto com as pontas dos dedos.

— Não estou lhe pedindo para fazer isso. Mas as sensações que você tem quando eu a toco são muito naturais. Fazem parte de ser uma mulher. Se não apreciasse o beijo de um homem ou as mãos dele em seu corpo, não seria normal. — Ele levou as mãos às costas dela. — Sexo é à base de nossa espécie, pequena. Sem ele, você nem mesmo estaria aqui.

Maureen tinha dificuldade de falar sobre aquilo. Olhou para o peito largo e poderoso.

— Eu não sabia que isso fazia as pessoas se sentirem tão indefesas — confessou timidamente.

— Ou tão ardentes? — Ele deu um sorriso travesso. Ela sorriu.

— Também.

— Tudo que você precisa lembrar é que os homens são facilmente excitados, mas tal excitação não esfria com facilidade. Pensei que pudesse olhar para você sem enlouquecer, e descobri que não sou capaz. — Ele roçou o nariz no dela. — Pela primeira vez na vida, não consegui parar quando quis. Você me excitou tanto que perdi o controle.

Os olhos verdes se arregalaram, fascinados.

— Você não entende? — continuou Jake, sorrindo. — Então, vou lhe explicar.

Ele explicou e, quando terminou, Maureen estava tão envergonhada que seu rosto parecia queimar. Ninguém jamais lhe falara tão francamente de coisas íntimas antes.

— Meu Deus! — exclamou ela, tentando se afastar. Ele a manteve no lugar com movimentos gentis.

— Isso irá educá-la um pouco mais. É preciso que saiba algumas coisas, porque não vou embora novamente. Dói muito ficar longe de você. Uma vez que não quer um caso comigo, teremos de fazer as coisas do seu jeito. E, se você não me tentar novamente, andando com aquela blusa de pijama, iremos nos entender.

— Foi por isso? — perguntou ela sem fôlego. Ele assentiu.

— Também tive sonhos com você. E, se quer saber, não tem sido fácil me excitar ultimamente. Você consegue fazer isso apenas atravessando um cômodo.

Maureen baixou os olhos.

— Seria melhor você encontrar alguém que não tenha meus bloqueios emocionais.

— Não quero alguém sem seus bloqueios emocionais. — Ele suspirou. — Eu quero você. De uma maneira que se sinta confortável comigo. Acho que posso viver de banhos frios e sonhos, se necessário — acrescentou com um sorriso. — Contanto que você me beije de vez em quando.

— Você me faz sentir culpada, Jake.

— Isso não é o que quero em absoluto. — Ele roçou-lhe os lábios gentilmente com os seus, sentindo e adorando a resposta imediata de Maureen. — Acho que consigo lidar com isso agora sem perder o controle como da última vez. Então abra a boca e me mostre o quanto sentiu minha falta.

A penetração lenta e hábil da língua dele a deixou em chamas, como acontecera na manhã em que haviam discutido. Ela gemeu contra seus lábios e Jake a pressionou contra os quadris, mostrando-lhe o que tinha explicado minutos antes.

Liberando-lhe apenas a boca, sussurrou:

— Relaxe. Não vou machucar você.

— Isso me deixa envergonhada — murmurou ela.

— Somente porque você é uma pequena muito resguardada.

Ele beijou-lhe as pálpebras fechadas. — Incrível. Este é o momento mais inocente que já passei com uma mulher desde que me tornei adulto, e acho que nunca senti tanta ternura. Não estrague isso para mim.

Maureen teve de lutar contra a vontade de fugir. Lentamente, suas pernas cederam e ela relaxou surpresa por descobrir como se encaixava bem a ele, o quanto era delicioso o contato dos corpos. As mãos de Jake relaxaram o aperto e lhe acariciaram os quadris.

— Paraíso — sussurrou ele. — Puro paraíso.

Abrindo as mãos no peito largo, ela descansou a cabeça contra ele com um suspiro doce. Sim, era. Senti-lo não era mais assustador, porque Jake não estava exigindo nada. A sensação passou a se tornar natural, como se eles pertencessem um ao outro.

— Suponho que este seja um território familiar para você — murmurou Maureen.

— De certa forma. — Ele beijou-lhe a testa com imenso carinho. — Quer saber quanto tempo faz desde que tive uma mulher intimamente?

Ela enrubesceu.

— Não! Jake sorriu.

— Faz dois anos, Maureen.

— Sério? — perguntou ela, mas podia ver nos olhos dele que era verdade.

Ele assentiu.

— As mulheres começaram a perder o atrativo por motivos que um dia lhe contarei. Cansei de ser usado.

Maureen franziu o cenho.

— Por que as mulheres usariam você?

Ele não podia lhe contar aquilo. Roçou os lábios contra os dela.

— Você é muito suave. Lembro-me da sensação de tê-la em meus braços em sua casa naquela manhã, sem blusa...

Maureen enterrou o rosto contra o peito poderoso.

— Não.

Jake beijou-lhe o rosto.

— A suavidade em minhas mãos — murmurou, procurando-lhe a boca novamente.

O beijo foi intenso. O corpo másculo ficou ainda mais rígido, e, quando ele a pressionou ainda mais junto a si, Maureen gritou e enterrou as unhas na pele firme.

Ele tremeu subitamente e se afastou. Andou um pouco e acendeu um cigarro com dedos trêmulos. Pensamentos como casamento e filhos lhe passaram pela cabeça. Certamente estava ficando louco. Mesmo sofrendo, quisera ficar afastado. Maureen não se encaixaria em sua vida, e não podia lhe oferecer um caso. Mas não conseguia evitar. Desejava-a desesperadamente.

— O que vamos fazer Maureen? — perguntou ele, ainda de costas para ela.

— Não sei. — Ela cruzou os braços sobre os seios doloridos e olhou para a terra onde estivera trabalhando. — Isso não é justo com você.

Jake virou-se então, o rosto mais pálido, aproximando-se com o cigarro em uma das mãos.

— Tenho medo de casamento — confessou ele. — Meus pais passaram vinte anos juntos, e alguns deles foram felizes. Estavam apaixonados no começo, mas não no final. — Deu de ombros. — Não sei se conseguiria me adaptar a outra pessoa em minha vida. Ou a mais do que uma. — Os olhos escuros encontraram os verdes. — Por outro lado, eu gostaria muito de engravidá-la. E isso me apavora, sabia?

Maureen tremeu quando entendeu a importância daquelas palavras. Jake não falava como um homem que queria um caso breve. Falava como um homem que tinha compromisso em mente.

— Você está chocada? — perguntou ele com um sorriso fraco. — Também estou. Nunca disse isso para uma mulher antes.

Ela o fitou com o coração nos olhos.

— Fico feliz.

Ele suspirou. Aquilo era inevitável, supunha. Tocou-lhe os cabelos escuros presos num coque.

— Que tal ir se arrumar agora? Vamos voar para Galveston e comer frutos do mar.

— Você é louco. — Maureen riu e aninhou-se contra ele. — E imagino que vá nos levar em seu avião, e aí podemos sair em seu iate e pescar os tais frutos do mar? — Ela não viu o rosto dele, o qual empalidecera. — Gosto de seu senso de humor. Mas ficarei feliz em comer peixe e batatas fritas numa lanchonete. Entre e converse com Bagwell enquanto me visto.

Ele a seguiu em direção a casa. Aquilo ia ser mais complicado do que imaginara. Depois do vôo de testes da sexta-feira, não poderia mais guardar segredos de Maureen. Tudo se tornaria público, inclusive sua identidade. Praguejou silenciosamente. Se pelo menos ela fosse uma mulher liberal, poderia levá-la para cama e tirá-la da cabeça. Mas Maureen era o tipo de mulher com a qual havia sonhado a vida inteira, e queria coisas com ela que jamais desejara antes.

Levou-a para uma lanchonete comum, e eles comeram peixe enquanto ele olhava ao redor com interesse. Lugares como aquele não faziam parte de seu estilo de vida. As pessoas presentes eram operários e fazendeiros, secretárias e jovens executivos. Subitamente, uma onda de tristeza o assolou. Vinha vivendo perigosamente, e vivendo bem. Mas aquelas pessoas conheciam a vida de uma maneira que ele nunca conhecera.

— Pensamentos profundos? — perguntou ela gentilmente.

— Muito profundos. — Ele deu um gole no café. — Você vem aqui com frequência?

— Uma vez por semana. Algumas vezes tem chili, outras, hambúrguer... Nos fins de semana, quero dizer. No trabalho, como na cantina ou levo almoço de casa. Tento ser pontual — acrescentou com um sorriso. — Acho que temos de dar um dia de trabalho por um dia de pagamento, por mais que isso pareça antiquado.

Ele sorriu.

— Ah, concordo plenamente. E aposto que MacFaber também concorda.

— Pobre homem — murmurou ela, os olhos se suavizando. — Deve ser muito solitário. Ela não tem família, e a mãe morreu no ano passado.

Ele voltou os olhos para o café.

— MacFaber é muito rico. Imagino que possa comprar amor.

— Não amor verdadeiro. Apenas uma imitação cara disso.

Maureen estendeu um dos braços e tocou-lhe a mão hesitantemente. Então o fitou, e tremeu com a intensidade que viu nos olhos escuros. — Eu nunca soube o que era o amor... antes.

Ele não ouvia o burburinho de vozes ao redor. Ouvia apenas a voz de Maureen, via apenas o rosto dela. Sua cabeça girava com o que ela estava admitindo. Entrelaçou seus dedos nos dela e, quando Maureen lhe sorriu com olhos de adoração, sentiu vontade de subir na mesa e dançar. Mas apenas sorriu também.

Ficou surpreso pela vontade de repetir as mesmas palavras com sentimento genuíno, mas tinha um mau pressentimento sobre sexta-feira. Precisava encontrar um meio de contar-lhe antes disso.

Depois que eles comeram, assistiram a uma matinê, passearam pelo shopping e, finalmente, foram jogar boliche. Mas todas as pistas estavam ocupadas, portanto, sentaram-se, tomaram café e ficaram assistindo.

Ele a levou para casa tarde, pausando a porta para beijá-la ardentemente.

— Não vou entrar com você — sussurrou, tocando o dedo nos lábios dela. — É muito arriscado.

Maureen o olhou com expressão preocupada.

— Jake, talvez eu possa...

— Seria como violá-la, não entende? — interrompeu ele.

— Enquanto você não tiver certeza, vou sentir que a estou forçando. E eu não poderia fazer isso. Agora, vá para a cama. Virei pela manhã para irmos à igreja.

Ela sorriu.

— Está bem.

Ele tocou-lhe a ponta do nariz e saiu assobiando.

Os próximos dias foram mágicos. Eles iam para todos os lugares juntos, exceto para o trabalho, onde ele não aparecia mais. Maureen perguntou a ele sobre aquilo na quinta-feira à tarde, depois que chegou do escritório. Jake estava no jardim, esperando por ela.

— Não tem trabalhado na unidade esses dias? — perguntou ela assim que desceu do carro.

Jake fez uma careta.

— Estou de férias, não sabia? — Ele a beijou suavemente. — E não, não sou o culpado pela sabotagem do jato MacFaber, caso ainda desconfie de mim.

Ela meneou a cabeça.

— Oh, não. Eu soube disso dias atrás. Não sei como, mas é uma certeza interna. — Os olhos verdes o fitaram com adoração. — Não me importa quem você seja.

Aquilo era óbvio e o fazia se sentir nas nuvens. Ao mesmo tempo, causava-lhe culpa. Descobrira muito sobre Maureen. A coisa mais importante era que ela não possuía um único traço mercenário no corpo.

Ele olhou para o sol brilhante.

— Quer deitar e tomar sol comigo por alguns minutos? Ainda vai demorar a escurecer, mas o sol já não está tão forte para nos queimar.

Maureen deu um sorriso radiante.

— Eu adoraria. Tenho um biquíni que nunca usei. É um pouco audacioso para o meu gosto. — Ela corou. — Pensando melhor, talvez seja melhor não usá-lo.

Ele sorriu.

— Vá em frente. Detesto lhe dizer, mas não uso nada quando tomo sol. Não gosto de marcas brancas na pele.

Maureen sabia que não estava respirando. Olhou-o com perplexidade.

- Você não precisa olhar para mim — prometeu Jake. — Vou usar uma toalha.
- Nunca tomei sol com um homem nu.
- Existe uma primeira vez para tudo. — Ele riu da expressão dela enquanto se virava e ia em direção à sua casa. — Dez minutos.

Maureen não tinha certeza sobre aquilo, mas estavam muito próximos desde que ela admitira seus sentimentos por Jake. Conversavam e compartilhavam sentimentos, sobre o mundo e sobre suas próprias vidas. Jake lhe contara sobre suas aventuras antes de ir para a MacFaber, sobre os lugares aonde tinha ido e as coisas que fizera. Ela ouvia, fascinada, porque nunca havia experimentado a vida daquela maneira. Às vezes se perguntava como seria acomodar-se para um homem como aquele, e isso a preocupava. Jake gostava de aventuras. Não ficaria irrequieto lendo jornal e assistindo televisão durante as noites? Porque, inevitavelmente, um casamento virava rotina. A menos que Jake também a amasse, pensou aquilo não podia dar certo.

Maureen vestiu o pequeno biquíni preto que comprara por impulso e olhou-se no espelho. Ainda que não fosse bonita, tinha um corpo bonito. E Jake já a vira sem blusa, portanto, não havia razão para se sentir tímida. Exceto pelo fato de que ele ficaria nu. Mas ele tinha falado sobre constituir uma família, e ela deveria se acostumar a ele.

Maureen pegou a toalha que usava para tomar sol e saiu, tirando os óculos no caminho, para que não ficasse com uma marca branca ao redor dos olhos.

Estendeu a toalha, grata por aquele ser um jardim isolado e cercado. Ninguém poderia vê-los.

Deitou-se de bruços e, minutos depois, Jake saiu com uma toalha amarrada ao redor dos quadris estreitos.

Ela fechou os olhos, ouvindo a risada dele quando tirou a toalha e deitou-se de bruços ao seu lado.

— Você pretende fazer terapia depois de sua noite de núpcias? — perguntou Jake.

O fato de ele ter dito "sua" noite de núpcias, e não "nossa" noite de núpcias, a perturbou. Jake mencionara um bebê, então aquilo não significava casamento? Talvez não para ele, o que levantava mais questões perturbadoras.

Maureen abriu os olhos com relutância, mas tudo o que via era o rosto bronzeado dele.

- Eu não sei — replicou ela. — Sinto muito.
- Você vai se acostumar comigo. Aqui, deixe-me ajudá-la se livrar disto.

Antes que ela pudesse falar, dedos delgados estavam trabalhando nos laços de seu biquíni, e segundos depois, estava tão nua quanto Jake. Ficou tensa, mas, quando ele suspirou e fechou os olhos, a tensão de se esvaiu e, pela primeira vez na vida, sentiu o beijo do sol diretamente na sua pele nua.

- Meu Deus — sussurrou ela, sentindo-se lânguida e estranhamente sensual.

— É o paraíso, não é? — murmurou ele. — Eu costumava ter muitos bloqueios com esse tipo de coisa. Mas passei um tempo na Riviera, e você não pode ser tímido num iate quando todos os outros estão nus.

Maureen abriu os olhos e o fitou com curiosidade.

— O que você estava fazendo num iate na Riviera? Houve uma pausa enquanto ele praguejava silenciosamente e pensava em como ia consertar aquele lapso. Havia uma leve desconfiança nos olhos verdes. O que ele poderia dizer agora, sem passar por mentiroso?

CAPÍTULO SETE

— AH, entendi! — disse Maureen com um sorriso. — Você trabalhou no sul da França como mecânico.

— Exatamente — respondeu ele o mais suavemente que pôde.

— Sempre teve interesse em mecânica? — persistiu ela, tentando não notar as linhas perfeitas do corpo másculo ao lado do seu.

— Eu costumava desmontar tudo quando era criança.

— Aposto que seus pais adoravam isso.

Ele franziu o cenho.

— Como?

— Bem, desmontar relógios, abajures e objetos.

— Isso não foi em casa. Eu estava na escola.

— Colégio interno?

— Era uma escola para garotos delinqüentes — disse ele. — Eu me meti em problemas quando tinha 13 anos e meus pais me mandaram para um colégio reformatório.

— Oh, Jake — sussurrou ela, acariciando-lhe o braço. Quase conseguia sentir a dor se irradiando dele com a lembrança.

— Meu Deus, você faz eu me abrir. Nunca contei isso para ninguém.

— Então posso ficar convencida? — perguntou Maureen com um sorriso.

Ele se virou de lado para estudar-lhe o rosto, gostando do jeito como ela tentava evitar olhá-lo. Mas Maureen perdeu a batalha e voltou a fitá-lo, fingindo que não estava vermelha.

— Vá em frente. Olhe para mim, se quiser. Não me incomode, pelo menos não desde que perdi vinte quilos.

— Não consigo imaginá-lo acima do peso — disse ela.

— Eu era gordo, querida. — Ele se deitou de costas e se espreguiçou, apreciando o sol em seu corpo. Fechou os olhos, dando a oportunidade que Maureen sentia muita vergonha de aproveitar. Sorriu, sabendo o quão fascinante ela o achava.

E Maureen também o achava fascinante. Jake tinha uma constituição perfeita. Pelos pretos se encaracolavam na pele bronzeada até as pernas longas, mostrando uma masculinidade que a deixava fraca. Na cama, seria o sonho secreto de todas as mulheres. Seu corpo começou a pulsar de um jeito estranho enquanto ela dava liberdade aos olhos. Ele estava perto o bastante para que a vista de Maureen não ficasse desfocada sem óculos, e ela descobriu coisas chocantes quando o corpo másculo começou a reagir à sua franca apreciação.

Ele tinha aberto os olhos e a estudava, apoiado sobre um dos cotovelos. Somente então, Maureen percebeu que também havia se virado de lado, e que Jake podia ver cada centímetro do seu corpo.

O mais estranho era que não queria se deitar novamente ou se cobrir. Estar assim com ele parecia à coisa mais natural do mundo.

— Venha aqui, pequena — murmurou Jake suavemente. — Deixe acontecer.

Maureen tremeu quando as mãos gentis a envolveram. Sentiu o corpo inteiro enrijecer no momento em que o peito quente tocou sua pele suave, mas não protestou.

Então Jake a beijou como nunca a beijara antes, com carinho e ardor ao mesmo tempo. Suas mãos deslizavam pelo corpo dela, envolvendo-a num abraço íntimo que era puro paraíso. I

— Oh, sim — sussurrou ele com voz rouca.

As mãos de Maureen se moveram timidamente para emoldurar o rosto bonito, e ela correspondeu ao beijo com a mesma vontade que podia sentir dominando aquele corpo poderoso.

Jake a deitou de costas e fitou-lhe os olhos enquanto a tocava, demorando-se nos seios firmes e na barriga reta. Então a respiração dele se aprofundou quando começou a tocá-la com infinito cuidado, e Maureen segurou-lhe o pulso e arfou.

— Você irá pertencer a mim em poucos minutos — declarou ele. — Quero saber o quão cuidadoso preciso ser. Apenas relaxe. — Ela relaxou, tremendo no instante em que ele a beijou e a provou gentilmente. — Eu não terei de machucá-la muito.

Maureen abriu os olhos quando a boca sensual moveu-se para seus seios, fazendo-a se contorcer num tormento doce. Gemeu e mordiscou o lábio para reprimir o som.

No fundo de sua mente, havia o medo do que viria a seguir, e um nervosismo sobre estar com ele ali, ao ar livre. Mas ninguém poderia aparecer, pensou atordoada, e estavam isolados da vista dos vizinhos.

Jake continuou beijando-a, enquanto movimentava os quadris com sensualidade e entrelaçava as pernas de ambos. Ela gemeu de novo, porque Jake estava usando não somente a boca, mas o corpo inteiro, mãos, pernas e quadris, como instrumentos de prazer, levando-a a loucura.

Uma grande mão deslizou sob a cabeça dela, segurando-a, e os olhos escuros a encararam diretamente quando ele moveu-se com um propósito lento que a inocência de Maureen reconheceu com um leve medo.

— Fique deitada, sem se mexer — sussurrou ele. — Serei muito, muito cuidadoso. Ela comprimiu os lábios, ofegante.

— Só mais alguns segundos, pequena. Não resista... Sim!

Maureen engoliu em seco, sentindo seu corpo absorvê-lo com choque e encantamento. Seus sonhos de intimidade não tinham sido tão incríveis! Jake parecia saber, porque suas mãos e boca eram lentas e ternas quando ele a penetrou e estabeleceu um ritmo suave.

— Eu não... estou protegida — ela conseguiu gaguejar, quando a primeira onda de prazer intenso a envolveu.

— Eu sei — murmurou ele, mordiscando-lhe o lábio inferior de leve. — Eu quero um bebê.

Maureen sentiu o mundo explodir em cores por trás de suas pálpebras fechadas. Sons a invadiram; sussurros, respiração ritmada e ofegante, os gemidos que escaparam de sua garganta enquanto um prazer novo se construía em seu interior. Em sua mente, ondas vermelhas, girando e girando, cada vez em maior velocidade. Acima, o rosto de Jake estava rígido pela paixão. Ele entrelaçou as mãos nas suas, acima da cabeça de Maureen, enquanto movimentava o corpo musculoso com força crescente, o peso fazendo-a afundar na grama.

Maureen gritou o nome de Jake subitamente, então começou a chorar, porque as grandes ondas estavam estourando dentro de seu corpo.

Ele gemeu alto enquanto ofegava e tombou sobre ela com seu nome nos lábios.

Ela estava ciente do peso de Jake, da umidade dos corpos de ambos, das gotas de suor escorrendo por seus rostos. Da exaustão e do incrível prazer que ainda a percorria.

A boca de Jake roçou em seu pescoço.

— Nós fazemos música juntos, em perfeita harmonia. O som de duas almas se encontrando em êxtase.

Tocando-lhe o rosto, Maureen abriu os olhos.

— Eu amo você — sussurrou.

— Eu sei — disse ele sorrindo. — Agora você terá de se casar comigo — acrescentou antes de beijá-la. — Você me comprometeu. Um homem precisa proteger sua reputação. Não posso ter mulheres falando que sou fácil pelas minhas costas.

Ela riu com puro encantamento e o abraçou apertado, enterrando o rosto no pescoço dele.

— Eu me casaria com você imediatamente, se pudesse.

— Segunda-feira — sugeriu ele. — Faremos um exame de sangue e conseguiremos uma licença.

— Preciso pedir permissão para tirar o dia de folga no trabalho.

— Não, você não precisa. — Ele a beijou novamente, o desejo retornando. — Vamos tomar um banho juntos. Depois, eu a quero na cama, devagar desta vez.

Maureen tremeu pela idéia.

— De novo?

— Sim. — Jake se levantou magnífico em sua masculinidade. Estendeu os braços e colocou-a em pé. Então, pegando-a no colo, carregou-a para sua casa e fechou a porta.

Eles dormiram finalmente, mas passava muito da meia-noite. Maureen acordou na manhã seguinte com o corpo dolorido e lembranças vivas da tarde e da noite

anteriores. Tremia tanto que mal conseguia se sentar. Então viu um papel sobre o travesseiro e leu:

"Não tem problema se você chegar atrasada ao trabalho. Seu chefe não vai se importar. Eu a vejo no vôo de teste. Encontre-me no escritório de MacFaber. Jake."

Maureen sorriu, levando o pedaço de papel aos lábios. Seus olhos perceberam alguma coisa na parte de trás do bilhete, e ela o virou. O que estava escrito lhe tirou o fôlego.

"Se você não estiver grávida está manhã, a culpa é minha."

Maureen riu. Então ele tinha falado sério. Não algo dito no momento da paixão ou para fazê-la baixar a guarda. Ela levantou e se olhou no espelho, para ver se parecia diferente. Não parecia, exceto por algumas marcas em lugares estranhos de sua pele sensível. Pegando um roupão de Jake emprestado, foi para sua própria casa, a fim de se vestir para o trabalho.

Maureen sempre acreditara que sua consciência pesaria se dormisse com um homem antes do casamento. Mas Jake queria que eles se casassem. E ela o amava, mesmo que ele não tivesse sido direto sobre os próprios sentimentos. Não poderia ter sido tão carinhoso se não a amasse, certo?

Eles iriam se casar dentro de apenas três dias e ele queria um filho com ela. Tudo daria certo. Ela seria a Sra. Jake Edwards.

O teste já estava em andamento quando Maureen chegou à unidade. Eles haviam mandado o jato Faber para os escritórios administrativos para o segundo vôo, e o setor principal estava repleto de dignitários visitantes. Em algum lugar no meio daquela multidão, ela sabia, estava o esquivo Sr. MacFaber. Maureen se perguntou se ele estava prendendo a respiração enquanto o avião se encontrava no ar, e prendeu sua própria respiração, do lado de fora de sua sala.

Se alguma coisa desse errado desta vez, o mundo acabaria para alguns dos empregados. Podia imaginar MacFaber furioso, demitindo pessoas. Não viu o Sr. Blake, seu chefe, e perguntou-se onde ele estaria. Talvez lá embaixo, com os dignitários?

— Como vão as coisas? — Charlene perguntou ofegante, parando ao seu lado.

— Até agora, tudo bem. — Maureen cruzou os dedos.

— Você parece alegre hoje. — Charlene sorriu, aprovando o vestido verde e os cabelos soltos de Maureen. — Está absolutamente radiante.

Maureen sorriu.

— Estou completamente apaixonada por um dos mecânicos — confessou ela. — Vamos nos casar!

— Um dos mecânicos?

— Ele é um homem muito incrível, e não me importo de viver de hambúrguer e batatas fritas.

— Eu não quis dizer isso ao perguntar se era um dos mecânicos — disse Charlene docemente. — Más é que um dos mecânicos tem culpa na sabotagem, e o Sr. Blake está

encrencado. MacFaber o chamou no escritório esta manhã, Eu não pretendia ouvir, mas a porta da sala estava entreaberta e...

— Bem, conte-me!

— O cunhado do Sr. Blake, que é um dos mecânicos, ignorou uma mudança no modelo novo do avião. Ele trabalhava na unidade onde o jato MacFaber foi montado. — Ela fez uma careta.

— O Sr. Blake finalmente teve de contar a MacFaber antes que alguma coisa terrível acontecesse. Ele foi rebaixado de posto e o cunhado foi despedido.

— Meu Deus! — exclamou Maureen, com pena do Sr. Blake, e aliviada porque Jake não era responsável pelo problema. — Agora entendo por que o Sr. Blake parecia tão preocupado. — O que a fez pensar em sua própria situação. — Para quem estou trabalhando agora? Ainda tenho um emprego?

— Claro. Mas não vou saber para quem você vai trabalhar até que MacFaber contrate alguém para substituir o Sr. Blake.

— Você viu MacFaber? — perguntou ela. — Quero dizer, ele não é obra da imaginação das pessoas ou algo assim?

— Se eu o vi? — Charlene assobiou. — Meu Deus, se eu não estivesse noiva...

— Mas você disse que ele era velho e feio.

— Da última vez em que o vi, tive essa impressão. Mas ele emagreceu e está bronzeado. Uma das digitadoras até desmaiou quando ele passou. Que Deus ajude as funcionárias!

— Ele parece fascinante — comentou Maureen sorrindo.

— Ele é fascinante, exceto pelo temperamento explosivo — concordou Charlene. — É possível ouvi-lo a duas salas de distância quando fica zangado.

— E a corporação dele — apontou Maureen. — Deve ter ficado muito aborrecido pelo que aconteceu com o jato Faber.

— Ele não estava somente aborrecido com o cunhado do Sr. Blake — disse Charlene. — Estava furioso com todo o pessoal do controle de qualidade, da unidade de design e de montagem, e com outras pessoas também.

Maureen arqueou as sobrancelhas.

— Que outras pessoas?

— Com os jardineiros, os pintores, o pessoal da faxina, dois estranhos que passaram por ele.

— Minha nossa! Todas essas pessoas foram responsáveis pelo problema do jato?

— Parece que MacFaber pensa assim. Olhe!

Ela apontou para o céu, onde o pequeno jato protótipo movia-se com graça e suavidade, completamente sob o controle de seu piloto hábil.

— Bem — Maureen suspirou —, parece que temos um vencedor.

— Graças a Deus. — Charlene sorriu aliviada. — Talvez isso acalme o velho.

— Ele é velho?

— Não. Beira os quarenta, suponho.

— Você viu o detetive? — perguntou Maureen subitamente.

— Sim, vi. — Ela suspirou. — É alto, bronzeado e muito, muito sexy. Fiquei arrepiada quando ele falou comigo. Mas é claro, sou noiva — acrescentou com seriedade.

— Mas você ainda pode olhar.

— Exatamente. Por que você quer saber sobre a aparência do detetive particular?

Maureen não respondeu. Não podia dizer a Charlene que achava que ia se casar com ele. Ainda suspeitava que Jake podia ser o detetive disfarçado de mecânico. Sorriu interiormente quando meneou a cabeça para a pergunta de Charlene e olhou para o céu. Seria emocionante ser esposa de um detetive. Talvez até pudesse ajudá-lo em alguns casos.

Charlene partiu logo depois que o avião começou a descer. Maureen viu o pássaro prateado aterrissar com toda a sua graça e beleza. Felizmente, tinha dado certo desta vez.

Ela entrou, esperando que seu emprego não estivesse em risco agora que o Sr. Blake fora rebaixado. Talvez MacFaber pudesse culpá-la também, acreditando que ela sabia do ocorrido e não contara a ninguém.

Não havia nada para fazer em sua sala. Jake lhe dissera para encontrá-lo no escritório de MacFaber, mas Maureen hesitou. Todos estariam no campo com os dignitários, cumprimentando-se pelo vôo. Jake não estaria com MacFaber?

Ela arrumou sua mesa, enquanto refletia. Depois da noite anterior, não achava que poderia encarar Jake sem enrubescer. Mas faria 25 anos naquela semana, lembrou a si mesma, e era uma mulher capaz. Então, perguntou-se como iria explicar sua presença no escritório de MacFaber. Bem, se MacFaber aparecesse, ela lhe diria que estava esperando pelo detetive dele.

Após retocar a maquiagem, Maureen escovou os cabelos soltos e saiu da sala, seguindo o longo corredor que levava ao escritório de MacFaber. Alguns dos dignitários estavam voltando agora, parecendo satisfeitos e animados. Um dos visitantes, um homem alto e bonito, olhou para Maureen e inclinou a cabeça num cumprimento.

Ele devia ter notado que ela era sexy e linda, disse a si mesma. Jake pensava assim. Então, lembrou-se do dia anterior e enrubesceu. Mesmo se morresse agora, valeria à pena. Sentia-se completa pela primeira vez na vida.

Imaginou se Jake se sentia da mesma maneira. Provavelmente, já que queria se casar e ter filhos com ela. Maureen começou a sonhar acordada. Eles morariam no apartamento de Jake e iriam juntos para o trabalho. Poderiam ir ao cinema e trabalhar no jardim. E, quando os filhos viessem, Jake seria um pai maravilhoso. Ele estava sozinho havia muito tempo, e talvez os pais não o tivessem desejado. Era

amargo com relação a algumas coisas da infância. Ela não o culpava. Quando Jake precisara deles, os pais tinham lhe virado as costas. Seus próprios pais jamais teriam feito isso.

Maureen bateu à porta do escritório de MacFaber para ouvir Charlene chamar.

— Entre! Ela entrou.

— Combinei de encontrá-lo aqui — sussurrou para Charlene, olhando para a porta fechada da sala do chefe.

— Oh... — Charlene a olhou intrigada. — Tem certeza? Maureen se aproximou da mesa, sentindo-se nervosa.

— O detetive está com ele? Charlene sorriu.

— Sim. Pelo menos estava quando saí. Tive de deixar a sala por alguns minutos. O detetive, hein?

— Ele foi um espião muito bom — disse Maureen, os olhos brilhando por trás das lentes dos óculos. — É uma pessoa maravilhosa. Você pode ir ao casamento. Será na segunda-feira. E teremos uma grande família e viveremos felizes para sempre!

— Parece um conto de fadas — comentou Charlene sorrindo.

— Sei como se sente. Foi assim comigo logo que fiquei noiva. Espere um minuto.

Ela apertou o botão do interfone.

— Sr. MacFaber? Há uma jovem aqui para ver o detetive. Ela disse que combinou de encontrá-lo aqui.

— Mande-a entrar.

A voz era profunda e abafada. Maureen respirou fundo e cruzou os dedos.

— Ele não morde — prometeu Charlene, observando-a.

— Você vai gostar dele. Agora, entre lá e pegue seu homem. Coragem, garota!

— Não tenho muita, mas vou tentar. Deseje-me sorte.

— É claro que desejo.

Maureen segurou a maçaneta e girou-a devagar, entrando com hesitação na grande sala acarpetada de Joseph MacFaber. Era como entrar num outro mundo. Tudo lá dentro denotava riqueza e alta classe. Desde a mesa polida de madeira até as poltronas de couro e os quadros que decoravam as paredes.

Sobre a mesa, havia objetos do mundo inteiro e uma pilha organizada de papéis. Atrás da mesa, estava uma enorme cadeira de couro, de frente para grandes janelas que davam vista para o campo de teste. Ela não conseguia ver o homem sentado ali.

— Eu... desculpe, mas combinei de encontrar Jake Edwards aqui, Sr. MacFaber. Espero que não se importe. Charlene disse que ele estava aqui... — Maureen olhou nervosa ao redor, mas não viu mais ninguém. — Talvez o senhor o conheça por outro nome. Ele é detetive do senhor... não?

Aquilo era mais difícil do que ele imaginara. Olhou pela janela enquanto ouvia o nervosismo aumentar na voz de Maureen. Era como se sua posição o tomasse

inacessível para ela. Fez uma careta para o tom diferente da voz dela, para os modos diferentes.

— Sr. MacFaber? — perguntou Maureen novamente, mais nervosa do que nunca, porque ele não reconhecia sua presença.

— Sim — veio uma voz familiar em resposta. — Eu sou MacFaber.

E ele virou a cadeira.

CAPÍTULO OITO

MAUREEN sentiu o sangue se esvaír de seu rosto. Devia estar sonhando. O homem na grande cadeira parecia Jake Edwards, mas vestia um terno listrado muito caro e uma camisa branca de seda com uma gravata floral. Parecia cheio de autoridade e poder.

— Pensei que pudesse ser um choque — reconheceu ele e não sorriu. — Mas podemos lidar com isso.

— Lidar... com isso?

Ele pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro de ouro.

— Sente-se.

Maureen se sentou, porque suas pernas estavam bambas. Seu coração batia com tanta violência que fazia seu corpo tremer. Seus olhos estavam arregalados, chocados, feridos.

— Você não pode ser ele.

— Por que não? Alguém estava tentando sabotar o meu avião. No começo, pensei que você soubesse alguma coisa sobre isso, então a abordei. — MacFaber deu uma tragada do cigarro. — Mas logo se tomou evidente que você não era do tipo que se envolvia com algo desonesto.

— Então por que continuou me vendo? — perguntou Maureen. Seu mundo estava desmoronando e ela queria gritar. Entregara-se a um homem que tinha mulheres aos seus pés, e seus sonhos para o futuro estavam em ruínas. Aquele homem não ia querer uma mulher como ela, jamais. Escolheria uma mulher rica, com uma boa posição social, alguém que se encaixasse em seu mundo. Não ia querer uma secretária comum, mesmo que ela tivesse enlouquecido e entregado sua inocência. E por que ele se preocuparia com precauções também, quando podia pagar por dúzias de abortos... não que ela fosse fazer isso.

— Você me conquistou — murmurou ele baixinho. — Passei a gostar de sua companhia. Ensinou-me sobre honestidade, orgulho e compaixão. Não acho que alguém já tenha me aceitado pelo que sou, em vez de pelo que tenho, até que você apareceu.

— Eu não sabia quem você era — disse Maureen com um sorriso trêmulo. — Devia ter me contado.

— Eu quis contar, mas não podia correr o risco. Você poderia deixar escapar alguma coisa para Blake antes que eu descobrisse sobre o cunhado dele.

Ela ergueu o queixo.

— Você não confiou em mim.

— Querida, não confio em ninguém, como regra. Um reformatório faz isso com garotos de 13 anos.

Maureen fechou os olhos para conter a dor.

— Espero que tenha valido a pena o tempo que investiu em mim, Sr. MacFaber.

— Eu não sou o Sr. MacFaber.

— Também não é Jake Edwards!

— Meu nome é Joseph — disse ele. — Jake é um apelido que uso quando necessário. Edwards era o nome do meio de minha mãe.

Ela não ia chorar. Não ousaria chorar. Ele se levantou e contornou a mesa, inclinando-se sobre a extremidade e observando-a, o cigarro na mão.

— Quanto a ter valido a pena o tempo que passei com você, soa vulgar e não gosto disso. Eu nunca a usei ou pretendi fazer isso. Ainda tenho todas as intenções de me casar com você.

Maureen o olhou boquiaberta.

— Não pode estar falando sério. Meu Deus, você é...

— Sou um homem — interrompeu ele, prendendo-lhe o olhar. — Estou sozinho e não gosto disso. Você está sozinha. Por que não nos casaríamos?

— Porque você não me ama!

— Não? — questionou ele. — Consegue pensar numa outra razão para eu ter seduzido uma virgem?

Ela enrubesceu e desviou os olhos.

— Aquilo foi um erro — murmurou com voz rouca. — Sei que sua consciência provavelmente está pesando, mas não o culpo. E se eu estiver... quero dizer, se...

— Se você estiver grávida? — A expressão dele ficava mais séria a cada minuto. — O que pensa fazer?

Maureen fechou os olhos.

— Não sei. Mas você não precisa se casar comigo só porque posso estar grávida.

— Lembro-me de ter feito de tudo para engravidá-la. Diversas vezes — murmurou ele.

Ela se levantou, apenas para ser segurada pelo pulso e puxada contra Jake.

— Vou obter a licença esta tarde, e marcar uma hora com meu médico para os exames de sangue pela manhã. Na segunda-feira, vamos nos casar. Ponto final.

— Você não pode me dar ordens...

Ele a calou com um beijo ardente, fazendo-a gemer.

Quando foi liberada, ela não conseguia ficar em pé sem o apoio dele. Jake a queria sabia disso, mas não achava que ele fosse realmente capaz de amar. Não era um homem vulnerável, e nada deixava uma pessoa mais vulnerável do que amar alguém.

— Nós não devemos... nos casar.

— Sim, devemos — discordou ele gentilmente. — E todas as noites, eu a amarei até que peguemos no sono. Em alguns meses, você vai me dar um filho.

Maureen o estudou curiosamente.

— Você quer um filho tanto assim?

— Preciso de um.

— Por quê?

— Haverá muito tempo para explicar isso depois que nos casarmos. — Ele a liberou com um sorriso. — Vá comprar seu vestido de noiva. Vou reembolsá-la por isso, portanto não economize.

— É tudo tão rápido — disse Maureen vagamente.

— As melhores coisas acontecem rapidamente. Está com fome? Vamos almoçar. Depois, tenho uma tarde cheia. Teremos de ver as alianças também.

Ela estava sem fôlego pela atitude de comando dele.

— Você não era tão ocupado antes...

— Eu estava de férias, muito necessárias. Agora estou de volta e ninguém vai tentar afundar minha empresa de novo.

Ele nem mesmo falava mais como Jake. Parecia um homem de negócios frio e cruel. Aquilo a fez tremer.

— Vamos. — Ele apagou o cigarro e pegou-lhe o braço, conduzindo-a com autoridade para fora da sala.

Charlene olhou para cima, arqueando as sobrancelhas com a visão de uma Maureen pálida, de braço dado com MacFaber.

— Vamos sair para almoçar — disse ele para Charlene. — Ligue para Minnow e diga-lhe que o quero em meu escritório às 13h em ponto. Ligue para o Dr. Samson e avise que estarei no consultório dele amanhã às 10h, para exames de sangue meu e de Maureen. Descubra o que preciso fazer para conseguir uma licença de casamento. — Ele parou para que Charlene pudesse acompanhá-lo. Ela estava ofegante e fitava Maureen com olhos arregalados. — Você pode ir conosco na segunda de manhã. Precisaremos de uma testemunha, então agende uma datilografa para substituí-la aqui. Entendeu tudo?

— Sim, Sr. MacFaber — replicou Charlene, porque os olhos dele lhe avisavam para não perder uma sílaba.

— Estarei de volta às 12h55.

Ele conduziu Maureen para fora do prédio e para um Rolls-Royce cinza, que esperava com um motorista uniformizado.

— Cobb's Grill, Harry — ele falou para o motorista e fechou a cortina entre eles e o motorista enquanto o carro partia. Então, voltou-se sedento para Maureen.

No momento em que chegaram ao restaurante, o batom dela havia desaparecido e seu corpo tremia de desejo. Jake a afastou com gentileza, parecendo totalmente composto.

— Retoque sua maquiagem, querida. Não vamos querer chocar os outros clientes, vamos?

— Você é... incrível — disse ela, enquanto tentava consertar o estrago que ele fizera no espelho iluminado do kit de maquiagem. — Nem mesmo tem vergonha de me enganar...

— Você não dá a mínima para isso — respondeu ele, observando-a preguiçosamente. — Porque me ama demais para se importar com o que fiz. E vai se casar comigo pela mesma razão.

— Puro convencimento.

Jake tocou-lhe a boca com um dedo.

— Você acha? E se eu baixar este assento e mandar Harry dar uma volta?

— Você não ousaria! Não na frente de um restaurante.

— Nós temos cortinas. — Ele estreitou os olhos de modo travesso. — É claro, você teria de morder a língua e reprimir os gemidos excitados que dá quando eu a tomo.

— Jake! Ele riu.

— Não, eu não faria isso com você. Não aqui. — Inclinou-se e beijou-lhe o nariz. — Agora pare de se preocupar. Vamos tomar champagne e brindar ao futuro.

— Realmente teremos um? — perguntou Maureen com tristeza. — Sou totalmente errada para um homem como você.

— Bobagem. Vamos.

Harry abriu a porta e Jake a ajudou a descer na calçada. Quando ele a escoltou para dentro do restaurante, ela sentiu todos os olhares se voltando na sua direção. Provavelmente metade daquelas pessoas conhecia MacFaber e estava se perguntando o que ele fazia com uma mulher tão simples e comum. Às mulheres ali usavam roupas de grife e diamantes. Era o tipo de restaurante onde você não olhava os preços antes de pedir.

Eles se sentaram a uma boa mesa, onde MacFaber fez o pedido por ela com uma determinação que a desafiava a protestar. Maureen pensou que seria pouco mais do que uma posse para ele para o resto de sua vida.

Quando sonhara em se casar com Jake, não era nada assim. Tinha construído seus sonhos ao redor de um homem com um emprego comum, que gostasse das mesmas coisas que ela e quisesse uma vida normal. Mas não iria se casar com Jake Edwards, e sim com um executivo milionário, que estava acostumado a dar ordens e exigia obediência. Como iria sobreviver àquilo?

— Pare de pensar — disse ele ao ver que ela quase não comia. — Não me transformei num monstro de uma hora para a outra.

— É isso que parece? — perguntou Maureen. — Desculpe. É que foi um choque tão grande. No começo, pensei que você fosse o sabotador. Depois, tive certeza de que era o detetive particular de MacFaber. Jamais sonhei que fosse o próprio MacFaber!

Ele deu um gole do excelente vinho que fora servido com peixe e a olhou.

— Minha família era rica — contou. — Mas dinheiro nunca me fez feliz. Tive pais que se odiavam... e odiavam a mim... e uma infância que não desejaria para meu pior inimigo; Se não fosse por um policial particularmente compreensível que me pôs sob sua asa, minha vida teria sido tão triste que dinheiro não teria ajudado em nada.

Maureen deu um gole em seu café.

— É só que eu tinha uma imagem totalmente diferente de você. E de como nosso casamento seria. — Ela deu um sorriso trêmulo. — Não me socializo muito bem com pessoas. Não sei usar os talheres certos que se usam em jantares sofisticados. Sou uma mulher comum de classe média e me comporto como tal. Seus amigos nos olhariam e perguntariam se você enlouqueceu. Não vou me encaixar no seu mundo.

Aquilo era a mesma coisa que ele dissera a si mesmo no começo, e ainda tinha suas dúvidas. Mas gostava de Maureen. Ela o preenchia de um modo que nenhuma mulher o preencheria; era uma boa companhia, e saudável o bastante para lhe dar um herdeiro. Recostou-se na cadeira e estudou-lhe o rosto abatido.

— Tenho somente um amigo. Chama-se John Abemathy e mora em Phoenix. Ele vai gostar de você. — A boca sensual curvou-se num sorriso. — Quanto ao resto, você vai aprendendo com o tempo. Como sabe, sou um homem muito rico. Pessoas tendem a fazer vista grossa quando querem me bajular.

— Você parece muito cínico — comentou ela.

— Sou cínico — confirmou ele. Então bebeu o resto do vinho. — A vida me deixou assim. Você é a única pessoa que conheço, além de John, que olha para mim e não vê um cifrão.

— Mas eu não sabia que você era rico — disse ela. — Talvez fosse diferente se eu o conhecesse agora.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Tentando me fazer fugir? Não vai funcionar. A noite de ontem me transformou. Não posso viver sem você, e não a deixaria em paz se tentasse fugir.

Ela corou.

— Eu poderia me mudar para a Louisiana.

— À vontade. Tenho uma filial lá. — Jake riu da irritação dela. — Gosto de frutos do mar frescos.

— Você não está sendo racional.

— A abordagem de pressão sempre funciona melhor em longo prazo. Coma uma sobremesa — acrescentou ele quando o garçom chegou com o carrinho de doces.

Maureen escolheu uma bomba de chocolate e comeu-a, enquanto Jake saboreava uma torta de cereja.

— Viu? — Ela suspirou. — Nós nem mesmo gostamos da mesma sobremesa. O casamento seria um desastre. Nós nos divorciaríamos...

— Não acredito em divórcio, portanto, se você se casar comigo, ficará presa a mim.

— Eu pareceria tola tentando dirigir um Rolls-Royce.

— Querida, você não dirige o Rolls. Harry dirige o Rolls. Foi para isso que o contratei. — Ele terminou a torta. — Bati com dois deles num poste, e meu quadro de diretores ameaçou entrar em greve se eu estragasse mais um carro. Então contratei um motorista.

— Eles devem gostar de você — comentou Maureen!

— Eles gostam do jeito que administro a corporação — corrigiu ele. — Tenho aumentado os lucros todos os anos, e fiz algumas inovações bem-sucedidas nos modelos de aviões já existentes.

— Por que não construir novos? — perguntou Maureen, curiosa.

— Se você projeta um avião novo, a lei o deixa muito vulnerável a processos se algo der errado. Modificar os modelos já existentes não é tão arriscado.

— Oh, entendo. Você mesmo cria as mudanças nos modelos existentes?

Ele riu.

— Não vou ficar com o crédito por isso. Tenho uma excelente equipe trabalhando nos projetos e pessoas que são brilhantes com eletrônicos. O resultado vem de uma equipe, não de uma única pessoa.

Maureen podia ver por que a companhia havia crescido tanto. Ele trabalhava com uma equipe, não era um autocrata.

— Por que ficou tanto tempo afastado da empresa? Jake suspirou.

— Eles lhe contaram que minha mãe morreu num acidente de carro no ano passado, e que eu estava dirigindo?

— Eu soube — replicou ela. — Sinto muito.

— Até então, eu tinha certeza de que odiava meus pais. Minha mãe era esnobe. Não tinha tempo para pessoas comuns e detestava qualquer coisa que não fosse o melhor. Ela também não me amava. Fomos a uma festa juntos e ela bebeu mais do que costumava. — Os olhos dele se estreitaram. — Nós discutimos no caminho de volta para casa. Minha mãe agarrou o volante. Estávamos numa curva fechada. — Ele deu de ombros. — Acordei num hospital francês, com três costelas fraturadas e alguns ferimentos internos. Quando me contaram que ela estava morta, acho que enlouqueci um pouco. Passei o ano seguinte fazendo as coisas mais perigosas em que podia pensar. Não pude deixar de me sentir responsável.

Maureen deslizou a mão sobre a dele.

— Você não tinha como saber que ela ia agarrar o volante. Ele entrelaçou os dedos nos dela, olhando-a.

— Talvez não — disse com uma risada amarga. — Eu costumava ficar deitado no escuro quando era criança, tentando entender o que tinha feito para meus pais me

odiarem. Eles nunca me davam atenção, a menos que eu fizesse algo terrível e os envergonhasse. Sempre me perguntei como seria ser amado e desejado.

— Nossos filhos saberão — disse ela calmamente. — E você também.

MacFaber teve de se esforçar para manter o controle emocional. Não havia contado com ter alguém que o amasse abertamente e não tinha vergonha de admitir esse tipo de fraqueza. Ele ainda não podia. Não verbalmente. Aprendera que vulnerabilidade levava ao sofrimento.

— Quantos filhos vamos ter? — perguntou, fugindo do momento emocional.

Maureen sorriu timidamente.

— Quantos você quer?

— Dois ou três, acho. Meninos e meninas. — Ele franziu o cenho. — Precisamos comprar os anéis.

— Anéis?

— Um anel de noivado e duas alianças. Você acabou?

Assim que ela assentiu, ele ergueu a mão e o garçom apareceu imediatamente com a conta. Logo eles estavam no Rolls, a caminho da melhor joalheria da cidade.

Maureen gostou de um anel de ouro com um pequeno diamante, mas, pela expressão de Jake, podia ver que não iria ganhá-lo.

Em vez disso, ele escolheu o anel mais caro do mostruário da Tiffany.

— Sem discussões — ele argumentou. — Posso pagar por uma boa pedra e é o que você terá, nem que eu tenha de prendê-la na cadeira enquanto o Sr. Tyler coloca no seu dedo.

O Sr. Tyler, um homem casado há muito tempo, sorriu em aprovação. MacFaber era um de seus melhores clientes, embora soubesse que aquela era a primeira vez que comprava alguma jóia para uma mulher.

Maureen ainda hesitou, mas acabou cedendo e recebendo um diamante de dois quilates e uma aliança de ouro adornada com diamantes.

O anel de Jake era uma simples aliança de ouro.

— Eu não sabia que você ia querer usar uma aliança — disse ela.

Ele a olhou enquanto o Sr. Tyler polia e guardava o conjunto de jóias em uma caixa.

— Por que eu não usaria? É meu primeiro casamento também. Maureen deu de ombros, hesitando sobre algo que queria perguntar desde o segundo em que descobrira quem Jake realmente era.

— Foi só um pensamento. — Ela suspirou. — Jake, e quanto à mulher da América do Sul?

O Sr. Tyler voltou antes que ele pudesse responder, oferecendo congratulações juntamente com a conta da mercadoria. Jake pagou, agradeceu-o e escoltou-a para o banco de trás do Rolls.

— De volta ao escritório, Sr. MacFaber? — perguntou Harry.

— Não. — MacFaber afrouxou a gravata. — Temos meia hora ainda. Dirija por aí.

— Para fora da cidade?

— Pode ser Harry. — MacFaber fechou a cortina com um sorriso. — Ele detesta trânsito — contou a Maureen. Então, reclinou-se contra o encosto de couro, sentindo-se relaxado e satisfeito. Abriu a caixa de jóias e pegou o solitário. — Dê-me sua mão.

Ela fez isso e o observou colocar o anel de noivado no dedo dela. Era maravilhoso e parecia fora de lugar ali, mas Jake parecia não pensar assim. Levou a mão delicada aos lábios e beijou-a gentilmente.

— Você é minha agora — declarou, encontrando-lhe os olhos. — Desde ontem à tarde você me pertence, e não vou deixá-la escapar.

— Fico feliz — murmurou ela ofegante. — Tentarei ser o tipo de esposa que você quer...

— Seja você mesma querida. Isso basta.

Maureen sentiu o aroma da colônia cara e teve vontade de deitar a cabeça no colo dele e cochilar, mas não fez isso. Garotas não deitavam em colos de magnatas aristocratas e dormiam. Não no banco de trás de um Rolls-Royce durante o horário de trabalho, pelo menos.

— O que está pensando? — perguntou ele.

— Que eu gostaria de deitar em seus braços e dormir. — Ela riu. — Foi uma longa manhã.

— E uma noite curta — concordou Jake, sorrindo-lhe terna-mente e estendendo os braços. — Venha aqui. Não posso pensar em nada melhor do que isso no momento.

Maureen deslizou para o colo dele e deitou a cabeça no paletó, fechando os olhos enquanto ele lhe acariciava os cabelos.

— Jake?

— Hmm?

— E quanto à mulher da América do Sul? Ele riu suavemente.

— Você não vai desistir, vai? — Ele ergueu o rosto dela para o seu. — Lembra quando lhe falei sobre quanto tempo fazia que eu não tinha intimidade com uma mulher? Pois eu não estava brincando. Se quer a verdade, até você aparecer, tive medo de estar ficando impotente. Nenhuma mulher conseguia me excitar... nem mesmo a sul-americana, apesar de ter tentado arduamente.

O rosto de Maureen se iluminou.

— Sério?

— Sério. E agora, não quero ninguém, exceto você — respondeu ele. — Porque o que você faz comigo na cama é quase sagrado... me despertando o desejo de uma família e uma casa. Meu Deus, não tenho uma!

— Uma casa?

— Sim! Vendi a que tinha quando fui para a Europa. O dúplex é o único lugar que tenho para morar. — Jake a tirou de seu colo. — Não podemos viver lá. Crianças precisam de muito espaço para brincar.

— Jake, você não vai comprar nada absurdamente caro, não é? — pediu ela, apreensiva.

— Não se preocupe. Também não gosto de lugares exagerados. Podemos ficar no dúplex por enquanto. Amanhã começaremos a procurar uma casa.

— Você se importa com Bagwell?

— É claro que não. Mandaremos construir um aviário para ele, para que possa passar os verões do lado de fora. Ele vai gostar disso.

Maureen suspirou aliviada.

— Em qual das casas vamos ficar até nos casarmos? Ele a fitou solenemente.

— Você, na sua. Eu, na minha. Ainda me sinto mal com relação ao jeito como as coisas aconteceram, apesar de não me arrepender de nada. Mas acho que precisamos nos comportar até que troquemos os votos.

— Você é muito convencional com algumas coisas — murmurou ela, secretamente aliviada, porque sua consciência estava pesada, apesar do casamento iminente.

— Sempre rui. Com algumas coisas — concordou ele. Então consultou o relógio. — Preciso voltar. Ficarei ocupado o resto do dia e boa parte da noite. Espere por mim, para que eu possa lhe dar um beijo de boa-noite quando chegar a casa.

— Estarei com o jantar pronto, se você quiser. Jake meneou a cabeça.

— Vou jantar fora. — Ele franziu o cenho. — Você não precisará cozinhar depois que nos casarmos. Gosto de ter um chef francês na cozinha. Teremos empregados também, e uma governanta. Você terá tempo de se divertir e fazer o que gosta. Não vai trabalhar mais. Pode pedir sua demissão hoje.

Maureen começou a falar, mas ele já estava dando instruções para Harry. Jake estava desenhando um futuro muito insatisfatório para ela. Amava-o e queria muito ser sua esposa. Mas ele iria lhe roubar o que sempre sonhara que era ser esposa e mãe.

Iria cercá-la de empregados, tirar-lhe o emprego e transformá-la numa pessoa caseira. O que Maureen faria com os seus dias? Jake estava sempre trabalhando, e freqüentemente viajava a negócios. Já não seria fácil conviver com essas ausências sem ter muito tempo livre para sentir a falta dele.

Ela não falou uma palavra sobre aquilo, mas voltou para o escritório sentindo uma horrível melancolia. A vida era bem mais simples quando namorava um mecânico que ia para casa todos os dias e gostava de ir jogar boliche em sua velha picape.

CAPÍTULO NOVE

CHARLENE entrou no escritório de Maureen e fechou a porta, meneando a cabeça.

— O detetive, não? — perguntou com expressão curiosa. Maureen olhou para cima.

— Você não está mais surpresa do que eu. Primeiro, pensei que ele fosse um espião industrial. Depois, pensei que fosse um mecânico. Então achei que era o detetive particular. Enquanto isso, ele estava tomando café da manhã comigo, brincando com meu papagaio e me levando ao cinema. — Ela olhou inexpressivamente para Charlene. — Ele não parecia um milionário.

— Não é de se admirar que você estivesse tão pálida. — Charlene sorriu. — Meu Deus, o próprio MacFaber! Você é a nona maravilha do mundo esta tarde, e eu sou uma celebridade porque sou sua amiga. — Ela riu. — Uma das datilógrafas quer lhe pedir um autógrafo. Disse que acredita em contos de fadas agora.

Maureen teve de sorrir.

— Pode parecer, mas é muito mais difícil do que você imagina corresponder às expectativas de um Príncipe Encantado. Fomos almoçar num daqueles restaurantes caros e as pessoas o olhavam como se ele fosse louco.

— MacFaber não é louco. Ele deixa outras pessoas loucas — interrompeu Charlene. — Posso ver seu anel?

Maureen estendeu a mão. A luz refletiu, fazendo a jóia brilhar lindamente.

— É incrível! — exclamou Charlene com um suspiro.

— Minha vida é incrível. — Maureen meneou a cabeça.

— Não sei como vou lidar com isso. Eu o amo, mas será um choque de cultura.

— Tudo que você precisa fazer é sorrir e gastar dinheiro — Charlene a assegurou.

Mas depois que sua amiga saiu, o sorriso de Maureen desapareceu. Dinheiro não era importante em sua vida. O amor era. Queria Jake só para si. Não queria ter de compartilhá-lo com os negócios e ficar com as sobras de seu tempo. Queria ir a lugares com ele para se sentar e conversar. Passar as noites relaxando diante de uma televisão. Isso era muito melhor do que ter roupas de grife e gastar muito dinheiro. Tinha a impressão de que esposas de milionários eram as pessoas mais solitárias do mundo.

Ela digitou sua carta de demissão e, uma vez que não tinha chefe no momento, deixou-a sobre a mesa do Sr. Blake antes de ir para casa. Deu um tapinha em seu Fusca amarelo e entrou, pensando que teria de se desfazer dele, porque Jake Edwards

podia não se importar, mas Joseph MacFaber não ia querê-lo na sua garagem, ao lado do Rolls-Royce.

— Não se preocupe — ela falou para o carro quando parou na garagem. — Vou escondê-lo no mato, se necessário, mas eles não vão mandá-lo para o ferro velho.

Maureen entrou em casa e alimentou Bagwell antes de preparar sua própria comida. Seria bom se tivesse uma companhia para o jantar.

Subitamente, desejou que seus pais ainda estivessem vivos. Seria bom contar-lhes sobre seu noivado, sobre Jake. Dizer a eles que ele era bonito, forte, e tinha um bom coração. Eles teriam perguntado se ele podia sustentá-la, e Maureen teria sorrido ao dizer-lhes o que Jake fazia para viver.

O pensamento a deixou triste. Lágrimas escorreram por suas faces e caíram sobre a toalha da mesa. Parecia irônico que uma pessoa esperasse anos por um acontecimento incrível, e, quando ele finalmente chegava, não havia ninguém a quem contar.

Ela lavou o prato e se serviu de uma xícara de café. A única coisa feliz em sua vida era que ia se casar com Jake. Olhou para o anel de noivado e pressionou-o nos lábios. Ele queria passar a vida ao seu lado, queria filhos dela. Também a desejava com ardor. Talvez algum dia pudesse aprender a amá-la.

Era quase meia-noite quando ele bateu à porta da cozinha. Maureen ainda estava de jeans e camiseta, assistindo televisão, uma vez que o dia seguinte era sábado. Bagwell estava dormindo na gaiola coberta.

— Você parece péssimo — ela falou para o homem cansado do outro lado da porta.

— Sinto-me péssimo — disse ele em voz baixa. — Acabei de sair de outra reunião. Não imagina como é complicado ter um erro na produção, que é encontrado nos primeiros estágios de teste.

Ela deu um passo atrás para deixá-lo entrar. A gravata estava frouxa no pescoço, o paletó, jogado sobre o ombro e preso por um dedo.

— Você quer café ou prefere deitar no meu colo e dormir? — perguntou Maureen gentilmente.

Ele a puxou para um beijo terno.

— Posso ter os dois?

— Com minha bênção.

Ela serviu-lhe uma xícara de café preto, e os dois se acomodaram no sofá. Os cabelos de Jake estavam despenteados, pelos despontavam no queixo. Ele bebeu o café com os olhos quase fechados. i

— O exame de sangue é amanhã, às 10h. Não podemos esquecer.

— Não esqueceremos. — Ela acariciou-lhe os cabelos, adorando a liberdade de tocá-lo. — Coitado... Está tão cansado...

Jake pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

— Nunca tive alguém me esperando em casa antes. — Ele virou a cabeça para estudar-lhe o rosto. — É gostoso, Maureen.

— Nunca esperei ninguém voltar para casa, e acho gostoso também — concordou ela, sorrindo. — Pensei que viveria e morreria sozinha. — Baixou os olhos para onde a camisa de Jake estava aberta e percebeu que não se sentia mais envergonhada pela intimidade que eles compartilhavam. Parecia certo e natural, uma parte da união dos dois. — Eu posso usar lentes de contato, se você quiser. Isso vai melhorar um pouco minha aparência.

— Sua aparência não precisa melhorar — replicou ele. — Gosto de você como é com óculos e tudo.

Aquilo a animou.

Que tal se eu tingir meus cabelos de verde e cor-de-rosa, então? Eu poderia dar festas loucas, com muito rock e deixá-lo famoso.

Ele riu. Surpreendia-o que pudesse fazer isso com tanta facilidade na presença de Maureen, quando raramente ria antes de ela aparecer em sua vida.

— Não importa o que você faça — replicou —, não vou tingir meus cabelos de verde e cor-de-rosa por você.

Rindo, Maureen inclinou a cabeça contra o braço forte.

— Sou uma pessoa diferente quando estou ao seu lado — ela comentou. — Você desperta qualidades que eu nem sabia possuir. Em geral, sou muito tímida com as pessoas.

— Você estava muito tímida ontem à noite, pequena — sussurrou ele contra a testa dela. — A maior parte do tempo, pelo menos.

Maureen enrubesceu.

— Pare. — Então estudou os olhos escuros, lembrando-se dos mesmos momentos. — Como você pode ser tão carinhoso depois de dois anos sem uma mulher?

— Você era virgem — respondeu ele, roçando-lhe os lábios. — Eu não poderia pôr meu próprio prazer acima do seu, poderia?

— Pelo que li alguns homens fazem isso.

— Eu me importo com você. — Jake provocou-lhe a boca com a sua. — Era isso que esperava?

— Não realmente — confessou Maureen. — Nunca imaginei fazer isso ao ar livre e em plena luz do dia.

— Estávamos seguros. Felizmente, não temos vizinhos por perto. — Ele estudou-lhe os olhos. — Gosto do nosso ato de amor mais do que você imagina. Mas quero que saiba que não planejei aquilo. Eu não pretendia ir tão rapidamente, mas quando senti seu corpo contra o meu, sem nada no caminho, foi impossível parar.

Maureen sorriu.

— Cada vez que me lembro do que fizemos ontem à noite, eu o quero de novo — sussurrou.

Jake segurou-lhe a nuca, inclinou a cabeça e cobriu-lhe a boca com a sua. Beijou-a com paixão, até que Maureen estivesse ofegante, querendo as mãos dele sobre seu corpo.

— Eu também a quero — sussurrou ele contra os lábios dela. — Mas isso é tudo que teremos. Se você me quer novamente, terá de se casar comigo, primeiro.

— Chantagem — protestou ela.

— Chame como quiser. — Jake mordiscou-lhe o lábio e se sentou ereto, terminando seu café. — Não me lembro da última vez em que estive tão cansado. Preciso dormir um pouco.

— Olhou-a com um sorriso. — Não quero ir embora, mas, se eu ficar aqui, nós nos amaremos antes do amanhecer. Não posso ficar perto de você sem pegar fogo.

— Isso é muito lisonjeador. Ele se levantou.

— Você pode dormir até as 9h, e eu ligo telefone para acordá-la. Faremos o exame de sangue e pediremos a licença.

— Amanhã é sábado — apontou Maureen.

— Sou milionário — Jake a lembrou. — Dinheiro abre portas.

— Imagino que sim.

— Além disso, sábado não é feriado nacional. Ela fez uma careta.

— Não espere que eu pense. Tive um dia chocante.

— E a noite anterior, foi chocante?

— Você nem sempre foi experiente — acusou ela.

— Não, não fui. Na minha primeira vez, fui covarde e fugi — confessou Jake com uma risada.

— Obviamente houve muitas próximas vezes. Você é muito experiente.

— Sou homem — disse ele, levantando-a e colocando-a a sua frente. — Tive de aprender como ser um. Mas nunca engravidei uma mulher ou seduzi virgens. Até ontem, pelo menos.

— Desculpe. Eu não quis parecer ciumenta.

— Gosto que você tenha ciúme — murmurou ele. — E, se quer a verdade, não houve tantas mulheres assim. Eu sempre fui seletivo e nunca quis um relacionamento íntimo. Não até que você chegasse e me tirasse os pés do chão.

— Eu não sou bonita.

— Querida, você é fantástica — disse ele, a voz profunda e sedosa. — O que existe em seu interior a torna linda. Tem um coração enorme, e quando ama, ama com sua alma. Eu não a trocaria por Helena de Tróia.

— Oh, Jake...

Ele a beijou. Em seguida, a afastou gentilmente.

— Pare de me olhar assim. Já estou tremendo. Eu a desejo tanto.

— Nós poderíamos...

— Não poderíamos — interrompeu ele brevemente. — Vá para a cama. Temos um grande dia pela frente. — Após um beijo de boa-noite, virou-se e partiu.

Eles fizeram os exames de sangue na manhã seguinte e obtiveram a licença. A cerimônia foi marcada para segunda-feira. Seria apenas no civil, Jake a informara, porque precisava voar para Chicago naquela noite.

Maureen estava chocada por ele sequer poder tirar o dia de folga para se casar.

— Mas será o dia do nosso casamento! — protestou. Ele a fitou com olhos estreitos.

— Não sou mais um mecânico. Administro uma corporação gigantesca, e já tive muito trabalho para colocá-la em ordem, porque passei o último ano delegando muita autoridade. Passei as últimas semanas descobrindo por que meu jato não voava. Estou atrasado, Maureen. A lua de mel terá de esperar.

— Então posso ir para Chicago com você? — perguntou ela esperançosamente. — Não vou atrapalhar...

Ele se aproximou e segurou-a pelos braços.

— Pode ir comigo, se quiser, mas ficarei fora quase à noite inteira. Nós nos veremos muito pouco. E preciso ficar lá por quatro dias. E quanto a Bagwell?

Maureen fez uma careta.

— Ele morreria sem mim. E não posso levá-lo...

— Temos a vida inteira pela frente, querida — murmurou ele. — Estes poucos dias não vão importar. Especialmente quando já antecipamos nossa noite de núpcias.

Ela corou e baixou os olhos para o peito dele.

— Sim, eu sei. Ainda me sinto culpada com relação a isso.

— Talvez não acredite, mas também me sinto. Por isso, insisti para que esperássemos até estarmos casados. Não faça drama com isso, certo? São poucos dias, e lhe telefonarei sempre que puder. Seja uma boa menina e use seu tempo para organizar tudo no trabalho e reunir suas coisas. Quando eu voltar, iremos procurar uma casa para morar.

Ela assentiu. Afinal, o que mais podia fazer? Quando concordara com aquele casamento, sabia que o interesse principal de Jake seria a corporação.

— Certo. — Maureen tentou sorrir. — Não vou fazer drama.

— Não achei que faria — disse ele. — Você não é do tipo exigente. Esta é uma das razões pelas quais a escolhi como esposa. Não quero uma mulher que reclame de eu não poder estar em casa toda noite. Por isso, nunca me casei. Gosto de minha liberdade.

Maureen lembrou-se daquelas palavras com um tremor quando foi para a cama. Jake gostava da liberdade e a corporação vinha em primeiro lugar. Onde ela se encaixaria na sua vida? Se é que se encaixaria...

Ele estava lhe dando uma escolha impossível. Ela queria o casamento porque o amava, mas nada estava saindo do jeito que tinha esperado.

Maureen foi à igreja sozinha no domingo. Jake não ligara e também não atendera quando ela havia tentado telefonar para ele. Mas ele ligou depois do almoço, frio e distante. Até mesmo o beijo que lhe mandou pelo telefone foi distraído, como se estivesse falando mecanicamente.

Maureen estava mais nervosa a cada minuto. Não dormiu naquela noite, pensando se devia ou não prosseguir com o casamento. MacFaber não a amava, e esse já era um ponto contra eles. Tinham a criação e os estilos de vida diferentes, o que era outro ponto. Ela não sabia se existia alguma chance para eles, mas amava-o demais para voltar atrás. Talvez as coisas mudassem, pensou. Talvez Jake se apaixonasse perdidamente e não quisesse passar uma única noite sem ela. Maureen agarrou-se àquele pensamento e adormeceu, muito depois da meia-noite.

Eles se casaram às 10h da manhã seguinte por um juiz de paz, com Charlene e um dos vice-presidentes da companhia, o noivo de Charlene, como testemunhas.

Maureen chorou com a beleza simples da cerimônia, parada orgulhosamente ao lado de Jake num vestido branco e chapéu branco com um pequeno véu. Quando ele pôs a aliança em seu dedo e a beijou, as lágrimas ainda escorriam, mas ela sorriu de pura alegria.

Não havia tempo para uma recepção, então eles agradeceram às testemunhas e foram para casa, para que Jake pudesse fazer as malas para ir a Chicago.

Maureen esperava que quando chegassem a casa, Jake pudesse querê-la, uma vez que estavam casados agora. Mas ele se sentou à mesa enquanto ela fazia café, olhando para o espaço, pensativamente.

— Bem, estamos casados — disse ela, colocando café e pães na mesa e sentando-se diante de Jake.

— Sim, estamos. — Ele deu um gole do café. — Você quer procurar uma casa enquanto estou viajando, ou quando eu voltar?

— Eu gostaria de ir com você — replicou ela. — Não seria justo que eu escolhesse um lugar sozinha.

— Por que não? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Afinal, é você quem vai passar a maior parte do tempo lá. Às vezes, fico fora por uma ou duas semanas seguidas e, na maioria dos dias, trabalho até quase meia-noite. Nos fins de semana, tenho reuniões de negócios e conferências e, mesmo quando estou em casa, tenho relatórios para fazer e decisões para tomar.

Maureen poderia ter chorado. Era o dia de seu casamento, e ele já estava falando sobre deixá-la sozinha a maior parte do tempo no futuro.

— Passaremos algum tempo juntos, Jake?

Ele não gostou do olhar magoado que viu no rosto dela, ou do tom acusador na voz. Não tinha pensado em Maureen como uma mulher pegajosa, e não achava que poderia suportar se ela se transformasse em uma. MacFaber a fitou.

— Eu não faço as regras. Uma corporação cresce com a supervisão do dono, e passei tempo demais delegando responsabilidade. Fiz isso tão bem que quase perdi

meu negócio. Não posso voltar a ser negligente. Tentei lhe explicar que minha corporação é a maior parte de minha vida. Espero que não pense que vou substituí-la por algumas horas prazerosas na sua cama.

Maureen corou.

— Eu não entendo.

— O que quero dizer, Sra. MacFaber — começou ele com um sorriso zombeteiro —, é que você tem um corpo lindo, do qual gosto muito. Mas sexo é somente uma pequena parte de minha vida, e não a principal.

O mundo de Maureen estava desmoronando. Jake estava lhe dizendo claramente que só se casara com ela porque gostava de seu corpo na cama e que não tinha interesse nela, a não ser sexual.

— Foi por isso que você se casou comigo? Porque queria dormir comigo?

Ele suspirou. Não era assim que tinha pretendido colocar o assunto. Ela o estava pressionando.

— Você sabe por que me casei — disse ele, o tom de comando. — Gosto de sua companhia... quando não está me fazendo cobranças. — MacFaber se levantou. — Vou arrumar a mala. Ouça — acrescentou, parando à porta e fitando-a com olhos gelados —, não comece a tentar me prender. Faço as coisas do meu jeito há muito tempo. A última coisa de que preciso é uma mulher possessiva. Estamos entendidos?

Maureen teve de cerrar os dentes para evitar fazer um escândalo. Era o dia de seu casamento e ele a estava tratando como uma mobília indesejada.

— Sim, eu entendi. — Ela baixou os olhos para o chão. — Você nem mesmo... nem mesmo me quer? — sussurrou.

A resposta pareceu demorar uma eternidade.

— Agora, você quer dizer? Ela assentiu o rosto vermelho. MacFaber deu uma risada sem humor.

— Isso não vai funcionar. Você não vai me convencer a levá-la para Chicago dessa forma.

— Nunca pensei nisso — disse Maureen exasperada. — É o dia de nosso casamento. Apenas pensei... Esqueça.

— Não, não estou consumido pelo desejo — disse ele. Consultou o relógio. — Mesmo se estivesse, não tenho tempo para isso. Vejo você na quinta-feira.

Maureen pensou em perguntar se ele não ia lhe dar um beijo de despedida, mas desistiu ciente de que receberia outra resposta atravessada.

Observou-o sair pela porta com tristeza. Era a Sra. MacFaber. Não sabia nada sobre os pais dele, exceto que o tinham enviado para um colégio reformatório. Nem mesmo sabia os nomes deles. Não tinha idéia de onde Jake nascera, crescera ou que pasta de dente usava. Não sabia quase nada sobre ele. E, no momento, se perguntava o que dera nela para embarcar naquele casamento apressado.

Era possível que Jake fosse antiquado o bastante para se sentir culpado por tê-la seduzido. Ele dizia que a queria, mas certamente não tinha agido assim hoje, a mente voltada somente para o trabalho. Ia para Chicago apenas horas depois de terem se casado, deixando-a sozinha.

Maureen olhou para a porta fechada. Bem, se ele esperava que ela ficasse sentada ali por quatro dias enquanto ele ia a Chicago a negócios, teria uma boa surpresa. Ela não ia ser seu capacho. Se Jake queria uma mulher da sociedade, teria uma. Maureen iria comprar roupas e procurar uma casa. Contrataria seus próprios empregados e, se ele não gostasse disso, podia pedir o divórcio e viver sozinho!

Decidida, sentiu-se muito melhor. O único problema era que eles não tinham uma conta conjunta, e Maureen tinha apenas o dinheiro de sua poupança. Abriu seu talão de cheques e fez uma careta para o saldo pequeno.

Talvez pudesse arrumar os cabelos, pintar o corpo de verde, fazer uma toga de um dos lençóis coloridos e encontrá-lo assim no aeroporto. Os repórteres iriam adorar.

Ela riu da própria idéia absurda. Não, não podia fazer aquilo, nem mesmo para MacFaber. Teria de ser algo menos espetacular.

PARA COMEÇAR, decidiu, podia rasgar a carta de demissão e manter seu emprego. Do jeito que as coisas iam, talvez precisasse de seu salário até que pudesse arrumar outro emprego. Se MacFaber iria colocá-la em segundo plano na sua vida ela necessitava de alguma coisa para ocupar seu tempo. Ele não a queria cozinhando ou cuidando da casa, e acabara de dizer que só iria querê-la na cama de vez em quando. Portanto, Maureen podia muito bem trabalhar fora.

— Cenoura! — gritou Bagwell da mesa da cozinha.

— Você vai ficar cor de laranja — avisou ela, dando-lhe outro pedaço de cenoura e começando a preparar um bife para si mesma.

Depois de comer, sentou-se para ver televisão, enquanto pensava que, de todos os dias de casamento na história do mundo, o seu certamente tinha sido o pior.

Talvez Jake voltasse para se desculpar. Talvez decidisse que não poderia suportar Chicago sem ela, mesmo por alguns dias. Talvez declarasse seu amor de joelhos.

Bagwell a olhou, porque ela estava rindo um tanto histericamente.

Finalmente, não conseguindo mais se conter, Maureen discou o número dele. A ligação não foi atendida.

Ela se dirigiu à casa ao lado. Estava trancada, todas as luzes apagadas. Jake partira sem nenhuma palavra, como se ela não existisse.

Casar-se com MacFaber tinha sido um grande erro, concluiu Maureen. Mas não ficaria reclamando. Tiraria o melhor da situação até decidir para onde ir, porque certamente não queria viver com um homem que a tratava daquela forma.

Iria trabalhar no dia seguinte, decidiu. Então, daria a si mesma alguns dias para pensar no que faria de sua vida. Uma coisa era certa: não tiraria um centavo de MacFaber, de modo que ele não precisaria se preocupar com pensão alimentícia.

A única outra preocupação seria gravidez. Eles não haviam tomado precauções. Uma criança era definitivamente uma possibilidade, e Jake dissera que queria uma. Então por que a tratara daquela maneira, no dia do casamento? Estava temporariamente insano quando a pedira em casamento? Por mais que tentasse, Maureen não conseguia entender o comportamento dele.

Talvez tivesse dúvidas sobre a habilidade dela para lidar com uma casa, empregados, festas e todas as coisas esperadas da esposa de um magnata.

Maureen comprimiu os lábios. Poderia ir à biblioteca e ler alguns livros sobre festas e coisas assim. Aprender a ser uma boa anfitriã. Faria isso no dia seguinte, decidiu. Antes de acabar com tudo e fugir, iria mostrar a MacFaber que não era incapaz de organizar um jantar, motivar os empregados ou ser uma boa anfitriã.

CAPÍTULO DEZ

A VIAGEM de Jake para Chicago durou um dia a mais do que ele esperava. Era sábado de manhã, cinco dias depois do casamento, e Maureen estava esperando Harry ir apanhá-la no Rolls, como Jake combinara por telefone, e levá-la para recebê-lo no aeroporto. Jake tinha prometido lhe telefonar, e havia telefonado. Uma vez. Uma conversa rápida e tensa.

Ela havia pegado sua carta de demissão de volta e continuava trabalhando. Se ela e Jake fossem ter uma briga, então que fosse uma briga adequada. Maureen não iria se tornar uma amante glorificada. Se ele queria uma esposa, teria de lhe permitir ser uma, em cada sentido da palavra; cozinhando, cuidando da casa e fazendo amor com ele. Não se contentaria em ser uma conveniência. E somente porque MacFaber era um magnata que fazia as pessoas lhe obedecerem, não ia fazê-la obedecer também.

Quando chegaram ao aeroporto, Harry a acompanhou para encontrar Jake.

O coração de Maureen disparou ao avistá-lo. Ele usava um terno cinza muito chique, com uma gravata listrada, e estava incrivelmente bonito. Maureen, num vestido elegante, os cabelos elaborados num penteado e uma maquiagem cuidadosa no rosto, sentia-se mais apresentável do que nos últimos anos. Mas ele lhe deu apenas um olhar apressado, antes de se voltar para Harry.

— Espero que você tenha encontrado uma vaga perto. Estou muito cansado — disse, entregando a mala ao motorista. Harry assentiu educadamente, virou-se e começou a puxar a mala de rodinhas, deixando o chefe sozinho com a nova esposa.

— Como vai você? — perguntou Maureen friamente... não no tom de voz de uma recém-casada encontrando o marido vários dias depois.

Ele notou isso e detestou o jeito como as coisas estavam entre eles. Desejou que nunca tivesse falado tão friamente com ela no dia em que partira para Chicago. Deveria tê-la levado consigo e tentado compensá-la por deixá-la praticamente no altar a fim de cuidar de negócios. Revendo a situação, sabia que tinha cometido um erro monumental. Maureen ficaria desconfiada dali em diante, e era tudo culpa dele. Na verdade, ele havia sofrido o tempo todo em que estivera fora. Sentira terrivelmente a falta dela durante os últimos dias, e todos os seus arrependimentos pesaram nos ombros quando olhou para o rosto pálido e sofrido de Maureen. Intimidara-a casar sem lhe dar tempo de respirar, e então esperara que ela se comportasse como se nada tivesse acontecido. Sequer tinha lhe dado um beijo de despedida.

Não podia culpá-la pela expressão triste e perdida no rosto. Ele a colocara ali com seu medo de ser amarrado, de perder sua liberdade. Não tinha se dado conta do que o casamento significaria até que fosse tarde para voltar atrás. Precisara de alguns dias para aceitar aqueles vínculos, mas Maureen não sabia disso. Agora ele teria de lhe

mostrar que não lamentava a presença dela em sua vida. Mas podia ver que não seria fácil.

— Estou bem, apesar de cansado. E você? Ela não olhou para ele.

— Tudo bem.

Ele estendeu uma das mãos e tocou-lhe o rosto de leve.

— Vamos procurar uma casa hoje?

Maureen hesitou. Não tinha certeza de que haveria um futuro para eles, mas pelo menos aquela era uma oferta de paz.

— Se você quiser — replicou ela, mas afastou-se, porque a sensação dos dedos dele em sua pele era perturbadora.

Jake abaixou a mão imediatamente e fechou a expressão.

— Vamos passar no escritório — murmurou quando começou a andar entre a multidão. — Preciso deixar alguns papéis lá.

Ela sentiu a necessidade de tentar amenizar o clima entre os dois.

— Que tipo de casa você quer? Jake deu de ombros.

— Uma com portas e janelas. Maureen não pôde evitar um sorriso.

— E uma cozinha. Sei cozinhar, lembra?

— Você não vai cozinhar. Já lhe disse que quero um chef francês. — Ele a olhou.

— A casa que iremos comprar será muito grande para que você cuide dela sozinha. Encontrará coisas para fazer. Antes que se dê conta, seus dias estarão cheios.

E quanto às noites? ela queria perguntar, mas não ousou.

— Então, vou ser uma governante fantoche, é isso? Um item decorativo? Tudo bem. Neste caso, você pode me comprar um guarda-roupa novo e pagar minhas visitas ao salão de beleza...

— Ora, não foi isso que eu quis dizer. Mas, se você quiser um guarda-roupa novo, saia e compre um. Vou lhe dar um cartão de crédito.

— Obrigada — replicou ela docemente, enquanto andavam.

— Além disso, não vou largar meu emprego. Ele parou.

— Como?

— Você não vai me intimidar com este olhar de reprovação — disse Maureen. — Não vou parar de trabalhar. Se não me deixa ser uma boa esposa, ao menos terei uma carreira.

— Você não pode lidar sozinha com a casa que vou comprar — disse Jake irritado.

— Não? — desafiou Maureen. — Ou você me deixa fazer isso, ou vou continuar trabalhando e não vou morar com você.

MacFaber suspirou.

— Você é obstinada!

— Olhe quem está falando!

Eles se entreolharam. Nenhum dos dois cedeu, até que o absurdo da situação fez Jake começar a rir. Ela era corajosa. Ele não havia percebido até então que Maureen tinha atitude, já que ela sempre se comportara com timidez. Mas coragem não era algo negativo. Era um bônus. Maureen poderia se encaixar no seu mundo, afinal de contas.

— Você não precisa rir de mim — disse ela.

— Não estou rindo de você. — Jake a encarou. — Tudo bem. Tente manter a casa sozinha, e veremos se vai conseguir. Ela sorriu encantada por ter vencido.

— Farei isso muito bem. Gosto de cozinhar e limpar.

— Eu a lembrarei destas palavras no futuro. — Ele recomeçou a andar. Maureen estava acostumada com uma casa pequena. Provavelmente não fazia idéia do tipo de casa para a qual se mudariam. Mas era melhor deixá-la descobrir por si mesma.

— De qualquer forma, se tivéssemos a casa cheia de empregados, você teria de me comprar um gongo. Não é isso que os anfitriões da sociedade usam para pedir cada prato de uma refeição? Prefiro ter uma tuba e começar minha própria tradição.

Ele riu. Estivera muito sério em Chicago, mas Maureen o fazia rir. Era a única mulher capaz de fazê-lo rir.

— Eu não me importaria — respondeu Jake, escoltando-a para o carro, onde Harry segurava a porta aberta. — Contanto que você não pinte seus cabelos de cor de laranja — brincou.

Harry dirigiu ao redor das melhores áreas residenciais, passando por diversas placas que diziam "À Venda", até que Jake, ao ver uma casa de mármore de dois andares que lhe chamou a atenção, pediu que o chofer parasse.

O terreno ao redor da casa era magnífico, e havia garagens e quadra de tênis.

— Dez quartos, além dos aposentos dos criados do lado de fora, se não estou enganado — observou Jake. — Você gosta?

Maureen estava atônita. De alguma maneira, não tinha considerado dez quartos uma necessidade. Mas Jake provavelmente estava acostumado a receber hóspedes... parceiros de negócios. E agora ela começou a ter alguma idéia da magnitude das tarefas domésticas que insistira em assumir. Quase retirou o que tinha dito, mas era orgulhosa demais para voltar atrás.

A casa era muito bonita. Maureen conhecia aquela área de Wichita; era onde os milionários moravam. Estava acostumada a viver com salário de secretária, e o pensamento de entreter pessoas da alta sociedade lhe dava arrepios. Mas poderia fazer isso. Tinha de fazer. O sucesso de seu casamento dependeria de sua adaptação à vida de Jake.

Ela o olhou enquanto estavam parados no foyer com a corretora de imóveis, uma ruiva sofisticada que parecia encantada pela aparência de Jake.

Maureen ficou chocada pela onda de ciúme que a assolou, mas não ousou demonstrar nada. Ele não queria uma esposa pegajosa e possessiva. Então olhou ao redor, enquanto Jake prendia a atenção da outra mulher discursando sobre o que queria que fosse feito na casa.

A grande lareira de pedra da sala fascinou Maureen. Quase podia sentir o cheiro da lenha queimando no inverno, e visualizou-se sentada ali perto, com a cabeça no ombro de Jake e um braço forte a envolvendo. Suspirou. Isso seria difícil com a quantidade de horas que Jake trabalhava. Uma cena mais realística seria de Maureen com uma criança nos braços.

O pensamento a fez sorrir. Um garotinho, talvez. Vestido num daqueles tip-tops de lã, com as mãozinhas curvadas ao redor de uma mamadeira...

— A casa é o paraíso, não é? — A corretora se juntou a ela, com Jake logo atrás.
— Eu adoraria um tapete branco na frente, e o homem certo ao meu lado, enquanto o fogo queima na lareira.

Ele estava observando a expressão sonhadora de Maureen com curiosidade.

— O que está imaginando, Maureen?

Ela suspirou, ainda olhando para a lareira.

— Eu estava pensando em crianças.

Os olhos de Jake se suavizaram instantaneamente, e o olhar que lançou à esposa fez a corretora de imóveis pigarrear e começar a falar de preços e das vantagens da localização do imóvel.

Maureen virou-se, perplexa pela mudança de atitude da corretora. Jake estava olhando fixamente para sua barriga, e ela percebeu o que estava pensando. Meneou a cabeça, informando-o do que ele queria saber. O brilho nos olhos escuros desapareceu. Jake deu de ombros e virou-se para o hall sem dizer nada.

Maureen andou pelo enorme escritório e a pequena biblioteca, seguindo a corretora, intrigada pela atitude de Jake. Ele queria que ela estivesse grávida? Certamente não, quando alegava que estaria fora a maior parte do tempo. Se realmente quisesse filhos, teria de pensar em ficar perto deles. Não, provavelmente tinha sido apenas um pensamento passageiro. Agora que sabia que ela não estava grávida, Jake devia estar arrependido do casamento apressado. Maureen não conseguia mais entendê-lo. Conhecera o mecânico chamado Jake, mas o magnata era outra questão.

Depois de uma hora, Jake anunciou que ficariam com a casa, sem sequer consultar Maureen. O que só piorou a situação entre os dois.

Quando eles chegaram a casa, Jake pegou a mala da mão de Harry e o dispensou. Então, se virou para Maureen quando ela começou a ir em direção à própria casa.

— Aonde pensa que vai? — Ele segurou-lhe o braço, pondo a mala no chão, abrindo a porta de sua própria casa com a mão livre e impulsionando-a para dentro.

— Você pode me dizer... Oh!

Maureen foi interrompida pela pressão da boca dele contra a sua. Enquanto ele a beijava, estendeu a mão por trás, guardou a mala e trancou a porta. Então, pegou-a nos braços e começou a carregá-la.

— Paraíso — sussurrou contra a boca trêmula de Maureen. — Puro paraíso!

Ela se sentia assim também, mas não tinha fôlego para falar. Ele a jogou na cama e olhou-a, enquanto levava as mãos aos botões do paletó.

Atordoada, Maureen sustentou-lhe o olhar. Tudo tinha acontecido tão subitamente.

— Você está me mostrando o meu lugar? É aqui que vou me encaixar na sua vida? Uma diversão prazerosa entre viagens de negócios e trabalho no escritório?

As mãos grandes pararam nos botões da camisa. Ele a fitou com olhos tranqüilos.

— Você não esqueceu o que eu lhe disse antes de partir.

— Como poderia? — replicou ela. — Vá em frente, se você me quer. Sou sua esposa. Este é meu dever, e farei isso.

— Oh, Deus, não assim — exclamou Jake. — Não transforme sexo num acordo de negócios.

— Não é isso que sexo significa para você? — questionou ela, sentando-se. — Casou-se comigo porque me queria. Na época, pensei que você pudesse gostar um pouco de mim, mas fui dissuadida da idéia no dia em que nos casamos. Você me disse como ia ser. Gostava de minha companhia e de dormir comigo, mas a corporação vinha em primeiro lugar. — Maureen olhou para baixo nervosamente. — Se você tivesse parado para pensar, nunca teria se casado comigo. Somos diferentes como a noite e o dia. Você não gosta de minha aparência ou do jeito como me visto. E não acha que tenho sofisticação suficiente para entreter seus amigos.

Ela olhou para cima e viu a expressão nos olhos dele, o que a fez se contorcer internamente.

— Estou certa, não estou? — Lágrimas marejaram seus olhos. Maureen tirou os óculos para secá-las. — Por que não pede uma anulação? Não estou grávida, e você não precisa se preocupar com uma criança. Podemos seguir nossos caminhos e, da próxima vez, você se casa com uma mulher mais adequada.

Ele não sabia o que dizer. Sentia-se impotente, o que o deixava furioso. Afastou-se para acender um cigarro.

— Não quero uma anulação. Quero você.

— Não, não quer — disse ela. — Você quer a idéia de uma esposa e uma família, mas não está disposto há devotar nenhum tempo para elas.

— Tenho 37 anos — disse ele, virando-se para encará-la com olhos estreitos. — Nunca vivi com uma mulher. Nunca tive de dar satisfações a ninguém. Meu tempo sempre foi somente meu, e os negócios o tomavam.

— Crianças precisam dos dois pais — murmurou ela. — E não quero acabar como muitas mulheres da sociedade... com o hábito de beber ou com um amante, porque fico muito abandonada.

— Não posso lhe dar todo o meu tempo.

— Não estou pedindo isso — replicou Maureen. — Apenas quero mais do que momentos ocasionais em sua cama, e me sentir como uma garota de harém.

Ele fitou-a com seriedade.

— Foi assim que a fiz sentir quando fizemos amor?

Ela baixou os olhos para o peito largo e para onde a camisa estava desabotoada, revelando os pelos sedosos.

— Oh, não — confessou Maureen com voz rouca. — Você me fez sentir como toda mulher sonha sentir-se em sua primeira vez.

— Acha mesmo que eu teria me importado com o seu prazer se fosse o tipo de homem que está tentando descrever?

— Você está distorcendo as coisas, Jake.

— É você quem está. — Ele se aproximou, ajoelhando-se na frente dela, uma das mãos na coxa de Maureen, a outra, segurando o cigarro aceso.

— Quero viver com você. Não posso lhe prometer a lua, ou que estarei em casa todas às noites. Mas cuidarei de você, e juro de coração que não a transformarei em apenas um corpo em minha cama.

— Mas você não me ama — sussurrou ela, profundamente triste. — Apenas me deseja.

— Para um homem, às vezes o desejo vem primeiro. — Jake acariciou-lhe a perna, observando o tecido do vestido se mover sinuosamente sob seus dedos. — Você também me quer. Posso ouvir sua respiração mudando quando a toco.

— Sim, mas...

— Mas o quê? — Ele a inclinou para deixá-la deitada, deitando sobre ela e pressionando-a contra o colchão.

— Seu... cigarro — gaguejou Maureen.

— Dane-se o cigarro. — Ele cobriu-lhe a boca com a sua. De alguma maneira, depois daquilo tudo, o cigarro acabou em um cinzeiro, e as roupas deles, espalhadas pelo chão do quarto. Maureen sentia a pele de Jake queimando-a, o peito largo roçando em seus seios, a boca hábil explorando o contorno dos lábios.

Agarrou-se a ele, gemendo suavemente pelas sensações que Jake provocava, glorificando-se no doce prazer de amar. Ele sussurrava palavras eróticas em seus ouvidos, tocava-a com sensualidade, guiando-lhe as mãos, levando-a ao ápice da paixão.

Quando Maureen o sentiu erguendo-a, abriu os olhos para encontrar os dele.

Jake sustentou-lhe o olhar enquanto a penetrava devagar, fundindo os corpos e fazendo-a gemer mais alto, de puro prazer.

Ele riu ao notar a expressão dela, sentindo as unhas delicadas cravando-se em seus quadris. Maureen chorou ao atingir o clímax. Jake observou-a por um momento, somente então dando vazão ao próprio êxtase. Seus gemidos profundos se misturaram ao choro de Maureen, enquanto ela sentia o mundo girar ao redor.

Ela não conseguia parar de chorar. Ele a abraçou, tremendo em sua própria paz, e afastou-lhe os cabelos úmidos do rosto.

— Está tudo bem agora — sussurrou, tocando os lábios nas pálpebras de Maureen para secar-lhe as lágrimas.

Mas ela ainda chorava os braços ao redor de seu pescoço, o corpo tremendo.

Jake acariciou-lhe as costas.

— Observei você. Desta vez foi melhor do que a outra.

— Sim. — Ela enterrou o rosto no pescoço dele. — Não saia de dentro de mim.

— Não vou sair. — Jake rolou de lado, levando-a consigo, acariciando-a com seus lábios e mãos. — Está melhorando?

— Não. Desculpe, eu... Jake! — Maureen enterrou as unhas nele e arqueou o corpo em angústia, enquanto ele se movia contra ela e a beijava.

— Acalme-se agora. Chegue mais perto. Não vou soltá-la até que você sinta isso completamente desta vez. Beije-me.

Ela não achava que fosse possível sobreviver a tal explosão de sensações. Agarrou-se a Jake, girando entre o paraíso e a terra enquanto ele fazia seu mundo brilhar além de seus sonhos mais loucos. Estava a ponto de desmaiar de prazer, e nem mesmo conseguiu levantar a cabeça quando finalmente o sentiu se reter.

— Venha aqui, querida — sussurrou ele, aninhando-lhe a cabeça em seu peito. — Você está bem?

— Se eu morrer agora morrerei feliz — sussurrou ela com um suspiro trêmulo. — Eu o amo, Jake.

— Eu teria de ser cego para não ver isso — respondeu ele sorrindo contra a boca suave.

— Você não se importa? Jake meneou a cabeça.

— Não me importo. Só preciso me acostumar com isso. — deu uma risada amarga. — Nunca fui amado. Por ninguém.

Maureen emoldurou-lhe o rosto com as mãos e estudou-lhe os olhos.

— Seus pais...

— Eu fui adotado. Não adivinhou? — perguntou ele friamente. — Eles queriam filhos, ou assim acreditaram então me adotaram de uma jovem mãe solteira cujo nome eu nunca soube, quando me encenquei com a lei, eles culpavam a minha linhagem desconhecida e desistiram de mim.

— Mas você herdou a corporação?

— Meu pai adotivo não mudou o testamento, só Deus sabe por quê. Minha mãe tinha um seguro de vida, mas a corporação ficou para mim. — Jake rolou de costas, magnífico em sua nudez, e riu. — Você não pode imaginar como ela odiou isso. Não conseguiu tirar um centavo de mim. Ela bebia. E sempre que bebia, gostava de me dizer como eu havia transformado sua vida num inferno quando era criança. Metia-se em incríveis confusões e me chamava para livrá-la delas. Até a noite em que morreu tentando me matar.

— Oh, Jake... — Maureen o abraçou, o rosto aninhando-se no peito largo. — Todos diziam que você a amava, e pensei... Não sei o que pensei. Sinto muito.

— Eu queria amá-la — disse ele com pesar. — Mas minha mãe me detestava. Nunca entendi por que, a menos que ela e meu pai tivessem uma idéia errada do que significava ser pais. Acho que acabaram percebendo que filhos não são bonecos que se pode guardar numa prateleira e esquecer quando eles não são desejados.

— Isso é verdade — disse Maureen baixinho. — Mas esposas também não são.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

— Não sei muito sobre esposas. Nunca quis uma, até que você apareceu. Também não sei muito sobre crianças. Mas acho que podemos aprender juntos.

— Você vai conseguir tempo para isso?

Jake suspirou e tocou-lhe os seios com as pontas dos dedos, observando o corpo maravilhoso enrijecer.

— Oh, acho que vou conseguir. — Ele prendeu-lhe o olhar.

— Fale aquilo de novo.

— Eu... eu amo você — gaguejou ela, arqueando-se em direção aos dedos dele.

— Quanto?

— Mais do que qualquer um ou qualquer coisa no mundo

— Maureen conseguiu falar quando a boca dele desceu para a sua. — Exceto...

— Exceto? — Jake quis saber. Maureen levou as mãos para a nuca dele.

— Exceto pelo filho que vou lhe dar... daqui a nove meses a contar de hoje.

Jake tremeu e a beijou e abraçou fortemente quando, pela primeira vez, deu vazão à necessidade de ser amado.

CAPÍTULO ONZE

MAUREEN e Jake compraram a grande casa de mármore, e ela abandonou seu emprego. Mas, se Jake tinha pensado que ela não seria capaz de lidar com a nova vida, enganara-se.

Maureen leu livros sobre como ser uma anfitriã e administrar uma casa. Aproveitou a primeira viagem de Jake para tomar as rédeas. Contratou uma cozinheira. Não um chef francês, mas uma mulher gentil aposentada com muita experiência em comida caseira. E, além dela, uma governanta e uma empregada. Contratou um jardineiro. Foi às compras para obter as roupas certas e a um salão de beleza para cuidar dos cabelos. A única coisa que manteve foram seus óculos, porque, depois de tantos anos, pareciam fazer parte dela.

— O Sr. MacFaber vai chegar hoje, não é, Sra. MacFaber? — perguntou a Sra. Candles, a cozinheira. — O que devo fazer?

— Crepes de frango — respondeu ela imediatamente. — Ele adora. E uma salada de batata e aspargos. Um pudim de caramelo para sobremesa — Maureen a instruiu com um sorriso.

— Isso deve satisfazer o desejo dele pela cozinha francesa, e o meu pela americana.

— Sim, madame. — A Sra. Candles sorriu. — Vinho?

— Tomaremos café. Quero que ele mantenha a mente sóbria para ver as mudanças por aqui.

A cozinheira partiu meneando a cabeça.

Maureen colocou um lindo vestido de crepe pintado à mão nas cores do arco-íris. Deixou os cabelos soltos, caindo em ondas sobre os ombros. Não estava o epítome da esposa sofisticada de um magnata, mas parecia à esposa de Jake MacFaber, consolou-se.

Ele entrou pela porta no instante em que ela desceu a escada, e Clare, a nova empregada, foi rápida para pegar a pasta e a capa de chuva de Jake.

— Estava chovendo muito em Nova York — murmurou Jake, observando a pequena criada. Então olhou para Maureen e seus olhos brilharam.

— Você vai ser a sobremesa? — perguntou com voz rouca.

— Se você preferir a mim em vez de pudim de caramelo — disse ela, rindo. — Oh, Jake, senti tanta saudade!

Ela atirou-se nos braços dele, para ser girada no ar e beijada com ardor. Jake tinha ficado fora por três semanas, e ela mal suportara sua ausência, apesar de ele ter telefonado quase todos os dias.

— Você vai me matar com tantos beijos? — sussurrou ele.

— Posso tentar? — Maureen sorriu e beijou-o novamente.

— Não estou reclamando. — Ele a puxou para mais perto, o corpo tremendo um pouco. — Preciso de você, Maureen. Que tal fazermos amor na mesa do hall?

— A Sra. Candles vai desmaiar. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Quem? A propósito, quem é aquela? — Jake apontou na direção da criada que tinha saído.

— Clare é nossa empregada. A Sra. Candles é nossa chef. As sobrancelhas espessas se uniram.

— Ela é francesa?

— O bisavô dela era francês — Maureen assegurou. — E ela é uma excelente chef.

— Ouça querida...

— Podemos ir para a cama mais cedo, e lhe mostrarei o quanto senti sua falta. Mas agora, você precisa provar os crepes da Sra. Candles.

Ele permitiu-se ser persuadido, mas ainda estava relutante, até dar a primeira garfada no crepe. Então Maureen pôde ver toda a resistência se esvaindo.

— Maravilhoso! — admitiu Jake.

— Não falei? — Maureen sorriu. — Também temos um jardineiro, e comprei um novo guarda-roupa. Além disso, daremos um jantar na próxima semana para todos os executivos de sua corporação.

Ele piscou chocado pela atitude de comando dela.

— Bem, vejo que você andou ocupada.

— Com certeza — replicou ela, rindo.

— Não foi ao escritório para trabalhar?

— Não tenho mais tempo de trabalhar fora — murmurou ela. — Ando muito ocupada cuidando da casa e organizando tudo. Você gosta de nadar?

Ele a fitou, desconfiado.

— Sim.

— Ótimo.

Houve um súbito barulho no quintal.

— O que foi isso? — Jake começou a se levantar.

— Nada de mais. Apenas uma escavadora.

— Escavadora?

— Eles estão fazendo um buraco para a piscina — explicou Maureen calmamente. — Coma seu crepe, querido. Vai esfriar.

Ele franziu o cenho.

— Mais alguma surpresa para mim?

— Apenas mais uma — disse ela. — Mas não agora. Não quer batata com aspargos?

— Acho que não gosto de batatas com aspargos — respondeu ele, distraído. — Meu Deus, você não perdeu tempo! — acrescentou, rindo. — E pensei que não pudesse lidar com isso... Que tolo fui!

— Não entendeu o quão desesperadamente eu o amo — replicou Maureen, sorrindo para ele com olhos de adoração. — Quando você ama alguém, faz qualquer coisa para agradar.

— Verdade? — Os olhos escuros brilharam de modo travesso. — Bem, tenho algumas idéias a respeito disso. Para depois da sobremesa.

— Também tenho. — Ela segurou-lhe a mão carinhosamente. — Jake... Joseph — corrigiu, fitando-o com intensidade —, estou esperando um filho seu.

Ele não se moveu no começo, apenas a olhou. Então, a mão grande começou a apertar a sua.

— Você, o quê? Ela riu.

— Estou grávida!

— Meu Deus. Meu Deus! — Ele contornou a mesa, pegou Maureen nos braços e sentou-se com ela no colo. — Quando? De quanto tempo?

— Aproximadamente três meses. — Ela roçou o rosto contra o dele. — Eu queria ter certeza antes de lhe contar, e só tive hoje, quando fui ao médico.

— Estamos casados há pouco mais de três meses — murmurou Jake. E sorriu. — Aquela tarde em que você falou alguma coisa sobre nove meses...

Rindo, Maureen o silenciou com um beijo. Um momento depois, uma tosse discreta os apartou. Eles olharam para cima, enquanto a Sra. Candles punha o pudim na mesa. Ela sorriu para o casal.

— Pudim — explicou. — Muito saudável para grávidas.

— Como você sabe? — questionou Maureen.

— Tive seis filhos, não lhe contei? Vou buscar o creme e depois irei para o meu quarto ver televisão.

Jake riu quando a cozinheira saiu.

— Ela é fantástica — murmurou. — E muito mais agradável do que um chef francês temperamental, batendo louça na cozinha.

— Querido, se quiser, tenho certeza de que a Sra. Candles pode derrubar uma panela de vez em quando.

— Não é necessário — murmurou ele, beijando-a. — Estaremos muito ocupados para notar, certo?

Seis meses depois, Joshua Blake MacFaber chegou do hospital nos braços do pai, enquanto a mãe era gentilmente ajudada a sair da cadeira de rodas para entrar em casa. Tinha sido um parto difícil, acabando em cesariana, mas Maureen estava tão orgulhosa de seu garotinho que não se importava com o desconforto.

— Ele não é a cara do pai? — perguntou ela para a Sra. Candles depois que estavam no hall.

— Realmente é, senhora. — Ela sorriu para o bebê que MacFaber segurava contra o coração. — Os olhos dele serão escuros como os do pai.

Quando Maureen já estava na cama com o pequeno Joshua adormecido em seus braços, Jake ofereceu-se para pegá-lo, erguendo o bebê e sentando-se numa cadeira ao lado da cama.

— Você precisa cuidar de seu corte.

— Preciso mesmo? — provocou ela, os olhos brilhando com amor. — Ou você apenas gosta de carregar seu filho?

— Um pouco das duas coisas. — Ele tocou o minúsculo nariz de Joshua e uma onda de amor o envolveu. — Deus, ele é um milagre!

— Sim. — Maureen estendeu um dos braços e tocou o rosto de Jake. — Eu amo você. Obrigado por ter ficado comigo.

Porque ele tinha permanecido lá durante todo o trabalho de parto, até o momento em que a levaram para a cirurgia. Estavam preparados para um parto natural, mas algo dera errado no último minuto.

— Ele é meu também — Jake a lembrou, pegando-lhe a mão e entrelaçando seus dedos nos dela. — Como você.

— Não está arrependido de ter se casado comigo? — provocou Maureen, sonolenta.

— Lamento ter demorado tanto para encontrar você — replicou ele e não estava rindo. — Eu nunca disse, não é? Nem mesmo quando fizemos amor.

— Você não teria ficado comigo se não se importasse um pouquinho.

Jake olhou para as mãos entrelaçadas dos dois e para Joshua, dormindo tão pacificamente em seus braços.

— Tive de aprender o que era amor antes de poder senti-lo ou expressá-lo — disse ele simplesmente. — Descobri que ele torna um homem altruísta, que o faz colocar os sentimentos e as necessidades da outra pessoa em primeiro lugar. O amor nunca exige apenas aceita. — Os olhos escuros a fitaram com firmeza.

— Gibran disse que amor não pode ser controlado, que, se ele descobre que você é digno, controla você. — Ele apertou-lhe os dedos, enquanto o coração de Maureen bombeava no peito.

— Você ficará chocada se descobrir que o amor já vem me controlando há algum tempo, Maureen?

— Não deveria me chocar — confessou ela. — Mas acho que choca. Você é tão individualista...

— Eu amo você — sussurrou ele com a voz emocionada.

— Obsessivamente. Nem mesmo sei quando o sentimento se transformou em amor, mas sei quando percebi. Foi no dia em que voltei de Chicago e a vi no aeroporto.

Você parecia magoada e me senti arrasado pelas coisas que havia lhe dito. Senti tanto a sua falta, e nem mesmo podia lhe contar isso. Então voltamos para o dúplex depois de ter comprado a casa. — Jake deu um sorriso malicioso. — E eu lhe contei algo que nunca tinha contado a ninguém. Foi quando você fez amor comigo. E em algum lugar no meio disso, eu soube que você era meu mundo.

Ela corou com a doçura da lembrança e sorriu.

— Eu soube que o amava desde o começo, Sr. MacFaber. Mesmo que não soubesse seu nome, soube que era meu mundo desde a primeira vez em que o vi.

— Talvez a vida tivesse sido mais simples se eu fosse mesmo aquele mecânico.

— Teria. Mas eu não o amo menos por ser quem verdadeiramente é. — Maureen tocou o rosto adormecido do filho deles. — E Joshua também não o amará menos. Você será o mundo dele, também.

Ele teve de engolir em seco antes de responder. Admitir amor e ouvir aquilo tão abertamente era uma experiência nova. Mas muito, muito boa.

Erguendo os olhos para ela, sorriu.

— Ainda bem que deleguei muita autoridade na corporação. Tudo será muito menos complicado daqui em diante. Farei algumas viagens ocasionais para fora da cidade, mas estarei em casa na maioria das noites e nos fins de semana.

— Jake!

— Chocada? Eu lhe disse. Amo você. Não posso ser um bom marido e um bom pai se nunca estou em casa.

— Mas a corporação...

— Não é mais a minha vida. — Ele levou-lhe a mão à boca e beijou-a ternamente. — Você é.

Inundada de felicidade, Maureen sussurrou:

— Podemos fazer piqueniques, e festas de aniversário para Joshua.

— E para os irmãos e irmãs dele — acrescentou Jake com um brilho muito masculino nos olhos.

Ela perdeu o fôlego, seus próprios olhos começando a brilhar.

— Oh, meu amor!

— Há só um probleminha — disse ele e parecia tão sério que Maureen se sentiu apreensiva.

— Qual?

— Pode pedir para a Sra. Candles parar de fazer crepes de frango?

— Mas é seu prato favorito!

— Era até comermos isso todas as noites durante as duas últimas semanas — replicou ele, sorrindo.

Maureen caiu na gargalhada.

— Vou poupá-lo, não se preocupe. Você nunca mais comerá crepes de frango.

- Ótimo.
- Comeremos crepes de carne agora.

Ele começou a protestar, mas Joshua se mexeu e abriu os olhinhos. E a provocação bem-humorada foi perdida na magia de dois pais admirando seu pequeno infante.